

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

BRUNNA NHEVILLA DUTRA BARTH

HISTÓRIAS DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA  
DO COLÉGIO MILITAR DE CURITIBA

CURITIBA

2014

BRUNNA NHEVILLA DUTRA BARTH

HISTÓRIAS DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA  
DO COLÉGIO MILITAR DE CURITIBA

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação Matemática, no curso de Pós-Graduação em Ciências e Educação Matemática, Setor de Exatas, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna

CURITIBA

2014

Dedico este trabalho à minha mãe Jacira e ao meu marido Darlos, sempre presentes.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus pela luz que ilumina meus dias.

Ao querido Professor Dr. Carlos Roberto Vianna pela paciência, orientação, inspiração, pelas indicações de leitura e pelas aulas inesquecíveis. Faltam palavras para expressar toda a minha admiração e gratidão.

Ao Professor Dr. Emerson Rolkouski por ter me ajudado nos primeiros passos em direção à Educação Matemática. Devo a ele esta conquista.

À Professora Dra. Maria Tereza Carneiro Soares por tudo que com ela aprendi, por aceitar o convite para compor a banca e por suas sugestões preciosas.

Ao Professor Dr. Diogo Franco Rios pelas valiosas correções e contribuições concernentes a História Oral.

Ao comando do Colégio Militar de Curitiba, que permitiu a realização das entrevistas.

Aos professores, funcionários e alunos do Colégio Militar de Curitiba pelo apoio, sugestões e amizade.

À minha amiga irmã Lorena pelos momentos felizes que passamos no Colégio Militar de Curitiba.

À minha mãe Jacira, que sempre acreditou na realização deste sonho.

Ao meu marido Darlos pela ajuda e carinho durante todo o percurso deste trabalho.

Aos meus amigos e companheiros no mestrado: Alessandra, Alex, Diego, Henrique, Lucila, Luciane, Nelem, Rosane, Sheila, Suelem, Viviane e Viviane Bagio, que fizeram nossos dias mais divertidos.

À família Colégio Cecília Meireles pela acolhida e compreensão nestes dois anos de trabalho.



## RESUMO

Nesta dissertação, trabalho e memória estão presentes nas narrativas de trajetórias de professores marcadas pela busca de uma Educação Matemática no Colégio Militar de Curitiba. O objetivo da investigação foi o de instituir como fontes os textos construídos a partir de entrevistas feitas com professores de matemática do Colégio Militar de Curitiba, cujas narrativas evidenciam a interseção de histórias do trabalho, da carreira profissional e de suas vidas. A metodologia utilizada foi a da História Oral temática, com as entrevistas apresentadas na forma textualizada e validada pelos colaboradores. O resultado deste trabalho evidencia um conjunto de vozes que permitem ao leitor refletir sobre sua própria prática e sobre o ser professor.

Palavras-chave: Educação Matemática. História Oral. Colégio Militar de Curitiba.

## RESUMEN

En esta disertación, el trabajo y la memoria están presentes en los relatos de los senderos de los profesores marcados por la busca de una Educación de Matemáticas en el Colegio Militar de Curitiba. El objetivo de la investigación fue establecer como fuentes los textos construidos a partir de las entrevistas con los profesores de matemáticas del Colegio Militar de Curitiba, cuyas narraciones de relieve la intersección de las historias de trabajo, su carrera y su vida. La metodología utilizada fue la Historia Oral, con entrevistas que se presentan en texto y son validadas por los encuestados. El resultado de este estudio pone de relieve una serie de voces que permiten al lector a reflexionar sobre su propia práctica y sobre ser un maestro.

Palabras clave: Educación matemática, Historia Oral, Colegio Militar de Curitiba.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>13</b>
<b>3</b>	<b>UM POUCO DA HISTÓRIA DO COLÉGIO MILITAR DE CURITIBA</b>	<b>21</b>
<b>4</b>	<b>ENTREVISTAS</b>	<b>32</b>
	<b>4.1 MARCIO E LAERCIO</b>	<b>32</b>
	4.2 IZONEI	46
	4.3 ALZIRA	66
	4.4 MARCIA	71
	4.5 MAURÍCIO	74
	4.6 EDUARDO	79
	4.7 PAULO	83
	4.8 GABRIEL	86
	4.9 EDINALDO	90
	4.10 SAYMOM	109
	4.11 MARCELO	114
	4.12 CIBELE	117
<b>5</b>	<b>A ARTE MULTIVOCAL DA HISTÓRIA ORAL</b>	<b>122</b>
<b>6</b>	<b>RELATOS, VISÃO E MEMÓRIA</b>	<b>125</b>
	<b>REFERÊNCIAS FONTE</b>	<b>129</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>131</b>
	<b>LISTA DE OBRAS ACADÊMICAS SOBRE OS COLÉGIOS MILITARES</b>	<b>132</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Contar, ouvir e recontar histórias. Este ciclo já esteve presente na vida de muitos de nós. De forma mais ou menos acentuada as histórias e as experiências da nossa família ou do lugar onde vivemos povoaram nossos primeiros momentos como contadores de histórias. Conhecer a própria história na infância pode equivaler a conhecer a história dos pais.

É difícil imaginar, em nossa organização de sociedade, uma pessoa que não tenha história ou que não consiga contá-la, por meio de algum tipo de linguagem. Nós somos a nossa história, com toda a nossa complexidade, nossas lembranças e nosso esquecimento.

Com o passar dos anos acomodamos a nossa história da maneira que mais nos convém e todos os dias a ela agregamos experiências vividas ou emprestadas, vozes dos outros que podem ecoar por muito tempo em nossa mente e contagiar a nossa própria voz. Muitas vezes estas experiências ouvidas se tornam tão reais para nós que temos a sensação de tê-las vivido. Por meio desse entrecruzamento as memórias se confundem umas com as outras.

Nossas lembranças, as marcas do tempo e os significados podem ser contagiados pelas emoções, pelos sentidos e pela imaginação produzindo registros mais complexos e dinâmicos do que os que poderiam ser registrados em um papel.

Por vezes, essa complexidade torna-se tão presente que os acontecimentos passados são reorganizados, surgem novos valores e toda a riqueza das nossas experiências não pode ser expressa apenas pela fala. Contudo, por meio dela podemos encontrar indícios de novos caminhos construídos pelo tempo, pelas emoções e pelos novos significados que damos aos acontecimentos.

A história de uma vida é muito mais do que o registro de nascimento, casamento e óbito podem nos dizer. Ao longo de nossa vida realizamos tantos registros, passamos por diversas avaliações e classificações e podemos possuir muitos documentos, mas a nossa história é mais do que o conjunto dessas partes.

Ainda que tivéssemos um observador onisciente, a nossa história seria mais do que o seu relato, pois a ela estão ligados o nosso entendimento e os nossos sentimentos.

Quando contamos uma história mobilizamos a memória e os sentimentos, mas para contar a própria história precisamos, além disto, percorrer caminhos e fazer escolhas.

Ainda que estejamos sujeitos ao tempo marcado pelo relógio, para contar a nossa história podemos evocar outra temporalidade. Acontecimentos se afastam e se aproximam levados por leis internas que o próprio ser desconhece.

Buscar nossas lembranças e expressá-las pela fala: esse processo não é simples para todas as pessoas assim como não é simples reviver alguns momentos guardados na nossa mente.

Portelli (2010) nos permite observar como em algumas entrevistas os acontecimentos parecem dominar o locutor tomando posse das suas expressões e seu poder de crítica. Quanto mais sentimentos envolvidos mais poder os fragmentos da memória exercem nos afastando ou nos aproximando dos relatos conforme nos envergonham ou nos orgulham.

Este mesmo trabalho pode nos guiar na reflexão sobre as relações entre as lembranças, como se constrói nossa história e como ela assume forma em nossa fala.

Para contar a própria história é preciso procurar as informações nesses territórios independentes, onde perdemos o conforto, a segurança e onde as palavras têm vontade própria. Neste espaço onde o tempo e suas leis têm seu poder ameaçado, as histórias ouvidas e vividas podem se unir gerando novos entendimentos.

Podem existir isolamentos, mas para muitas pessoas é comum ouvir, todos os dias, histórias de outras. Essas histórias, de algum modo, exercem influência sobre nós. Nos livros de história, nos jornais, nas televisões, no convívio com outras pessoas tomamos ciência de fatos que marcam a nossa vida e de outros, fragmentos da história de diversas pessoas ligadas pelos mais diversos motivos.

Desde a educação básica aprendemos que as civilizações procuraram fazer com que suas histórias e costumes resistissem ao longo das gerações. Mesmo hoje, existe a preocupação de resgatar registros e tradições orais que preencham as lacunas de algumas histórias.

Nem sempre podemos conhecer totalmente a nós mesmos, mas algumas vezes podemos usar o outro como espelho, procurando semelhanças ou refletindo sobre características que temos dificuldade em assumir. Alguma peça que esclareça detalhes do nosso jeito de ser.

Por vezes, o outro é que nos permite ver e interpretar as lembranças que não podemos ver sozinhos e viver novas histórias, por meio da imaginação. São essas vivências que complementam a nossa história.

Neste trabalho entendemos a história oral como uma expressão legítima da vida e mentalidade de uma pessoa, pois em cada palavra falada encontramos uma marca pessoal, uma identidade do produto dos fatos e da sua organização interna.

Registramos aqui diversas histórias, contadas por professores de matemática, ligadas por um espaço: o Colégio Militar de Curitiba. Procuramos um caminho entre a história deste colégio, a história do ensino de matemática e a história de seus professores para construir um espelho que nos mostre o que ainda não conhecemos de nós mesmos.

Para isso escolhemos na interseção desses conjuntos a memória dos professores de matemática do CMC, das suas experiências nesse espaço, das suas relações com esse grupo distinto de alunos que o frequenta e deste contexto de disciplina e fraternidade militares.

Dentro destes muros, vigiados pelas sentinelas, acontecem relações de ensino que ofuscam as relações militares voltadas para a defesa e para a guerra. Mesmo tendo grande parte dos papéis destas relações ocupados por militares a rotina de um colégio comum se mantém: temos a pedagoga trabalhando com os planejamentos das ações dos professores, os professores ministrando suas aulas e prestando atendimento aos alunos, o grêmio estudantil com suas atividades de integração dos alunos. Também, estão presentes ali seções pouco comuns em outras escolas: a psicopedagogia e Seção de Estudos e Práticas Pedagógicas, que fiscalizam o rendimento dos alunos e prestam suporte para o aprimoramento de seus hábitos de estudo.

Além disso, existem os concursos, a ordem unida<sup>1</sup> e os bons resultados em avaliações nacionais. Estas características fazem parte da rotina dessa organização que chama a atenção das famílias, dos professores de outras instituições e da comunidade ao seu redor.

Hoje, em meados de 2014, é notório o destaque atingido pelos colégios militares, inclusive o de Curitiba, nas avaliações e índices de educação nacionais. Esses resultados chamam a atenção para o funcionamento destas instituições,

---

<sup>1</sup> A ordem unida é uma das atividades militares onde são treinadas as marchas militares e desfiles cívicos. Conjunto harmonioso cadenciado e equilibrado dos movimentos de marcha.

localizadas próximas a outras escolas, públicas e privadas, recebendo alunos concursados e filhos de militares de diversas cidades do Brasil. Existem várias hipóteses para o seu bom desempenho, mas nesta dissertação voltamos o nosso olhar para o trabalho do professor.

A pergunta norteadora desta pesquisa é: Quem são os professores do Colégio Militar de Curitiba, como chegaram e como trabalham neste colégio?

Para responder essa pergunta, e provocar o leitor a fazer outras, registramos as memórias destes professores. Cada professor contou a sua história juntamente com a história de seu trabalho neste sistema de ensino. O fio condutor de todas essas narrativas é a reflexão de cada professor sobre a própria trajetória desde o início do seu trabalho até seu estado atual. Por caminhos diversos cada professor expressa como se vê neste colégio e quais acontecimentos consideram mais adequados para ilustrar seus relatos.

Achei importante que todos os professores de matemática em exercício, no início de 2013, pudessem ter suas memórias registradas para que o leitor conhecesse o maior número possível de professores daquela instituição. Também, com a ajuda de militares, professores e funcionários, tentei contato com professores deste colégio já aposentados ou afastados por licença médica, contudo, não obtive sucesso. Foram feitas doze entrevistas em que treze professores compartilharam suas lembranças, totalizando quatro horas de gravação e oitenta e sete páginas de transcrição.

Esta dissertação consiste, portanto, em um registro de fontes orais, na instituição de um conjunto de histórias individuais que aproximamos para criar uma representação, dentre as infinitas possíveis, da história de uma coletividade.

Este trabalho também conta com atas, boletins de exército, portarias e documentos referentes à abertura e reabertura do colégio, bem como, regimentos, instruções militares, fotos de formaturas, trecho da Revista Científica do Colégio Militar de Curitiba de 2009, Manual do Aluno de 2014 e um conjunto de monografias, teses e dissertações sobre os Colégios Militares Brasileiros, encontradas em bancos virtuais de teses durante o mês de janeiro de 2014. A inclusão destes anexos tem a intenção de preservar juntamente com a história dos professores de matemática, em exercício em 2013, um pouco da história do Colégio Militar de Curitiba que também será explorada no terceiro capítulo desta dissertação.

Esse material e a experiência de entrevistar e conhecer melhor estes professores, que durante o ano de 2011 foram meus companheiros de trabalho,

agregaram novos entendimentos a minha prática e me permitiram tecer as compreensões sobre os professores de matemática do Colégio Militar de Curitiba e sobre a História Oral, presentes nos dois últimos capítulos desta dissertação.

Esta foi para mim uma experiência muito significativa como iniciante nos trabalhos usando a metodologia da história oral, tanto pelas leituras de preparação quanto pelas inúmeras reflexões e decisões que surgiram durante as entrevistas. Ouvir as entrevistas, mesmo depois da conclusão deste trabalho, ainda é uma atividade muito gratificante e enriquecedora, pois fui contagiada pelas memórias destes professores.

A conclusão desta pesquisa sugere - por meio dos registros das narrativas feitas por estes professores - a reflexão sobre as percepções da comunidade de professores de matemática que integram o CMC. Percebe-se que as diferenças e semelhanças que cada um pode encontrar ao olhar para as narrativas, e que as dúvidas sobre as práticas do outro, são importantes para conhecer melhor a própria prática profissional.

Que cada leitor possa conhecer estas histórias e usá-las para refletir sobre sua própria história, e experimentar a sensação de viver outras vidas.

## 2 METODOLOGIA

Esta pesquisa se deu por meio de entrevistas que ocorreram entre os meses de maio de 2012 e abril de 2013 com treze professores de matemática do Colégio Militar de Curitiba. Apenas três professores, do quadro de professores de 2013, não foram entrevistados por estarem impossibilitados de colaborar com a pesquisa nesse período devido à licença médica, dispensa para estudos ou incompatibilidade de horários.

O método usado para entrevista foi o da história oral: apresentei aos colaboradores o interesse central da pesquisa que era registrar a história dos professores de matemática do Colégio Militar de Curitiba contada por eles mesmos. Expliquei também que cada colaborador poderia falar o que acreditasse ser mais significativo para o registro de suas memórias. Não seriam respondidos questionários anteriormente preparados e padronizados. As entrevistas seriam gravadas em áudio, transcritas e que essas duas partes seriam inseridas na dissertação caso houvesse concordância de cada entrevistado após correções e recortes que eles mesmos achassem necessários. Expliquei também que não usaria recortes das falas dos professores para julgá-los ou julgar o trabalho que é feito no colégio, pois a motivação maior para a realização da pesquisa é permitir a preservação e a divulgação da história dos professores de matemática do Colégio Militar de Curitiba por meio de registros escritos e não a análise das metodologias que usam e seus aspectos positivos e negativos.

Muitos professores, apesar de me conhecerem anteriormente a pesquisa, se mostraram ansiosos principalmente no sentido de não terem acesso prévio a um questionário, ou seja, não seria uma tarefa fácil criar uma ordem elencando as lembranças que seriam mais significativas nestes relatos. Eles estavam preocupados também com os objetivos e divulgação da pesquisa, o que considerei muito natural por se tratar de registros sobre carreira profissional e por estar em ambiente militar.

Esta conversa com os colaboradores sobre a pesquisa, seu objeto de estudo e justificativa ocorreu anteriormente às entrevistas. Todos os professores de matemática que estavam atuando em sala de aula, naquele período, foram avisados no mesmo dia sobre a realização do trabalho. Mas devido a acontecimentos que não estavam ligados à pesquisa, as entrevistas começaram após um intervalo de duas

semanas. Segundo alguns entrevistados este intervalo entre os esclarecimentos e as entrevistas foi muito válido, pois puderam refletir sobre suas práticas e memórias, pensar sobre uma ordem para os acontecimentos e desenvolver maior confiança para expor as lembranças associadas às suas carreiras durante a entrevista. Concluí, por meio destes relatos, que mesmo não tendo pensado na viabilidade deste intervalo antes das entrevistas esta condição favoreceu a pesquisa, pois permitiu que os professores se mostrassem mais à vontade durante as entrevistas.

O segundo entrevistado também teve receio quanto à utilização do gravador de áudio, mesmo depois da explicação inicial sobre a metodologia da pesquisa. Por isso foi necessário explicar novamente a importância desta gravação para minha concepção metodológica e assegurar que ela não seria usada sem o seu consentimento e aprovação após os recortes que ele considerasse necessários. Além disso, ressaltéi que as gravações não seriam apagadas depois da transcrição, pois são partes que se completam.

A sala dos professores no Colégio Militar de Curitiba é uma sala usada para conversar e fazer refeições durante os intervalos, porém, atendimento a pais e alunos, correção de provas e outros assuntos pedagógicos são tratados em salas diferentes chamadas seções de ensino. Cada série possui uma sala para o seu conjunto de professores, pois não é comum um professor ministrar aulas em séries diferentes. Nela todos os professores das diferentes disciplinas de uma série tem cada um a sua mesa, armário, livros e materiais pedagógicos além de compartilharem uma mesa para refeições, reuniões ou atividades com os alunos.

Nestas salas foram realizadas as entrevistas. Em algumas delas as entrevistas contaram com a presença de professores de outras disciplinas que faziam os seus trabalhos, em outras, havia repartições que isolavam a entrevista das atividades dos demais professores.

As entrevistas não seguiram questionários, possibilitando aos colaboradores a criação de uma linha do tempo para os acontecimentos mais significativos em suas carreiras como professores e em sua vivência no Colégio Militar de Curitiba.

Alguns colaboradores sentiram-se muito à vontade no decorrer da entrevista, e foram necessárias algumas perguntas a fim de esclarecer termos por eles usados ou situações que não foram bem compreendidas. Outros manifestaram a necessidade de perguntas que guiassem o processo de busca às lembranças do seu trabalho no colégio. Por esse motivo, minha intervenção durante os relatos foi maior ou menor, sempre procurando dar mais espaço ao colaborador. Acredito que

a escolha de uma ordem para narrar os acontecimentos revela muito sobre o narrador.

Para ajudar os entrevistados no processo de organização das lembranças elaborei vinte e sete fichas<sup>2</sup>, com palavras que poderiam fazer parte dos relatos dos professores de matemática. Estas fichas tem medida aproximada de 5cm x 8cm, e foram usadas em todas as entrevistas. Elas eram espalhadas sobre uma mesa e eu explicava que poderiam ser usadas para provocar as lembranças. Os entrevistados poderiam organizá-las da maneira que achassem melhor, contudo, apenas o segundo entrevistado realizou uma reorganização das palavras. Os demais fizeram poucas referências a elas ou simplesmente não mostraram interesse em usá-las.

Também é importante ressaltar que as entrevistas foram motivadas pela ideia central de registrar a história e o trabalho dos professores de matemática do CMC e tecer algumas considerações sobre este processo de investigação deixando a cargo do leitor a reflexão sobre suas práticas.

Não foi imposto um limite de tempo para cada uma das entrevistas, e quando questionada por colaboradores sobre o tempo necessário para a entrevista sempre destaquei que o tempo necessário estava a critério dos entrevistados. Por isso todas as entrevistas tiveram durações diferentes.

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio no formato MP3 com o consentimento dos colaboradores expresso em cartas de cessão de direitos.

Como citado anteriormente, tive contato com os colaboradores durante o ano de 2011, quando trabalhei na instituição como Oficial Técnico Temporário, que é o regime de trabalho de alguns dos professores do colégio, porém, nunca anteriormente fiz algum registro das memórias destes professores. Procurei criar um ambiente agradável e interagir com os entrevistados para que estes percebessem que seus relatos eram importantes para mim e para outros professores de matemática.

Cada entrevista ocorreu em um único encontro. Esta escolha aconteceu depois da primeira entrevista, levando em conta o fato de ela ter atendido minha expectativa de tempo e a transcrição demandar bastante trabalho.

Grande parte dos entrevistados mostrou-se receosa, antes das entrevistas, quanto à possibilidade de relatarem algum acontecimento que não atendesse aos interesses da pesquisa ou do colégio, mas, em contrapartida, mostraram-se muito à

---

<sup>2</sup> As palavras usadas para a elaboração das fichas encontram-se na seção de anexos.



vontade durante os relatos mencionando inclusive fatos que não estavam diretamente relacionados com sua prática, mas que eram considerados importantes e ilustrativos no momento.

Percebi que o argumento que mais contribuiu para a existência de um ambiente de confiança e colaboração foi o de que muitas pessoas têm vontade de saber quem são os professores de matemática do Colégio Militar de Curitiba, que caminhos percorreram até chegarem nesta instituição e como trabalham. Foi a partir dele que os professores entenderam que não estavam sendo avaliados, mas que juntos estávamos construindo um registro histórico.

O objetivo inicial desta pesquisa era conhecer como se dava o ensino de álgebra no Colégio Militar de Curitiba por meio dos relatos de seus professores, o que se justificava pela curiosidade presente em muitos professores e em pessoas da comunidade sobre o funcionamento deste colégio. Eles e suas histórias eram importantes para este trabalho e para a história do colégio e sabendo disso conseguiram de modo geral vencer os constrangimentos sociais.

Apesar de já ter trabalhado nesta instituição, já ter sido questionada várias vezes sobre o seu funcionamento e de já ter contado para muitos colegas professores sobre o trabalho feito neste espaço no que concerne ao ensino de matemática, percebi a importância de conhecer a visão de outros professores sobre o assunto, professores que trabalharam nesta instituição há mais tempo como também os recém chegados, não apenas para satisfazer o interesse do público, como também o meu próprio interesse em conhecer mais e a partir de outros pontos de vista os resultados obtidos com o ensino de álgebra neste colégio.

Obtendo a permissão do comando desta organização militar iniciei o contato com os professores de matemática para explicar os objetivos e métodos desta pesquisa. Expliquei sobre a liberdade que tinham quanto à escolha dos fatos que relatariam, acerca da necessidade da gravação em áudio e também que eles poderiam alterar as informações ou suprimir partes de seus relatos caso achassem importante.

Como a entrevista em história oral era uma atividade nunca antes experimentada por mim, precisei refletir muito sobre o trabalho a ser feito e ler outras entrevistas que seguiam a mesma metodologia. A principal dificuldade estava em criar um ambiente agradável e confiante para que os colaboradores pudessem se sentir à vontade para falar sobre suas práticas e sobre as coisas que achassem mais adequadas e na ordem que mais lhes agradasse sem que para isso fossem

necessárias perguntas. Acreditava que seria difícil para os colaboradores organizarem uma fala e darem continuidade a ela sem o incentivo das perguntas e caso eles realmente não conseguissem essa continuidade a entrevista seria muito curta e com lacunas que prejudicariam o registro.

É importante esclarecer que durante as entrevistas as perguntas eram evitadas ao máximo a fim de não prejudicar a organização própria do colaborador e também evitar a pressão sobre determinados assuntos que poderiam não ser os mais importantes na opinião dos professores entrevistados. Esta escolha se deu pela leitura que fiz de Portelli (2010) e de Meihy (1996), pelo entendimento de que somente o relato dos colaboradores, sem interferências do entrevistador, representa a história legítima dos primeiros.

Por meio de reflexões em conjunto com o meu orientador chegamos à proposta de construir fichas de cartolina com palavras escritas que poderiam estar associadas a memórias da prática pedagógica, da carreira e da convivência dos professores entrevistados, como citado anteriormente.

Para a escolha das palavras foi necessário que me colocasse no lugar de um entrevistado e refletisse sobre tudo o que teria a contar sobre minha própria prática, carreira e vivência como professora de matemática, especialmente álgebra, no Colégio Militar de Curitiba. Desta forma foram elencadas aproximadamente quarenta palavras. Porém, o passo seguinte era justificar a importância destas palavras, no meu discurso, frente ao meu orientador. Esta tarefa me fez decidir que apenas vinte e sete palavras seriam suficientes para despertar relações entre temas e lembranças dos colaboradores.

O uso destas fichas também me permitiu momentos de reflexão interessantes, sempre no início das entrevistas, sobre a forma como os entrevistados se apropriavam delas: alguns entrevistados apenas olharam as fichas quando apresentadas e depois as deixaram de lado, outros olharam as palavras apenas “de canto de olho”, e alguns seguravam as fichas e as reorganizavam sobre a mesa. Da mesma forma, é interessante como alguns entrevistados criaram, na sala escolhida para a entrevista, muitas vezes tendo a companhia de outros professores, um ambiente acolhedor para a recomposição das suas memórias sentindo-se a vontade para contar suas experiências, com a matemática, anteriores à graduação.

A primeira entrevista foi feita com os professores Márcio e Laércio, que por sua proximidade e amizade preferiram expor suas memórias juntos. Expliquei-lhes

que as fichas com palavras poderiam ser usadas, caso quisessem, para ajudar a despertar alguns pontos de suas lembranças. Após isso distribuí as fichas sobre a mesa ao lado de onde estavam sentados e liguei o gravador de áudio. Nesta entrevista os colaboradores não utilizaram as palavras para iniciar seus relatos.

A partir desta primeira entrevista percebi que os caminhos trilhados por cada professor, suas concepções, a forma como veem seu trabalho e o colégio era o que realmente me interessava para o desenvolvimento do trabalho.

A segunda entrevista foi feita duas semanas depois com o professor major Queiroz. Este professor optou por organizar as fichas com palavras sobre a mesa e seguir estas palavras como ordem para o seu relato. Também optou por usar todas as palavras, ainda que no contato inicial houvesse lhe explicado que era livre para usar quantas fichas quisesse ou, se achasse melhor, nenhuma. Expliquei-lhe também sobre a necessidade de manter o registro de nossa conversa em áudio, pois não apenas validava a transcrição de nossa fala como também fazia parte de minha metodologia e concepção de trabalho.

Este professor pareceu sentir-se muito a vontade e o relato de suas memórias foi bastante extenso, abordando desde acontecimentos anteriores a sua graduação até suas expectativas de continuar seus estudos após aposentar-se do trabalho militar.

Nos dois meses seguintes não foi possível nenhuma entrevista devido à quantidade de compromissos dos colaboradores com notas e avaliações.

Em seguida entrevistei a professora Alzira, que foi umas das primeiras a trabalhar no colégio após sua reabertura em 1994. Sua entrevista seguiu rumos muito diferentes das demais, pois colocou seu foco principal sobre as peculiaridades do sistema de ensino do Colégio Militar. Ela também optou por usar algumas fichas de palavras sem ordená-las sobre a mesa, antes, em alguns momentos tomava uma única palavra e falava sobre seu entendimento sobre ela em seu trabalho.

Já no início de 2013, entrevistei no mesmo dia, separadamente, a professora Márcia e o professor Coronel Dequesh. A professora Márcia escolheu não usar as fichas e é possível perceber uma atenção especial em suas memórias ao bom comportamento e rendimento dos alunos do CMC. O professor Coronel Dequesh, por outro lado, expôs de maneira muito extrovertida sua ampla experiência no meio militar visto que vivenciou este espaço como aluno, como militar e posteriormente como professor no CMC.

A partir destas entrevistas o objetivo da pesquisa tornou-se mais claro e a importância de ouvir, dos colaboradores, as experiências que os tornaram os professores de matemática que são ganharam relevância. Também, a partir destas entrevistas, percebi que os professores não estavam mais usando as fichas, salvo em raros momentos. Talvez este fato se deu pelo amadurecimento do próprio entrevistador em sua forma de explicar os meios e os fins destas entrevistas. Mesmo assim continuei apresentando as fichas em todas as entrevistas, pois acreditava que todos deveriam receber o mesmo estímulo para o resgate das memórias como professor.

Os próximos entrevistados foram, na ordem, os professores: Eduardo, Paulo, Gabriel, Saymon, Edinaldo, Capitão Lisboa e Cibele. Em todas estas entrevistas podemos destacar o “sonho de trabalhar no Colégio Militar de Curitiba” como fator comum. Muitos professores expressaram sua admiração pelo Colégio Militar de Curitiba quando ainda estavam em sua graduação e a vontade de trabalhar neste espaço. Também se mostraram muito satisfeitos com os alunos e o sistema disciplinar.

Também é importante ressaltar a colaboração dos professores de outras disciplinas como: a Tenente Lorena, língua portuguesa; Tenente Cristiane, língua portuguesa; Isabel, geografia; Tenente Souza, história; Coronel Delcides, língua portuguesa; Capitão Maxsuel, língua portuguesa; Simone, geografia; Mariana, história; que fizeram sugestões sobre o encaminhamento do trabalho, referências bibliográficas e forneceram nomes de professores que já estão aposentados com os quais, infelizmente, não consegui contato.

Também o Major Koga que trabalha na seção pedagógica relatou muitas de suas vivências, com riqueza de detalhes, como aluno e como educador no Colégio Militar de Curitiba. Citou muitos professores de matemática que, segundo ele, fizeram um excelente trabalho antes do fechamento do colégio e também colegas de estudo que atualmente são militares também.

Todas as colaborações destes professores e educadores foram importantes para esta pesquisa, pois sugeriram a existência, entre os professores, de relações de união, colaboração e um sentimento de pertinência à história do Colégio Militar de Curitiba. Muitos professores também relataram sua satisfação pelo esforço de registrar um pouco da memória do Colégio com a intenção de que suas lembranças mais significativas não sejam apagadas, ou ainda, que possam ser contadas aos próximos alunos e professores.

O colégio já possuiu um espaço, o Museu Garança, para a reunião de fotos, documentos e uniformes históricos, bem como artefatos que fazem parte da memória do colégio. No ano de 2012 ele foi fechado, para que seu espaço pudesse ser utilizado para outras atividades, e o material que estava lá foi levado para outros espaços. Porém, diversos professores se mostraram favoráveis ao retorno do mesmo e o resgate dos vídeos feitos em comemorações e atividades de confraternização entre professores e alunos. Além disso, em quase todas as paredes do colégio se pode ver fotos de alunos que se destacaram em suas turmas, obras de arte feitas pelos alunos, fotos de comandantes e de professores que se destacaram em suas atividades, quadros que comemoram os feitos do Exército Brasileiro, ou seja, a comunidade escolar está muito ligada ao registro e conservação de sua história.

### **3 UM POUCO DA HISTÓRIA DO COLÉGIO MILITAR DE CURITIBA**

Segundo os documentos guardados no acervo histórico do Colégio Militar de Curitiba e expostos no site do Exército Brasileiro, foi no ano de 1889 que, pelo decreto 10.202 de 9 de março, do imperador Dom Pedro II, foi criado no Rio de Janeiro, o primeiro colégio militar do Brasil: o Imperial Colégio Militar da Corte, para que pudesse amparar, abrigar e preparar para as fileiras militares os descendentes dos combatentes da guerra contra Solano Lopes assegurando-lhes uma educação secundária, profissional e cívica de qualidade.

Hoje chamado Colégio Militar do Rio de Janeiro abriga os ossos de seu idealizador e principal defensor de sua criação, o Conselheiro Thomaz José Coelho de Almeida, cuja memória é anualmente homenageada neste e nos demais onze colégios criados, posteriormente, pelo Exército Brasileiro, sob os mesmos moldes, tradição e disciplina.

Em vários estados do Brasil, desde a sua fundação, sempre em cooperação com os governos estaduais que na maioria das vezes cediam o espaço para as instalações dos colégios, eles foram destaque e caíram na graça da população local, havendo a necessidade de que seus alunos amparados, filhos de militares, compartilhassem as salas de aulas com outras crianças da comunidade que eram selecionadas por concursos cada vez mais disputados. Seus desfiles semanais eram instituídos com todo o rigor dos regulamentos militares. As batidas produzidas pelo som dos instrumentos musicais e dos sapatos dos alunos que marcham ecoam histórias de honra, guerra, coragem, poder entre outros tantos substantivos que podem habitar o imaginário dos alunos, de suas famílias ao som das canções simultaneamente entoadas.

Pela data de início das atividades pedagógicas, que por vezes coincide com o ano de fundação, podemos ordenar a criação dos colégios militares brasileiros: Colégio Militar do Rio de Janeiro (1889), Porto Alegre (1912), Fortaleza (1919), Belo Horizonte (1955), Salvador (1957), Curitiba (1959), Recife (1960), Manaus (1972), Brasília (1979), Campo Grande (1995), Juiz de Fora (1995) e Santa Maria (1995).

Estes colégios formam a rede de colégios militares chamada Sistema Colégio Militar. Dentro da extensa história desse sistema é possível recortar o histórico do Colégio Militar de Curitiba. Esta história ainda não foi contada em livros,

foi pouco explorada<sup>3</sup> em dissertações e teses acadêmicas, também não está, atualmente, disponível no site do colégio, mas nos foi possível reconstituí-la através dos Boletins do Exército<sup>4</sup>, por meio da linguagem singular que povoa este meio, pelas revistas anuais repletas de material fotográfico, pela revista científica produzida pelo CMC, a *Kur' Yt' Yba*<sup>5</sup>, onde encontramos publicado o artigo do Major Armando, do Quadro Complementar de Oficiais, sobre o jubileu de ouro da instituição, pelo pequeno Museu Garança<sup>6</sup>, pelo Phanteon<sup>7</sup>, pelos murais de honra espalhados pelas paredes do comando, pelas cores e acessórios dos uniformes<sup>8</sup> de seus alunos e principalmente pelos relatos das memórias dos seus integrantes.

No ano de 1956, no mês de maio aos vinte e dois dias, uma nota ministerial<sup>9</sup> foi emitida, com caráter de urgência, tratando da necessidade da criação de colégios e ginásios militares nas capitais dos estados onde não havia escolas que preparassem os jovens para a carreira militar. Em sequência, no mês de agosto, o General de Exército Octavio Saldanha Mazza, Chefe do Estado Maior do Exército, encaminhou ao comando da 5ª Região Militar (composta pelos estados do Paraná e Santa Catarina) um ofício informando a criação de uma comissão para estudo das possibilidades da criação de um colégio militar em Curitiba com capacidade para no máximo 1000 alunos em regime de internato e externato. Esta comissão também estaria incumbida de levantar as seguintes informações junto ao governo do estado do Paraná: estimativa do número de jovens de sexo masculino que, anualmente ingressavam nos cursos colegiais e ginasiais nesta cidade, o número de estabelecimentos que ofereciam os dois níveis de ensino e os eixos norteadores do governo estadual na criação deste colégio, cessão de imóveis e auxílio material. Este ofício também ressaltava a necessidade de máxima brevidade no recebimento das informações.

Apesar de toda urgência expressa nesses documentos, somente no dia 27 de dezembro de 1958 foi publicado, em diário oficial, o decreto de número 45.052

<sup>3</sup> Como será exposto em capítulo posterior.

<sup>4</sup> Boletins de abertura do Colégio Militar de Curitiba. Em anexo.

<sup>5</sup> Expressão, de origem indígena, da qual derivou o nome da cidade de Curitiba. A expressão foi usada para nomear a revista científica anual do Colégio Militar de Curitiba. A parte referente ao histórico nela publicado se encontra em anexo.

<sup>6</sup> Pequeno espaço onde está guardada parte do acervo histórico do colégio. A palavra garança se refere ao tom de vermelho usado no uniforme dos alunos: "vermelho garança".

<sup>7</sup> Quadro de homenagem com as fotos dos alunos destaques de cada ano.

<sup>8</sup> Imagens dos uniformes dos alunos do Colégio Militar de Curitiba no manual do aluno em anexo.

<sup>9</sup> Uma digitalização desta nota, pertencente ao acervo do Colégio Militar de Curitiba, encontra-se nos anexos.

que criava, no bairro do Tarumã, o Colégio Militar de Curitiba, cujo funcionamento deveria obedecer ao prescrito no Regulamento do Colégio Militar do Rio de Janeiro também chamado de R/ 69. O decreto também autorizava o Ministro de Estado dos Negócios da Guerra a tomar as providências necessárias para que a instalação e o funcionamento do estabelecimento de ensino acontecessem no ano de 1959 e era assinado pelo então presidente Juscelino Kubitschek.

Segundo o artigo publicado pelo Major Armando e materiais do acervo do colégio, desde 1950 era interesse comum do governador do estado Moysés Lupion e dos representantes do Exército, principalmente do General Teixeira Lott (que assumiu o Ministério da Guerra em 1955) e do Tenente Coronel Alípio Ayres de Carvalho (primeiro comandante do CMC) a criação de um colégio militar em Curitiba, por isso, o então governador Moysés Lupion cedeu a área e instalações do antigo Parque de Exposições, que em outros registros aparece como Exposição do Café, ou ainda Exposição do Paraná, para que fosse instalado o colégio pelo Exército. O Exército ficou responsável pelo material e manutenção do estabelecimento e em conjunto com o Estado proveriam os profissionais docentes.

O efetivo inicial, ou seja, o número inicial de militares do Colégio Militar de Curitiba foi composto por seis militares: Tenente Coronel Alípio, Tenente Nascimento, Sargentos Ricarte Leonel da Rocha e Otto e os cabos César Prinz Salomão e Helmuth Gluch.

No dia 21 de abril de 1959 o Colégio Militar de Curitiba iniciou suas atividades e ano letivo quando às 8h00 min, o Tenente Coronel Alípio recebeu nos portões o governador Moysés Lupyon, entre outras autoridades civis, militares e eclesíásticas que participaram da solenidade da formatura.

Hasteada a Bandeira e cantado o Hino nacionais, uma comissão de mães dos alunos recém-matriculados entregou uma bandeira nacional em seda, com mastro e talabarte ao comandante do colégio. Na sequência, fizeram uso da palavra o General de Divisão Nelson Rebelo de Queiroz, comandante da 5ª Região Militar, mostrando as dificuldades da criação e instalação do colégio e salientando a valiosa contribuição do Governo do Estado, bem como o apoio da Região, e Governador Moysés Lupyon, que ressaltou a importância do CMC para o desenvolvimento cultural da juventude paranaense. Seguiu-se um desfile dos novos alunos perante as autoridades, precedido de um grupamento de ex-alunos de colégios militares, presentes à solenidade, na testa do qual estavam os Generais Nelson Rebelo de Queiroz, Nilo Horádio Sucupira e Eduardo Carvalho Chaves.



Segundo os registros históricos do CMC, feitos por militares desta organização e disponibilizados pelo Major Vianna, chefe da seção de relações públicas, as comemorações e festividades duraram o dia todo, na data que coincide com as comemorações do Dia de Tiradentes. Nas palavras do General Sucupira, esta feliz coincidência seria de grande significado para o CMC, pois simbolizava o que os alunos do CMC deveriam espelhar: civismo, patriotismo e defesa pelos ideais de liberdade como o referido mártir. Ainda segundo ele, esses objetivos seriam corporificados pela marcialidade, pelo entusiasmo e pela vibração do batalhão escolar, o qual teve como primeiro comandante o aluno Máximo.

Os primeiros 53 alunos tiveram sua primeira aula em uma mesma sala que estava dividida em duas por armários. Eram as turmas 11 e 12, e no livro de chamada não havia o número 1, pois este seria concedido ao governador Moysés Luyon, em homenagem, pela doação do espaço para as dependências do colégio.

A organização do CMC estava embasada no decreto nº12. 277, de abril de 1943, publicado no Boletim do Exército, regulamentando as instalações físicas, os horários de aulas e o número de avaliações que poderiam ser aplicadas por dia. O currículo e o programa de ensino eram os mesmos estabelecidos pelo Ministério da Educação e Cultura para a rede pública, tendo como diferencial os conhecimentos militares adaptados ao ambiente escolar, como por exemplo, a prática de ordem unida pelos alunos.

A postura dos alunos e bom comportamento eram cobrados dentro e fora do colégio sendo que os infratores eram severamente punidos. Nesta época os alunos usavam barretina – cobertura para a cabeça - juntamente com seus uniformes.

Apesar da satisfação da comunidade com os serviços prestados pelo colégio, segundo registros militares guardados no acervo do colégio, em 1963 houve uma ameaça de fechamento dos seus portões devido a uma decisão do Ministro da Guerra de diminuir gastos tendo em vista a pouca procura dos alunos pelas carreiras militares. Esta decisão estendia-se também aos Colégios Militares de Salvador, Recife, e Belo Horizonte, que seriam, então, transferidos à administração do MEC. Desta forma, o Colégio Militar de Curitiba foi transferido, através do Decreto Presidencial, para a administração da Universidade Federal do Paraná.

Neste período houve muitas manifestações por parte das associações de mães de alunos, de governadores, deputados e vereadores que eram contrários a esta decisão. Contudo, o ano letivo de 1963 se iniciou normalmente em março e

pelas mobilizações populares o Presidente João Goulart revogou, em julho, a decisão anterior.

Na década de 1970, durante o regime militar, muitas melhorias foram feitas no colégio com a intenção de atender mais alunos: foram construídas a piscina olímpica e a capela, novos pavilhões, laboratórios de línguas estrangeiras e o clube de ciências. O uniforme sofreu algumas alterações como o uso da boina. Também foi inaugurado o Pantheon que consiste em um grande quadro de fotografias em homenagem aos alunos destaques. Para integrá-lo os alunos deveriam obter médias superiores a 9,0 em todas as séries e ser comandante do batalhão escolar, ou seja, batalhão de alunos (maior posto que um aluno pode obter, obedecendo a diversos critérios de conduta e notas).

Durante trinta anos o Colégio Militar de Curitiba atendeu apenas meninos, do ginásio ao colegial, em regime de internato e semi-internato, incentivando determinada cultura e manifestações artísticas, participando de programas de TV, apresentações musicais, competições esportivas, tendo nestas como principais concorrentes os alunos do Colégio Estadual do Paraná. Tinham também como parceiras para os bailes e festas juninas as alunas do Instituto de Educação.

Em 30 de novembro de 1988 o Colégio Militar de Curitiba foi desativado, juntamente com os Colégios Militares citados anteriormente, com base na decisão do Ministro da Guerra, por meio de portaria, a fim de diminuir os gastos com atividades complementares e dirigir os recursos à atividade militar. Parte da tristeza da comunidade escolar ficou registrada nos depoimentos da Revista Anual do Colégio Militar de Curitiba de 1988, e novamente pais, alunos e ex-alunos tentaram reverter a situação ingressando na justiça com uma ação popular contra o fechamento do Colégio Militar de Curitiba, alegando inconstitucionalidade na Portaria do Ministro do Exército, e pedindo a reintegração de posse do colégio pelo estado do Paraná caso suas instalações não fossem destinadas ao ensino de 1º e 2º graus. Apesar desses esforços o CMC seria transformado em uma Escola de Formação de Sargentos.

Em 1993, diante das decisões do Supremo Tribunal de Justiça e do Supremo Tribunal Federal, o ministro do Exército assina a Portaria nº690, no dia 17 de dezembro, reativando o Colégio Militar de Curitiba.

As atividades pedagógicas foram reiniciadas apenas no dia 21 de abril 1995, com a ajuda do Estado que recrutou professores por contrato. Para os alunos foram disponibilizadas 700 vagas, das quais 210 eram destinadas a meninas, uma

novidade no colégio. Os demais colégios que foram desativados seguiram a mesma portaria: foram reativados e passaram a aceitar a matrícula de meninas.

Atualmente o colégio abre concurso apenas para o 6º ano, com uma concorrência média de 45 candidatos por vaga. Os alunos que se inscrevem para estes concursos passam por duas avaliações sendo a primeira de Matemática e eliminatória. Esta prova diminui drasticamente, todos os anos, o número de candidatos para a segunda prova. Esta situação que nos leva a refletir que o aluno concursado entra no colégio sabendo mais matemática do que, em média, outras 40 crianças.

A redução do número de candidatos facilita a tarefa classificatória da prova seguinte, de Língua Portuguesa, que além de perguntas abertas requer a produção de uma redação, ou seja, implica na redução de redações a serem corrigidas. Estas avaliações são elaboradas e corrigidas por professores de matemática e português do próprio Colégio Militar de Curitiba, de maneira sigilosa, supervisionados pelos coordenadores de Matemática e Língua Portuguesa, cargos exercidos por professores, militares de carreira, mais “antigos”<sup>10</sup> que outros militares. O conselho de professores é alterado a cada ano permitindo assim que todos os professores dessas disciplinas possam participar deste processo.

Os conteúdos avaliados estão presentes no currículo das séries iniciais da educação básica, contudo, a maior parte dos candidatos opta por frequentar cursos preparatórios, oferecidos pela rede privada de ensino, para este tipo de avaliação.

Todos os anos, 30 vagas, em média, são preenchidas por alunos oriundos do concurso. As demais 60 vagas do 6º ano são preenchidas por filhos de militares transferidos de diversas regiões do Brasil para Curitiba. Em virtude disso, o colégio mantém desde sua fundação a principal característica do Sistema Colégio Militar: promover um ensino assistencial e preparatório. A prática de acolher estes alunos está em consonância com a tradição de promover o bem-estar da família do militar atenuando as consequências causadas pelas inúmeras transferências que sofre.

Alunos que cursarão o 6º ano, amparados e concursados, são distribuídos em três turmas, não sendo permitida a criação de turmas com grupos homogêneos (não é permitida a criação de uma turma de concursados e duas de amparados, alunos amparados e concursados precisam ter a possibilidade de interagir em uma

---

<sup>10</sup> O termo antiguidade no Exército Brasileiro refere-se à graduação do militar: quanto mais importante for a sua patente maior será a sua antiguidade. O termo não se refere à idade do militar: um subtenente de 60 anos é menos antigo do que um capitão de 30 anos, por exemplo.

mesma sala). Este fato, segundo relatos dos professores, possibilita um maior aproveitamento dos conteúdos, devido à interação entre alunos com variados níveis de conhecimento.

O colégio tem obtido boas classificações em avaliações e indicadores nacionais como o ENEM e o IDEB. Também uma parte das vagas oferecidas em concursos militares, como os da Academia Militar dos Agulhas Negras, Escola Preparatória de Cadetes do Ar, Colégio Naval, Escola Preparatória de Cadetes do Exército, entre outros, são conquistadas por alunos do Colégio Militar de Curitiba. Esta característica do CMC pode reforçar a ideia de que o colégio está cumprindo sua missão preparatória. Registros do Colégio Militar de Curitiba indicam que 16 ex-alunos chegaram à patente de general das forças armadas.

O ensino no Colégio Militar de Curitiba está fundamentado na Lei de Diretrizes e Bases do Ensino Nacional (LDBEN), e na Lei do Ensino no Exército. Sempre foram ofertadas atividades de contraturno aos alunos de todas as séries, porém, a partir de 2013, o colégio está implementando uma proposta de educação em tempo integral, com uma grade de disciplinas obrigatórias ofertadas pela manhã e uma grade de atividades diversificadas à tarde. Nesta última estão incluídas: as atividades dos clubes de Ciências, Matemática, Inglês, Espanhol, Física, Desenho e Geografia/História, as aulas de reforço, as atividades de recuperação, as aulas de equitação, dança, teatro, coral, música (banda) e a prática de esportes. A LDB também regulamenta um procedimento muito conhecido pelos alunos do 3º ano do ensino médio do Colégio Militar de Curitiba: o Avanço. Todos os anos, os alunos (matriculados no 3º ano do ensino médio) aprovados em vestibulares de inverno podem requerer o adiantamento de estudos, conhecido nesta instituição como Avanço, e por consequência o certificado de conclusão do ensino médio com histórico, obedecendo alguns critérios, como por exemplo, o preenchimento, por parte de todas as seções de ensino, de um documento chamado “Nada Deve”, que consiste em uma lista assinada por professores garantindo que o aluno não deve livros, notas, trabalhos ou explicações a qualquer um deles.

Os pais são constantemente informados sobre o rendimento escolar dos alunos e convidados para atividades como formaturas<sup>11</sup>, entregas de boletins, shows de talentos, mostras culturais, festivais de dança e teatro, publicação anual de periódicos e da antologia dos alunos do 8º ano entre outras comemorações. Alguns

---

<sup>11</sup> Este termo refere-se aos desfiles de ordem unida, homenagens e eventos realizados semanalmente na área externa do pavilhão escolar.

fazem parte da Associação de Pais e Mestres, que entre suas atribuições, tem a de prestar assistência aos alunos carentes concedendo-lhes uniformes e materiais pedagógicos.

O colégio ocupa uma área de 197.065m<sup>2</sup>, incluindo todas as instalações administrativas, pavilhão de ensino, Corpo de Alunos<sup>12</sup>, sala da Associação de Pais e Mestres, casa de hóspedes<sup>13</sup>, instalações esportivas, campo de futebol, quadras de esportes cobertas e descobertas, dois ginásios cobertos, duas piscinas, instalações da Seção de Saúde<sup>14</sup>, refeitórios, auditório, Seção de Equitação e Companhia de Comando e Serviços<sup>15</sup>.

O colégio possui alguns animais como cavalos e ovelhas, que são tratados pela equipe de militares que prestam serviços no colégio. Os cavalos participam dos frequentes desfiles e competições, já as ovelhas são mascotes em todos os colégios do Sistema Colégio Militar, sempre sendo escolhida uma, que vai a frente de todo o batalhão escolar, nas formaturas semanais, adornada com o brasão do colégio e acompanhada por um casal de alunos do 6º ano: esta ovelha em todos os colégios militares brasileiros é chamada de Nicodemos, em homenagem<sup>16</sup> ao Coronel Nicodemos que promoveu a reabertura dos colégios militares em todo o Brasil.

Segundo o Regulamento 69 do Exército Brasileiro a organização geral de um colégio militar tem a seguinte composição: Direção de Ensino, Subcomando, Subdireção de Ensino e Divisão de Ensino, Corpo de Alunos, Divisão Administrativa, Ajudância Geral e outros setores definidos conforme as características de cada colégio militar.

A cada dois anos o comandante de cada colégio militar é substituído. Como diretor de ensino ele dispõe do Conselho de Ensino, do Conselho de Classe e da Comissão Permanente do Magistério.

O subcomandante, por outro lado, permanece no mesmo colégio até que atinja o tempo necessário para solicitar transferência para a reserva (aposentadoria) e envolve-se mais com o serviço militar da unidade.

---

<sup>12</sup> Seção onde são tratados assuntos referentes aos alunos de todas as companhias (séries), como por exemplo: matrículas, horários, comunicação com os pais, fiscalização do corte de cabelo, uniformes, inscrições para as atividades da catequese, problemas disciplinares.

<sup>13</sup> O colégio possui uma casa, nos moldes de um pequeno hotel, para hospedar militares e seus familiares que estão de passagem pela cidade.

<sup>14</sup> Seção composta por médicos, dentistas e enfermeiros que prestam atendimento gratuito a alunos, professores, militares e familiares de militares.

<sup>15</sup> Instalações que abrigam os soldados e todos os militares que fazem parte do serviço de segurança e manutenção do colégio, bem como as reservas de armamentos e materiais.

<sup>16</sup> Relato da tradição oral do Colégio Militar de Curitiba.

A Subdireção de Ensino e Divisão de Ensino compreende a Seção de Supervisão Escolar, a Seção Técnica de Ensino, a Seção de Psicopedagogia, a biblioteca, a Seção de Expedientes, a Seção de Meios Auxiliares e nove Seções de Ensino.

A Seção de Supervisão Escolar tem como objetivos: assessorar nos assuntos relativos ao processo de ensino aprendizagem, orientar e coordenar o trabalho docente e promover a atualização e aperfeiçoamento pedagógico.

A Seção Técnica de Ensino elabora e controla a execução dos planos de ensino e difunde as notas e classificações dos alunos, após a aprovação do diretor de Ensino.

A Seção Psicopedagógica faz o acompanhamento dos alunos nas avaliações diagnósticas, os auxiliando na compreensão de possibilidades e limitações estimulando a participação de familiares neste processo.

As seções de ensino estão organizadas da seguinte forma: Seção 1, reúne os professores do 1º ano do ensino médio, Seção 2, reúne os professores do 2º ano do ensino médio, Seção 3, reúne os professores do 3º ano do ensino médio, Seção 4, reúne os professores de Educação Física, Seção 5, reúne os professores de Língua Estrangeira Moderna, Seção 6, reúne os professores do 6º ano, Seção 7, reúne os professores do 7º ano, Seção 8, reúne os professores do 8º ano e Seção 9, que reúne os professores do 9º ano. Dentro destas seções são discutidos os assuntos referentes ao trabalho com os alunos, avaliações, problemas de aprendizagem e comportamento, organização das cargas horárias de cada professor, horários de aulas e atividades extraclasse, em cada série.

A Ajudância Geral pode ser comparada a um departamento de recursos humanos nas organizações militares. Neste setor são tratados os assuntos referentes à carreira de militares e professores.

O colégio possuía até o ano de 2013 um efetivo de 104 professores entre civis e militares. Estas duas categorias de professores se distinguem basicamente pela forma de ingresso, salário e responsabilidades.

Os professores civis têm seu ingresso assegurado por concurso público. Suas principais responsabilidades referem-se a ministrar aulas e prestar atendimento aos alunos. Seus salários variam de acordo com o plano de carreira dos funcionários públicos federais de nível tecnológico, independentemente do número de aulas que ministram que não pode extrapolar o limite de quarenta horas semanais, mas em média os professores permanecem, em sala de aula, 16 horas-

aula e durante as demais horas, que completam as quarenta horas de trabalho remunerado, permanecem em suas seções realizando atividades pedagógicas que incluem atendimento aos alunos com dúvidas sobre os conteúdos estudados. Segundo o relato de alguns entrevistados este é um dos diferenciais do colégio que implicam diretamente na qualidade dos serviços prestados pelos professores e no aproveitamento por parte dos alunos.

Os professores militares temporários ingressam por seleções abertas feitas pelos próprios militares do colégio. Estas seleções são compostas geralmente de provas de conhecimento específico, de didática e condicionamento físico. Os selecionados passam então por um período de treinamento militar tornando-se oficiais temporários do Exército Brasileiro e seus soldos variam de acordo com a patente alcançada ao longo do serviço que não pode ultrapassar o tempo de oito anos.

Existem também concursos para a admissão de professores militares. Os candidatos aprovados ingressam nas Forças Armadas com a patente de 1º tenente, e podem construir carreira como oficiais até atingirem o tempo necessário para solicitar a transferência para a reserva. O período de treinamento destes militares é maior do que o período dos anteriores e acontece na cidade de Salvador, de onde são transferidos para as diversas regiões do Brasil.

Os professores militares têm outras atribuições além das atribuições dos professores civis: eles também são responsáveis por serviços administrativos, como a elaboração de sindicâncias, a segurança do colégio, a função (regulada por escalas) de oficial de dia<sup>17</sup>, além de representarem o comandante e o colégio em eventos e ministrarem instruções aos praças<sup>18</sup>, entre outras atividades.

O professor militar está sujeito à hierarquia e regulamentos militares, podendo ser enquadrado em punições que não são aplicadas aos professores civis.

Podemos encontrar também, em algumas seções, professores cedidos pelo Estado, devido à escassez de concursos públicos e a preocupação em desviar um número mínimo de oficiais combatentes de suas atividades.

---

<sup>17</sup> Oficial responsável pela organização, segurança e administração da organização militar na ausência do comandante. Apenas um oficial assume esta função a cada dia. Todos os oficiais da unidade prestam este serviço sendo regidos por escalas.

<sup>18</sup> Termo referente à hierarquia militar. Os soldados, cabos, sargentos e subtenentes compõem o conjunto dos praças, enquanto os aspirantes, tenentes, capitães, majores e coronéis compõem o conjunto dos oficiais.

Os alunos não são considerados militares e nem tratados como tal, porém, preservam tradições do Exército que podem ser observadas no seu uniforme, postura e comportamento exigidos dentro e fora do colégio.

Em todos os colégios do sistema militar os uniformes admitidos para cada situação são os mesmos, e os alunos devem sempre apresentá-los em bom estado. Eles são muito semelhantes a uniformes militares e em quase todas as peças que o compõem possuem o nome de guerra do aluno, facilitando sua identificação nas atividades externas à sala de aula. Eles podem ser visualizados no Manual do Aluno<sup>19</sup>, que além das imagens possui indicações de uso em cada tipo de atividade ou solenidade.

Existem também regulamentos para cortes de cabelo, uso de adornos e porte de materiais. As contravenções a estes e outros regulamentos, bem como o baixo rendimento e reprovação podem ocasionar a exclusão do Sistema Colégio Militar.

Em contrapartida, os alunos que demonstram aptidão para os estudos, bom rendimento e comportamento recebem honrarias que ficam assinaladas em seus uniformes por meio de adornos, como, por exemplo, os alamares: cordões pendurados ao ombro, concedidos aos alunos, a partir do 8<sup>a</sup> ano, que possuem bom comportamento e notas sempre superiores a oito pontos. Os adornos também podem representar a hierarquia, instituída como forma de estimular os melhores comportamentos e notas, e variam entre a graduação de cabo-aluno até o posto de coronel-aluno que é o principal representante do Batalhão Escolar<sup>20</sup>.

---

<sup>19</sup> Em anexo.

<sup>20</sup> Conjunto de todos os alunos de um colégio militar.



## 4 ENTREVISTAS

### 4.1 MÁRCIO E LAERCIO

Brunna: Professor Laércio e professor Márcio eu gostaria que vocês me contassem um pouco da história de vocês como professores de matemática e também como professores de matemática no Colégio Militar de Curitiba.

Márcio: Está bem! Você começa Laércio?

Laércio: Pode começar Márcio!

M: Eu começo? Bom, a minha história tem a ver com o Laércio, porque eu lembro que me formei em 1998 na Tuiuti, no final de 1998, aí eu trabalhei um ano no Estado, no Paraná Educação e eu ouvi falar, um colega meu ouviu falar que estava tendo um concurso para oficial temporário aqui, de matemática no Colégio Militar. Então eu vim participar do concurso, quando eu vim participar do concurso tinha quatro candidatas. Foi bem interessante, e quem era avaliador era o (o chefe avaliador), era o Laércio. O Laércio era oficial e estava como subchefe. Você era subchefe ou chefe?

L: Eu era subchefe.

M: Subchefe da seção.

L: 1999

M: Foi em 1999 ou 2000, quando eu entrei.

L: Então eu estava chefe naquele ano. Chefe de seção.

M: O teste começou em janeiro de 2000 e foi concluído em fevereiro.

L: Exato.

M: Eram quatro candidatas e a prova era didática e o assunto que eu peguei era produtos notáveis. Eu tive que preparar uma aula e fui avaliado pelo Laércio, pela professora Alzira e o Coronel Vasconcelos.

L: Na época ele era o chefe da DE( Divisão de Ensino).

M: É, na época ele era o chefe da DE. Eles assistiram à aula e eu fui aprovado. Culpa do Laércio.

L: Eu fui culpado duas vezes.

M: Fui aprovado e comecei. É uma coisa interessante, você conhece bem Brunna, você é vestido com uma roupa de militar. Não tem história, não tem reclamação. Fazemos um estágio rápido, eu fiz no 5ºBLog<sup>21</sup> em 45 dias e voltei.

M: Quando eu entrei no Colégio Militar de Curitiba eu comecei a trabalhar no ensino médio, na segunda série e foi um desafio interessante, porque eu assumi a série sozinho. Aqui tem toda uma estrutura diferente do estado: a elaboração de provas, o plano de aulas, é tudo diferente, então é uma experiência interessante. A história do colégio, os alunos, a forma de dar aula é diferente.

L: Cobrança. Tem-se uma condição diferente. Aqui dentro do colégio você tem uma condição de exigir mais, cobrar mais, sem ter muita interferência do próprio aluno, dos próprios pais. Lógico que tudo dentro de um limite, você tem mais condições. Fora daqui é mais complicado. As regras lá fora são as mesmas daqui, elas são as mesmas, mas lá fora é mais difícil de cumprir. Aqui dentro você cumpre, então todo mundo aqui dentro acha que o colégio é bem diferente. Ele é bem diferente porque o aluno usa uma farda, o aluno tem obrigações civis e militares, ele tem que aprender a marchar, ele tem que aprender a prestar continência, ele tem que receber o professor na porta. Existe esse diferencial que é do militarismo, mas o aluno o mesmo aluno ali de fora: ele vai ter que estudar matemática, português vai ter que estudar tudo normalmente. As regras dentro da sala de aula são as mesmas: ele tem que prestar atenção, fazer a tarefa. Aqui a gente tem condições de cobrar isso porque se não ele perde ponto. Lá fora é mais difícil de você conseguir isso. Como o Márcio falou, também comecei há vinte anos atrás, há mais de vinte anos eu dou aula, eu comecei em 1994, mas antes de me formar eu já comecei a dar aulas.

L: No segundo ano da faculdade eu já comecei a dar aula porque o professor de matemática que era diretor do colégio foi meu professor e ficou sabendo naquele ano que eu estava fazendo matemática e ele estava precisando de um professor de matemática no estado e ele me chamou. Foi um desafio, já tinha decorrido um bimestre, colégio de estado, então eu falei: “- Não! Não, dá!” e ele disse: “- É muito simples, eu já conheço o teu perfil”, e eu acabei aceitando o desafio. Eu gosto de desafios. E estou ai até hoje, já se passaram vinte anos.

---

<sup>21</sup> 5º Batalhão de Logística, situado no bairro Pinheirinho, para onde são encaminhados os candidatos a Oficiais Temporários a fim de conviverem e aprenderem com a realidade de uma Organização Militar, estando sob a responsabilidade de um 1º Tenente e um Capitão escolhidos pelo comando que passam a acumular a função de treinamento. Este treinamento dura aproximadamente 45 dias corridos.

L: Já trabalhei em colégios do Estado, da região metropolitana, colégios particulares. Como o Márcio falou, comigo foi da mesma forma: um amigo me falou sobre o concurso do colégio, porém, no começo eu não sabia que seria militar. Este foi o diferencial. Eu achei que ia apenas dar aulas, tanto que fiz a inscrição no último dia. A minha foi a primeira turma de OTT (Oficiais Técnicos Temporários). Quando eu entrei no BLog (pensei) : “ - Vou ter que vestir uma farda!”. Eu fiquei “balançado”. Mas como eu já estava lá e gosto de desafios...eu vou encarar mais esse!

L: Ai eu encarei uma farda, todo o processo da farda da disciplina militar, instrução. Quando viemos para o colégio, ficamos um tempo ainda aprendendo como era o colégio e ai começou a vida na caserna.

M: E ai entrando aqui, na questão de colégio eu vi dois aspectos que me chamaram muito a atenção, primeiro: no Estado dificilmente a gente vencia o conteúdo e aqui eu vi que era uma escola conteudista, você tinha que vencer o conteúdo. Você tem um conteúdo planejado, preparado para o ano e você tem que vencer aquele conteúdo.

M: Outra questão, pra cada série você tem um professor de álgebra e um de geometria, nós trabalhamos no 8º ano, que também é dividido. O Laércio esta trabalhando álgebra.

B: Vocês acham isso interessante? Dividir?

M: Eu acho interessante porque o aluno ganha. Ao invés de ter um personagem falando duas linguagens, falando da matemática, ele tem duas pessoas com vivências diferentes, modos de interagir diferentes falando sobre assuntos específicos da matemática. Na verdade no oitavo ano são três personagens: tem o professor de desenho geométrico também. O Laércio trabalha com álgebra, eu com geometria e tinha uma professora que agora está de licença, que trabalhava com desenho geométrico, ai eu acabei assumindo esta função. Isto é um diferencial muito grande na formação do aluno, isto agrega na formação do aluno uma base muito boa, o que infelizmente, na experiência que eu tive com o Estado tinha essa deficiência. Você não vencia nem o conteúdo de álgebra e quando eu chegava a trabalhar geometria já tinha estourado o tempo do ano letivo. Não dava conta mais e aqui é uma escola que você tem que dar conta.

B: E eu percebi, quando eu estava aqui, não sei se vocês percebem também que o mesmo conteúdo é visto de três formas diferentes. Então você pode ver ele na geometria, pode ver no desenho geométrico e pode ver na aula de álgebra também.

M: Isso mesmo.

L: Isso mesmo.

M: A gente pode pegar...

L: Uma coisa que o Márcio falou ali, uma coisa lá é você vencer conteúdo, aqui é conteudista, você tem que vencer o conteúdo, mas você tem um cronograma, você faz seu cronograma do começo ao fim. A mudança que ocorre nesse cronograma durante o ano é mínima. Assim: tal dia não vai ter aula... tudo bem. Isso não vai interferir no teu trabalho que já está programado. Lá fora no Estado, pelo menos no período que eu trabalhei, não existia esse cronograma. Você tem que fazer o seu cronograma e pensar no final. Porém, no Estado em tal dia vem uma visita, programaram alguma coisa para os alunos e você não vai dar aula, eles tiram você da sala de aula e então você perde uma aula e então você tem que reprogramar. Mas isso ocorre muitas vezes, ocorria muitas vezes, no Estado, na escola particular também ocorria muito. Porém, na escola particular você tinha uma vantagem, você podia programar uma aula a mais, uma aula extra se você quisesse ou precisasse. Nas escolas onde eu passei você podia programar, então, você conseguia trabalhar a matemática bem tranquilo.

L: Mas você perguntou outro dia sobre experiência na matemática. Então, eu tive experiências fora daqui do Colégio Militar, por exemplo, para começar assim, eu trabalhei em colégios do Estado onde eu mandava e desmandava, o aluno se ele quisesse ele prestava atenção ou não. Já no colégio particular eu tinha que dar um jeito de o aluno entender, pois, caso contrário, a bronca vinha para cima de mim. Se eu cobrasse demais e viesse reclamação para a direção eles vinham para cima de mim e eu tinha que amenizar. Aqui a gente ainda tem condições de mudar isso. Cobramos e se o pai vier reclamar ele não tem muita opção, porque o professor aqui do colégio está à disposição o dia inteiro. O aluno tem aula de manhã, a tarde se ele não entendeu o conteúdo ele vem aqui e tira dúvida com o professor, se ele não quer com o professor dele, ele pode procurar um professor de outra série onde ele pode pedir auxílio, não só na matemática, mas em qualquer disciplina e isso é muito bom para os alunos, muito bom mesmo. Por isso que eu digo, falam que a nossa média é baixa, mas eu não troco a nossa média mais baixa por uma média mais alta em qualquer colégio, não troco. Aqui nós cobramos, temos condições para isso e o aluno quer e se dedica. A concorrência, a briga para entrar aqui é grande, então o aluno que entra aqui sabe que tem um diferencial.

M: Aqui tem um aspecto importante que é a valorização da capacitação do professor. A escola valoriza isso e abre possibilidades de você buscar, fazer, cursos

de especialização, mestrado e doutorado. O próprio ambiente, os colegas fazem mestrado, doutorado, ou estão procurando fazer. É um movimento que acaba te influenciando, você vivencia isto, que é um aspecto bem positivo. Considerando também que nós não ganhamos por hora aula, não importa se nós damos 8, 10, 20 ou 40 aulas semanais, o salário é o mesmo, o nosso salário depende da titulação, nós que somos civis, temos um plano de cargos e salários, e os professores militares ganham segundo a patente, se é tenente tem um salário, se é capitão é outro salário. Mesmo assim eles são incentivados a fazer especialização, por isso que a maioria tem.

L: Principalmente o temporário, que foi o nosso caso, que possui um período com início e fim, e que sabe que depois do término ele vai ter que correr atrás de emprego na sociedade novamente. Foi um drama para mim, quando terminados os meus sete anos de temporário, eu saí, tentei ficar mais, mas não consegui. Eu fui para a sociedade, eu tinha perdido o contato de muita gente e para poder retornar, levar currículo em colégios, falar, foi complicado. Uma coisa que foi boa, que eu percebi, é que quando você diz que trabalhou no Colégio Militar durante um tempo, muitos colégios te olham com outros olhos. Isso é bom e sempre vem a mesma pergunta: como é lá, como não é, como funciona, como ensina, todo mundo tem curiosidade em saber.

B: Existe uma admiração, não é?

L: É, só que isso é engraçado porque o Colégio não é fechado. Se outro professor de fora quiser vir aqui para saber como funciona é aberto, é liberado, é só chegar ali nos órgãos e conversar. Mas eu quero contar uma experiência matemática minha. Como o Márcio falou, quando ele entrou aqui ele foi para o segundo ano, eu também. Eu entrei e fui direto encarar o ensino médio que não era tanto a minha experiência, mas eu já tinha uma bagagem. Foi um desafio. A partir dali trabalhei muito com o ensino médio. Somente no último ano que eu estava aqui, o meu chefe, na época o Coronel Dequech, precisou que eu desse aula para a quinta série. Não tinha ninguém que pudesse assumir e como ele tinha confiança em mim, ele me disse que precisava de alguém para dar aula para eles, era meu último ano aqui no colégio e eu falei: "- Vamos lá!" Era um desafio. Nos meus mais de vinte anos como professor foi a segunda melhor turma na qual eu trabalhei. A primeira turma foi no meu primeiro ano como professor, quando o diretor me deu uma oitava série, e agora nesta quinta série, porque eram crianças menores e era um carinho diferente do ensino médio. No ensino médio, às vezes a gente faz uma

brincadeirinha, como temos o costume de fazer, na sala, no ensino médio você percebe que o aluno olha para você e pensa: “- Ah! Lá vem ele com aquela brincadeira boba!” E a criança não, ela é inocente ainda, então quando você faz uma brincadeira aí sim ela se diverte, eles gostam, e a aula transcorre normal. Tanto que naquele período eu fiz muitos trabalhos fora da sala, não sei se o Márcio lembra. Eu fazia trabalho fora, na rua.

Para falar de plano cartesiano eu coloquei uma fila de meninos na horizontal e uma fila de meninas na vertical, dei um ponto médio, dei um ponto positivo ou negativo e dizia um número positivo ou negativo na horizontal e outro na vertical e eles tinham que se encontrar, mas eles não podiam ir na diagonal, tinham que paralelo a vertical e paralelo a horizontal, então foi muito interessantes porque eram crianças. Se você pegar um ensino médio e tentar fazer uma coisa assim você está morto! Os alunos vão te chamar de retardado.

Tivemos muitas situações muito interessantes aqui. As seções antigamente eram divididas por disciplinas: a seção b, por exemplo, era a de matemática e desenho. Isto era bom por um lado porque nós professores estávamos na mesma seção, então interagíamos com a matemática. A matemática e o desenho eram trabalhados sempre. Tinha o Eduardo, a Cibele que sempre vinham com ideias boas, estávamos sempre trocando “figurinhas” e havia sempre uma rotatividade: o professor nunca ficava mais do que dois anos na mesma série, ele tinha que mudar, então estávamos sempre aproveitando as ideias dos outros. Agora mudaram, as seções são nomeadas por números e estão organizadas por séries. Por outro lado, ganhamos com isso, pois podemos interagir com a série: nós ficamos sabendo quais alunos estão com problemas em geografia, alunos que vão melhor em matemática, aluno que está dando alteração. Nós conseguimos conversar, tomar uma mesma linha, antes era mais difícil. Então a matemática, sob o meu ponto de vista, ganhou muito mais agora com as seções de ensino porque podemos aproveitar as ideias da geografia, da história para trabalhar com o aluno.

M: É, nós temos essa estrutura, em uma mesma seção temos todos os professores de uma série, eles são exclusivos dessa série, no nosso caso o oitavo ano tem um chefe de seção<sup>22</sup>, o assistente pedagógico, que é um dos professores. Nós trabalhamos em paralelo com a equipe pedagógica, junto com as

---

<sup>22</sup> O chefe de seção é a pessoa responsável pelos professores de uma mesma série, atividades com os alunos, comunicação com o comando, supervisão das verificações imediatas e avaliações, administração do patrimônio da seção e também é a autoridade imediata a quem os professores civis e militares se reportam. O chefe da seção é sempre o militar mais graduado (antigo) dentro da seção.

psicopedagogas e as orientadoras educacionais e mais o pessoal da Supervisão Escolar que nos ajudam também.

M: É uma estrutura bem diferente, então nós podemos em cada bimestre discutir e saber como está o rendimento dos alunos, buscar soluções.

M: Na sala de aula, cada turma tem o seu chefe de turma<sup>23</sup> e subchefe, em cada semana, que apresenta a turma para cada professor no início da aula. Temos o carômetro que nos mostra o lugar em que cada aluno senta. São estruturas, organizações, que ajudam o professor a desenvolver no dia a dia seu trabalho, é bem interessante.

M: Nessa história tem turmas que são mais lembradas, que renderam mais, alunos diferenciados. Eu penso que esses alunos entram por duas portas: o concurso, que traz para nós alunos bem diferenciados.

L: São os selecionados. Ele vai fazer uma prova classificatória para entrar aqui, como um vestibular, os primeiros é que entram e que são, geralmente, os “top”.

M: E eles vão fazer diferença, nas avaliações ai fora, nos instrumentos como o IDEB, ENEM. Esses alunos vão jogar o resultado da escola bem para cima.

M: E os alunos que vem de fora, por conta de serem filhos de militares que foram transferidos para Curitiba, normalmente eles chegam aqui com muita deficiência.

L: Mas ultimamente, nos últimos anos, esta situação tem mudado. Nós temos recebido alunos de fora, filhos de militares, que supostamente eram mais fracos, diferentes, tem vindo muito aluno forte, aluno que está “ganhando” daquele aluno concursado. Ele está sendo o primeiro de cada turma tranquilamente, teve uma mudança.

B: Então existe esta possibilidade de um aluno concursado começar muito bem e decair?

L: Tem muitos casos.

M: Mas isso tem justificativas: ele pode não ter se adaptado ao ambiente. O ambiente é diferente, ou o aluno se adapta, porque em primeiro lugar é uma escola competitiva, ela trabalha muito esta questão da competição, os alunos são focados nas notas e nos resultados que eles têm das avaliações, então estimula muito a

---

<sup>23</sup> Aluno escolhido pela Companhia de sua série para registrar as faltas e passá-las aos sargentos da mesma. Também é responsável por organizar os alunos nas entradas e saídas de professores e em atividades fora da sala de aula. Na ausência deste aluno, o aluno subchefe executa essas funções.

competição. Eles são colocados e ganham alamares<sup>24</sup>, que são umas cordinhas presas aos uniformes para diferenciar o aluno.

L: É, são premiações que eles ganham.

M: Meritocrática, a escola valoriza o mérito e isto identifica o aluno. O código de honra exige notas acima de seis, as cordinhas são para os alunos que possuem nota acima de oito, então tem alunos que se adaptam a isso, à disciplina do colégio e outros que não.

M: Eu acho que grande parte das pessoas, que estão fora, fica em dúvida se o aluno é tratado como um militar. Ele não é um militar, ele é um aluno com o uniforme do Colégio Militar, mas ele tem uma educação diferente e muitos não se adaptam a isso, a esse tipo de disciplina: ele deve estar com o sapato engraxado, cabelo cortado, uniforme em dia, e tem alunos que não se adaptam, então a tendência é que o rendimento dele caia mais por esse motivo do que por outro.

L: É, mas em compensação uma grande maioria dos alunos gosta do colégio justamente por causa dessa situação, e porque a tarde ele tem condição de tirar a dúvida dele com o professor, ele tem a condição, e o pai fica contente porque ele não precisa necessariamente ficar pagando professor particular, se o aluno quiser ele tem o professor a sua disposição. Então os problemas que o aluno tem com a matemática podem ser minimizados. Quando eu ainda era militar, conseguimos criar o Clube de Matemática e Desenho. No começo ele era muito bom, nós tínhamos muitos materiais de apoio e uma sala específica só para trabalhar com os alunos matemática e desenho. Era um lugar muito bom. Tanto que muitos materiais foram copiados dos materiais da Federal<sup>25</sup>. Mas ai como todo colégio, como tem pessoas que trabalham, e como é difícil ter uma interação com todo mundo, sempre tem alguém que critica o trabalho dos outros, então este trabalho foi se desgastando e se quebrando. Hoje o clube de matemática e desenho está bem parado, é usado apenas para apresentações, para passar um vídeo, um *slide*, perdeu-se muito. A sala ainda não foi perdida, mas eu acho que não vai demorar muito para o comandante pegar aquela sala. Era um lugar muito bom, onde poderíamos trabalhar muito mais a matemática com os alunos.

M: Nós temos os livros didáticos, nessa experiência houve troca de livros didáticos. Hoje trabalhamos com o livro do Gelson Iese: Matemática e Realidade. É

---

<sup>24</sup> Cordões ornamentais colocados ao redor da cava do uniforme dos alunos que se destacaram por nota e comportamento, a partir do 8º ano, semelhantes aos dos uniformes da Polícia Militar.

<sup>25</sup> Universidade Federal do Paraná



uma ferramenta muito interessante o livro didático, mas procuramos ir mais além, com listas de apoio.

L: É principalmente porque temos muitos alunos que querem prestar concursos para colégios militares, outras escolas militares: Colégio Naval, EPCAR, EsPeCex, AMAN, IME, ITA. Tem muitos alunos que buscam isso e esses livros não são preparados, necessariamente, para isso. Então sempre trabalhamos com provas desses lugares, exercícios extras, material de apoio mais reforçado em função disso, e esse material geralmente é trabalhado no contraturno, porque então vêm os alunos diferenciados que querem mais, que buscam mais.

M: Temos aula de matemática todo dia, com cada turma são cinco aulas semanais. Trabalhamos, neste semestre, três aulas de álgebra e duas de geometria.

M: O modelo de avaliação é diário, que nós chamamos de avaliação parcial, então a qualquer momento, quando terminamos um item ou um tópico do conteúdo, aplicamos uma avaliação para ter um retorno, saber como está o rendimento, procuramos estar resgatando isso, e no final do bimestre, montamos a Avaliação Final de Estudos, que chamamos de AE. Esse instrumento é mais elaborado, ele deve passar pelo chefe de seção que avalia e passa para o coordenador de matemática que avalia e vê se a prova está atendendo ao conteúdo, ao currículo, ao que foi planejado. Então ela vai para a seção técnica onde novamente o instrumento é avaliado, seu formato, deve estar na linguagem correta e finalmente o diretor de ensino faz sua avaliação. Depois de toda esta caminhada, o processo está terminado, em uma semana.

L: O comandante também dá o parecer final. O comandante é quem finaliza este processo de prova. Não que ele vá interferir na prova, nenhum destes interfere na prova e no que o professor fez. Todos que participam do processo que começa no chefe de seção, passa pelo chefe da DE e comandante, ninguém interfere, mas eles comentam, dão ideias e sugestões, verificam o tempo necessário para a resolução da prova. É sempre uma interação nesse sentido, mas ninguém interfere no trabalho do professor.

M: E o nosso objetivo na correção da avaliação não é marcar o que está certo ou errado, nós trabalhamos por escores<sup>26</sup>, mas sim perceber qual é o raciocínio que o aluno utilizou, onde ele errou e procuramos evitar o que chamamos de erro em cascata, não é porque ele errou uma substituição ou uma passagem que

---

<sup>26</sup> Critérios de avaliação discutidos entre os professores de uma mesma disciplina de um mesmo ano e registrados antes da realização da avaliação.

tudo vai estar errado, procuramos ver se o desenvolvimento estava coerente, se não estava.

L: Dentro do erro dele, na sequência da resolução, se ele está fazendo certo ele ganha alguma coisa, ele não vai perder a questão inteira nem vai ganhar a questão inteira, mas vai ganhar alguns escores pelo raciocínio que fez.

M: Há críticas e elogios a esse aspecto, pois no vestibular só vai valer a resposta certa, não vai ter essa passagem, mas para a formação dele eu acho que agrega valor.

B: Eu gostaria de saber uma coisa, vocês falaram sobre vestibular, sobre a escola ser conteudista, sobre vários aspectos, mas está ocorrendo um movimento dentro da DEPA<sup>27</sup> para avaliar por competências e habilidades, e inclusive a Lorena me contou também que teve um encontro aqui há alguns dias, onde você apresentou um trabalho feito com os alunos atendendo estas condições, conte-nos mais sobre essas condições.

M: Essa ideia começou com o letramento, a ideia da linguagem. A DEPA ofereceu uma capacitação que o próprio Sistema Colégio Militar, com doze colégios no Brasil direcionados pela DEPA que é a Diretoria de Ensino Preparatório e Assistencial do Exército, cuja ideia é a seguinte: muita gente está com dificuldade e percebemos que isso se deve à linguagem, à interpretação, faltava uma capacitação para o aluno. Ela começou a capacitar os professores para formar alunos que sejam capazes de ler e escrever corretamente, interpretar corretamente e ter um raciocínio lógico dentro dessa ideia. Estamos na segunda turma, eu e o Laércio estamos fazendo o curso de letramento por meio da Educação à Distância, interagimos pela internet, temos disciplinas, e uma delas consistia em um trabalho para preparar uma aula multimodal dentro dessa linguagem, dessa visão. Eu escolhi trabalhar a desigualdade triangular, e dentro desse assunto preparei uma situação-problema. Meus alunos receberam três segmentos, podem ser varinhas ou gravetinhos, e precisam verificar se eles formam um triângulo. Eles precisam fazer um relato contando como fizeram a experiência. A ideia é que eles percebam porque algumas vezes é possível e em outras não. No final é apresentada a propriedade da desigualdade triangular e isso passa a ter significado para o aluno, isso não é jogado para ele, mas ele percebe isso. Eles fazem isso através de explorações, e apresentam na sala de aula, nós temos registros disso. Nós temos filmes disso, filmamos outras propostas. Então quando a professora coordenadora do curso veio

---

<sup>27</sup>

Departamento de Ensino Preparatório e Assistencial do Exército.

apresentamos isso para ela. Agora vamos ter que redirecionar para montar um artigo e apresentar como trabalho de conclusão do curso.

M: Em paralelo a isso o sistema está promovendo uma mudança, divisão, do currículo, o de matemática também, como as outras matérias, para um currículo que trabalha esta questão da linguagem e do letramento mudando a ideia de uma escola conteudista tradicional para essa questão de capacidades e habilidades, competências e habilidades.

M: É uma experiência, que segundo o Coronel Freire, coordenador geral desta proposta, consiste em trocar o estepe de um carro em movimento. O Colégio Militar vem colhendo frutos, ele tem aspectos positivos e negativos e agora vamos mudar a proposta, mas nem todos os professores estão fazendo a capacitação e toda a mudança gera dificuldades e estranheza até as pessoas se adaptarem. Nós estamos no meio desse processo, estamos revendo os currículos e cada colégio fez uma proposta.

L: De todas as disciplinas.

M: E qual é a proposta? É o enxugamento. Para você poder trabalhar com várias ferramentas, por exemplo, para trabalhar com geometria, com várias experiências, com mais profundidade eu preciso de mais tempo e logo, eu preciso esquecer-me de dar conta de conteúdo. Ao invés da visão primeira de ter que dar muito conteúdo agora temos que dar significado ao conteúdo. A ideia principal a essência é: tenho que trabalhar menos e me aprofundar mais, que eu consiga formar um aluno que possa chegar ao ensino médio ou na faculdade com pelo menos uma capacidade de raciocínio, de linguagem, de escrita e de interpretação: que ele saiba escrever corretamente, falar e ter um raciocínio lógico daquilo que foi proposto no ensino básico, diferente daquele aluno que possui o conhecimento em diversas caixinhas desconectadas, que não vai dar conta de quase nada, pois aquilo não fez sentido a ele, pois o conhecimento foi tratado superficialmente.

M: É um desafio difícil, não é fácil, por conta desse processo.

B: Sobre essas aulas que vocês têm gravadas, que sentimento levou a gravação? Ver as aulas depois? Para fazer o que com as aulas gravadas? Como funciona isso?

M: Tem uma fichinha<sup>28</sup> ali, que você fez, que é REGISTRO, eu acho que esse registro serve como autoavaliação primeiro para nós. Quando eu vejo a minha

---

<sup>28</sup> Fichas com palavras que pudessem despertar lembranças envolvidas com o trabalho do professor de matemática, conforme consta na metodologia.

aula eu fico percebo outras coisas, alunos que perguntam e eu não dou atenção, eu fico incomodado, eu acho que isso acaba gerando mais mudança rápida, porque quando eu entro na próxima aula eu fico pensando na interação com os alunos, e quando eu vejo o Laércio, também me movimenta, porque vejo que ele interage bem, porque ele tem um carisma legal com os alunos, quando os alunos passam por ele.

B: E eles ficam a vontade com a gravação também?

M: No começo... mas depois eles ficam a vontade, você vai ver que eles já se soltam.

L: Aqui no colégio o aluno não sente muito isto porque constantemente estamos dando aula e tem avaliadores que entram na nossa aula para assistir e fazer uma avaliação da nossa aula que é o pessoal da supervisão escolar, eles se apresentam e assistem, elas têm algumas anotações e depois elas chamam a gente lá para passar o que elas viram de pontos positivos e negativos, o que pode melhorar, o que não precisa, o que está bom. Elas interagem com a gente, mas da mesma forma não interferem no trabalho. Então isso já virou uma rotina para os alunos que se eu entro lá gravar uma aula do Márcio eles continuam como se estivessem ali normalmente.

B: Sempre tem um olhar externo.

L: Essa ideia de gravar a aula do Marcio foi assim dentro daquilo que eu estava conversando com você, que eu queria, já foi uma ideia nossa de vários anos atrás, de... a gente sempre via colegas nossos que fizeram uma aula diferente, trouxeram um material diferente, expuseram alguma coisa diferente, fizeram uma atividade diferente com os alunos, mas não registraram, não gravaram, fizeram e acabou, ficou perdida no tempo, e a gente queria algo registrado, gravado. Então a gente tentou, em uma vez que estávamos dando aula de geometria, que era sobre quadriláteros, pegamos o isopor e cortamos os tipos de quadriláteros convexos, não convexos dentro de um único isopor, ficou interessante, e foi desta vez que resolvemos gravar e gravamos. Ficou bom, ficou interessante, mas queríamos fazer com outras.

M: Ficou interessante, mas não é um projeto sistemático, não há uma ordem, mas eu vejo que é um início. Uma crítica que eu faria neste tempo que eu to aqui, onze anos no colégio, é não ter essa organização, esse registro sistemático de muitas experiências, mesmo positivas ou não, mas aquilo que acaba ficando na

memória e acaba se perdendo, algo que poderia contribuir mais, ajudar mais num todo. Isso é importante.

L: Esses dias eu fui trabalhar números irracionais, eu já tinha trabalhado números naturais, inteiros, racionais e precisava falar dos irracionais para chegar nos reais, algumas coisas vem de momento, peguei um barbante estendi da janela até a porta, tinha alguns números impressos, alguns inteiros, racionais e irracionais, para fazer a localização na reta, do zero, então eu fui interagindo, contando a história: há tantos anos aprendeu-se a contar assim 1,2,3... e ia posicionando os números, depois surgiu o zero, e coloquei o zero no lugar, depois as frações, os negativos, você pergunta para os alunos onde deve colocar os números, localizando nesse barbante como se fosse a reta. Quando terminava que chegava nos reais você dizia: esta reta está dentro do conjunto dos números reais, são todos esses números. Em algum momento você dá os números para os alunos e mandava eles mesmos irem colocando e interagindo. É algo que foi interessante, foi feito e não teve registro, ficou guardado na memória só que no ano que vem provavelmente eu vou esquecer, sempre acontece, você vai trabalhar reais novamente e acaba fazendo outra coisa.

B: Vocês têm mais alguma coisa a acrescentar, pois aqui vocês já estiveram como duas pessoas diferentes: o militar e o civil? O militar não sai da escola, pois está sempre ligado aos afazeres. Tinha alguma diferença na vivência com o pessoal?

L: Tem uma diferença gritante, enorme, e você quando é militar, pode não parecer, mas você incorpora aquilo, você está na rua, mas lembra que tem uma posição: sou um oficial do Exército Brasileiro, se eu for parado e alguém pede a minha identidade, já me vê com outros olhos, então você incorpora aquilo, você está em casa, mas a qualquer momento pode ser chamado, você tem uma escala de serviço que você tem que seguir, você tem representação a ir, você tem uma série de situações que pode ser chamado a todo instante. Como o Márcio mesmo disse agora a pouco: hoje ele era militar, estava fardado, podia ir preso, mas no dia seguinte ele largou a farda e estava civil, porque ele passou no concurso. Então ele entrou no meio civil e já mudou totalmente as coisas, a vivência dele nesse ponto foi muito melhor. Comigo foi diferente: eu larguei a farda, fui para fora, começar a vida de novo. Mas você começa a vida lá fora lembrando das regalias que tinha, agora aqui não: eu sou um civil, tenho que correr atrás, cuidar da vida. Quando eu voltei como civil, você olha aquele colega que está fardado e vê que ele está sob pressão,

que ele tem que fazer sindicância, ir a uma representação, eu não, eu venho dou a minha aula e vou embora.

B: E a vivência com o pessoal é a mesma?

L: Não sei se você pensa igual a mim, Márcio?

M: É isso mesmo. Aqui você é primeiro militar depois professor: você tem as atribuições militares. Você é oficial de dia, isso eu não gostava muito, ficar o dia inteiro e a noite inteira. Só ia para casa no outro dia no final do expediente. É uma experiência... as atribuições militares, sindicâncias, você tem que dar conta de ser professor e das atribuições militares o que não é fácil. Enquanto civil o tratamento é diferente. Entre os militares você já é visto com... digamos assim: a chamada de atenção do superior para o militar é uma e a chamada de atenção do chefe de seção para o civil é outra, é bem diferenciado.

L: O militar é enquadrado por um superior, você ouve o que tem que ouvir em posição de sentido e tem que engolir. O civil não, se ele tomar uma advertência ai raramente ele vai ser enquadrado, ele pode dizer que não concorda e não é assim e joga para frente.

B: A parte educacional pesa muito mais.

M: É verdade, é isso mesmo, agora eu prefiro ser professor civil, se fosse para escolher, porque eu entendo que a minha profissão e a minha vocação é essa: ser professor. E eu gosto de ser professor, é interessante essa questão porque eu fiz faculdade e não pensava em ser professor, no final da faculdade por conta de estar desempregado ai que eu pensei na hipótese, se ia funcionar bem, foi quando começou a construção dessa história. Hoje eu me vejo como uma pessoa feliz naquilo que faço, sou contente. Eu acredito que tenho muitos desafios pela frente, tenho muita coisa a melhorar, a me capacitar, mas é uma caminhada que eu gosto de fazer e estamos sempre caminhando. Fui fazer o ProfMat<sup>29</sup>, acho legal estar sempre me avaliando e estou pensando também nessa questão do letramento, acho que vai ser uma coisa importante, vai me ajudar a trabalhar mais a leitura, a escrita, perceber os problemas primeiro com a língua materna e depois com a matemática, essa é uma situação que está me exigindo, os alunos estranham um pouco, mas é legal, é uma experiência importante.

M: Espero que a gente tenha ajudado.

B: Foi muito bom conhecer a história de vocês. Muito obrigada.

---

<sup>29</sup> Mestrado Profissional para professores de matemática ministrado pelo IMPA com dois polos em Curitiba: Universidade Federal do Paraná e Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

## 4.2 IZONEI

Izonei: Meu nome é Izonei de Sousa Queiroz, me formei em 21 de janeiro de 1988 na cidade de Manaus, agora se chama Universidade Federal do Amazonas (UFA), Antigamente era uma fundação, fundação Universidade do Amazonas.

I: A minha escolha da matemática foi muito interessante eu já tinha amigos que faziam faculdade e no ano de 83 estava me preparando para o vestibular. Na verdade eu fiz uma escolha no seguinte contexto: eu observava o pessoal da área de letras e humanas lendo muito avidamente, eu pensei, não é para mim, o pessoal passava muito tempo lendo, carga horária de leitura, esse não é meu foco. Aí pensei em outras áreas: biológicas, tem laboratório e eu sou um pouco desatento em laboratório e também não tinha afinidade com aquele negócio de cortar o sapo, investigar, e conseqüentemente os livros eram muito caros. Até hoje, biologia medicina e tal não era o meu foco também, foi sobrando a área de exatas, naquele tempo quando eu fiz vestibular eram quatro áreas matemática, física, química e estatísticas. Estatística ainda não tinha o apoio de microcomputador, se fazia em grandes computadores.

I: IBM, cartão perfurado, era difícil você fazer cálculo estatístico era muito complicado, a chance de errar era grande, ser um bom estatístico era lutar o tempo todo contra o erro porque os erros aconteceriam, uma prova de estatística durava em média três, quatro, até seis horas uma prova de estatística, não era o meu foco, para mim não fazia muito sentido, aí ficou física, química e matemática, química, como eu já disse antes e era um pouco desatento em laboratório e manipular aqueles produtos perigosos do laboratório, eu disse não, química já alijei, ficou fora, aí ficou física e matemática, física eu via que também os colegas estudavam muito e as vezes eles estudavam muito a matemática para entender a física, então era uma graduação difícil, eu pensei se for para estudar matemática para estudar física, vou estudar direto matemática, deixei a física de lado e escolhi a matemática por exclusão, então na verdade eu vim observar que quando estava no quarto ano da matemática, no ano de 87, que isso era o método da redução ao absurdo, então eu tinha escolhido matematicamente o meu curso, uma escolha de critério matemático.

I: Foi interessante o início dessa carreira, mas na verdade eu cursei dois anos de engenharia e depois eu migrei para matemática, engenharia mecânica e foi uma boa escolha, visto que eu me formei no ano de 88 e foi uma grande turma, nós

éramos 21, não chegou a 21, mas nós éramos uma boa leva, em média formava ali dois ou três por ano nós estávamos ali em quase 20 na área de exatas, quase 20 formandos entre estatísticas, matemática e química porque por algum motivo a turma tinha uma certa afinidade e foi caminhando junto, então quem tinha o período de quatro anos, periodizado próximo de 20 alunos, foi uma grande leva de formatura.

I: Formei-me naquele ano, em 88 eu fiz uma visita a Curitiba, em 1986 eu tive boas experiências aqui, gostei da cidade e decidi vir morar aqui. Achei que ia ser uma boa experiência.

I: Vim para Curitiba no ano de 88, cheguei aqui em fevereiro de 88, como eu tinha cursado dois anos de engenharia eu comecei o terceiro ano na Universidade Federal do Paraná e eu estava envolvido com o noivado e casamento, e acabei casando e no caminho eu observei que eu precisaria melhorar meu salário.

I: Em 09 de agosto de 88 eu iniciei minha carreira como professor na Secretaria Estadual de Educação do Paraná, que também foi uma boa escolha, fui bem recebido, inicialmente eu ministrei aula no colégio Tiradentes, no supletivo, no centro, e depois eu fui, no ano de 89, para um colégio que fica na periferia, Avelino Vieira, nome de um ilustre aí da cidade, que fica no bairro Santa Helena. Foi muito interessante, mas eu tive o primeiro insucesso que me chamou atenção. Eu estava no período noturno, e naquele ano não foi bom o resultado, eu tive 50% de reprovados em matemática e isso me chamou atenção, que tinha algo errado. A licenciatura naquela época ela era quase bacharelado, então por duas matérias ou três eu não conclui também o bacharelado. Eram Espaços Métricos, Análise III que era a Análise no  $\mathbb{R}^n$ , Equações Diferenciais e eu acredito que Geometria Diferencial, Álgebra eu acho que era Tópicos de Álgebra Linear, e então Topologia dos Espaços Métricos, Álgebra Linear e Análise III que era uma Análise mais avançada, era uma licenciatura quase matemática, mas me chamou atenção esse insucesso, essa experiência que me levou a reflexão naquele ano. Quando o aluno reprova, você fecha uma porta para o aluno, independente de ele estar ou não reprovado, independente de ser ou não uma situação real de reprovação, você fecha uma porta porque se ele for fazer uma escolha profissional ele já sabe que não vai ser engenheiro nem matemático, nem físico, nem estatístico, já diminui essa possibilidade de uma escolha profissional, e provavelmente ele virá a escolher uma profissão onde se usa muito pouca matemática, aí você tem o primeiro viés, o



primeiro dilema profissional dele que vai estar sempre limitado a coisas não matemáticas.

Isso ocorre realmente mesmo durante o curso de matemática eu lembro que essa foi uma experiência interessante no primeiro período, nos éramos em 65 e passaram 6 em cálculo I, 10%, então aquela leva de candidatos, a maioria deles era para engenharia, fechou a porta para eles, pois uma parte já desistiu logo no início, daqueles 59 que ficaram para traz, provavelmente a metade já não ia voltar em função do insucesso com a matemática, lá no primeiro ano, e o professor naquele tempo não tinha assim essa preocupação com a pedagogia, na década de 70 e 80 certamente os professores que fizeram a graduação naquela época viram que tinham que estudar, não tinha saída pois era uma grande barreira que eles tinham que superar e essa barreira só dependia deles, os professores eram dedicados, marcavam horários para você tirar alguma dúvida, esclarecer, mas se você não estudasse ninguém ia se importar com você, você ia reprovar e ia ficar por isso mesmo. Então isso era uma situação interessante porque se comparar com hoje eu acho que o estudante universitário não estuda muito, então, voltando assunto, me chamou atenção os 50 alunos precisando da aprovação e eu comecei a refletir como é que podia melhorar, mas eu estava muito engessado dentro do bacharelado, eu me sentia mal se eu tivesse que baixar o nível da aula, certo?

I: Eu não tinha aquela noção de que a aula podia ser algo mais flexível, coisa que eu só consegui efetivamente após 25 anos de profissão, mais de 20 anos de profissão, foi aí que eu comecei a flexibilizar, compreender a importância do conteúdo bem elaborado, não que a aula não tivesse sido planejada, mas a aula era bastante sistemática, porém carente de preocupação com a pessoa, o aluno em si. Eu via o aluno, como uma pessoa disponível para o ensino, e que a partir daí após a transmissão da informação ele teria que obrigatoriamente se dedicar, se disciplinar e estudar e essa minha visão perdurou até mais ou menos 1994, quando os alunos ainda reagiam ao estímulo, você orientava e mais ou menos eles caminhavam nessa direção. E exceto no período noturno, com esse insucesso de 50%, mas isso não me sensibilizou ainda, por um bom tempo ainda continuei com a minha prática aprendida na faculdade, era muito forte a formação básica de graduação que perdurou, tranquilamente por uns 10 anos, já formado como professor, sem abrir a mínima chance de reflexão, que poderia modificar a prática, então eu só comecei a refletir mesmo após 10 anos apesar do insucesso de 50% no segundo ano do curso noturno, eu ainda imaginava que estava mais na “mão” do aluno o sucesso dele,

hoje eu vejo diferente, vejo que o aluno é carente de clareza, falta visão do que está acontecendo, falta visibilidade para ele entender as consequências da avaliação do professor, ele não entende que aquele grau zero que ele tira, gera uma consequência para ele, mas ele não tem também aquela resistência ao estresse para entender também que realmente aquele é o trabalho dele, é o resultado dele. Ele não tem resistência ao estresse, ele delega a culpa ao professor e este põe a culpa de volta no aluno, então fica aquela guerra de inimigos, na sala de aula, então a avaliação acaba sendo um ponto de conflito, constante entre o professor e o aluno, e isso conseqüentemente gera problemas de relacionamento, de forma que o aluno se fecha e não vai até você. Ele tirou três, e você diz ao aluno que apareça na sua sala para esclarecer o que houve, mas esse aluno jamais irá. Quanto mais insucesso, mais ele se afasta do professor, e o professor de matemática que tem um discurso muito sistemático fica tolhido como se aquilo fosse uma verdade absoluta. O aluno foi mal na prova e tal e não tem jeito e nem saída, ele não procura o professor, para esclarecer o que aconteceu, então ele se afasta mais do professor e isso sim me preocupava, esse afastamento era preocupante. A minha visão sobre o fato é que isso perdurou de 10 a 20 anos, como professor, percebi que o aluno se afastava e eu não tinha como influir, eu acionava o pessoal da pedagogia, supervisora pedagógica, não sei se existe ainda esse cargo na escola estadual, lá eles não chamam de psicopedagoga, eles chamam de supervisora pedagógica. Eu delegava aquela função à pedagoga para que ela visse o que estava acontecendo, mas ficava ainda naquela visão estereotipada do aluno: “- O aluno não estudou porque não quis, ou é porque é relapso, ou imaturo.” Um discurso completamente vazio. O tempo foi avançando e eu observei que quando eu entrei aqui no Sistema do Colégio Militar no ano de 96 eu já estava com 10 anos de prática. Aula mesmo, comecei a ministrar em 97, no Colégio Militar de Porto Alegre, um ótimo colégio e com estrutura muito boa, a seção psicopedagógica que orienta o aluno chamava-se SOE antigamente, Seção de Orientação Educacional, então eu tinha um bom relacionamento com os pedagogos, lá existiam na época dois psicólogos e dois pedagogos muito bons, então a gente conseguia um bom diálogo, e naquela época, a partir de 99, eles já perceberam que o aluno tinha outro perfil e que o professor tinha que estar mais acessível ao diálogo para conseguir chegar até o aluno.

Mudou completamente o perfil do aluno no início do ano 2000, o perfil do aluno já era outro, percebi um aluno mais imaturo e que você tinha que de alguma forma mostrar para ele que era importante o que estava fazendo ali, percebi que os

alunos achavam que matemática era algo muito difícil, mas percebi também que eles ainda tinham aquela postura de assistir à aula quietos, copiar a aula, no início do ano 2000, copiavam em silêncio, respeitavam o que o professor estava dizendo. Mas a gente percebia que uma parte estava de corpo presente, outra estava achando interessante a aula, e outra parte estava tolerando o professor, porque era uma aula de matemática e tinha que passar, porque era um “bicho-papão” a matemática, então nesse contexto eu não percebia ainda a matemática como linguagem, que eu poderia aprimorar, eu percebia a matemática como realmente um conhecimento que eu tinha, que é um conhecimento fechado que chegaria fechado para o aluno, e que ele só teria chance de compreender dedicando-se, eu não tinha noção que a linguagem era importante a preocupação com a linguagem, com a comunicação, era importantíssimo para transmitir.

A partir daí eu comecei a dar mais importância à dificuldade do aluno, considerar que a dificuldade do aluno era real e que eu teria que ter mais atenção nisso. Agora porque isso aconteceu? Porque eu tinha um apoio sólido, uma seção de orientação educacional, que apoiava muito bem os alunos. Tinha toda uma estrutura favorável, as reuniões de pais e mestres, conselhos de classe, tudo bem estruturado. Quando era o momento de reflexão, o chefe de seção reunia os professores e as diretrizes da semana. Era um momento em que você tinha a possibilidade de fazer reflexão sobre as dificuldades do aluno.

I: O livro didático sempre foi importante e sempre será. A primeira experiência do aluno com o conhecimento é o livro didático. O livro didático aqui no sistema é bem formatado, às vezes a gente comete enganos na escolha, mas de modo geral a escolha é bem feita.

B: Então você acredita que ele atende as necessidades do aluno?

I: É, atende as necessidades do momento. E também existem coisas interessantes, que é a questão da tecnologia. Existe um bom apoio para você trabalhar com tecnologias como é o próprio telão com a projeção de multimídia, o acesso à internet, comunicação com o aluno por e-mail, e assim por diante para o professor que utiliza. Eu não utilizo, porque eu não sou muito habilidoso nessa comunicação por e-mail e eu tenho receio de confusão, mal-entendido, equívoco por isso eu evito, mas é uma ótima ferramenta.

I: Sobre a matemática então, eu tive uma experiência muito boa no ano de 98, eu estava no segundo ano lá no Colégio Militar de Porto Alegre, e recebi uma turma no meio do ano, em agosto, porque o chefe da seção teve que ir para outra

tarefa e teve que se desvencilhar dessa carga horária, então eu peguei aulas do segundo ano. O assunto que eu ministrava era álgebra, foi muito interessante aquela parte sobre matrizes, determinantes e sistemas lineares, um assunto fácil para o aluno.

Eu gostei de receber naquele ano um treinamento de gestão organizacional e apliquei algumas coisas da gestão.

I: Um conteúdo expressivo da gestão é a DDD<sup>30</sup> Contínua, então na prova eu fiz a seguinte situação, fiz o planejamento escolar e fiz uma prova a cada três aulas, era pouquíssimo assunto para o aluno deglutir.

Após a prova eu colocava, em cada avaliação, onde o aluno tem que melhorar. Entregava a prova na mão do aluno: “- Olha você tem que melhorar nisso aqui”.

Dizia onde tinham que melhorar e estabelecia uma meta com os alunos: 80% grau 8, 8 e 8, eles tinham que se lembrar disso. Se 80% da turma alcançou grau 8, ok, alcançamos a meta da turma. Mas em todo caso eu deixei a possibilidade do aluno fazer uma reavaliação, para o pessoal que tirou abaixo do grau 8. Então havia uma segunda chance naquele mesmo assunto de ele reavaliar, isso deixou a turma mais tranquila.

Eu percebi a maturidade quando eu estipulei a meta, eu não percebi nenhum aluno fazendo corpo mole tirando três porque ele sabia que tinha uma segunda chance, eu não percebi isso.

B: Já queriam atingir a meta de primeira?

I: Queriam atingir a meta de primeira, porque era uma turma adequada. Estavam em média com 15 anos, eles estavam na fase de preparação para o vestibular, estavam criando consciência da importância de melhorar sempre, de competir para o vestibular, então era uma série adequada ao que eu propus.

Tinha um bom relacionamento com os alunos, uma coisa interessante também: na hora da aula, na hora da prova, eu colocava uma música erudita, e na hora de entregar o grau também, pra eles lembrarem...

B: Que bacana!

---

<sup>30</sup> Domain Driven Design significa Projeto Orientado à Domínio. Ele veio do título do livro escrito por Eric Evans, dono da Domain Language, uma empresa especializada em treinamento e consultoria para desenvolvimento de softwares. O termo está ligado à programação, processos e administração. Fonte: <agileandart.com>

I: Então naquela época, em agosto, quando eu recebi a turma, a média geral da série era 5,5, pouco mais de 5, e ao final do ano a média estava acima de 7, certo?!

B: Que bacana. Seguindo a mesma carga de conteúdo.

I: Mesmo conteúdo. Então você observa que o professor pode ter uma melhoria na sua sala de aula, mas ele precisa de alguns ingredientes: considerar a maturidade da turma no contexto do conteúdo que você está ministrando, considerar a abordagem do conteúdo adequado à série.

Você tem que considerar também a sua liderança: o professor tem que estar liderando a turma o tempo todo, porque no momento do conflito, que é quando se entrega a avaliação, o aluno percebe que ele foi bem apoiado e que aquele grau recebido é o grau que ele merece realmente, porque a meta foi estipulada, definida. Ele percebe os colegas alcançando a meta e ele não, percebe que a responsabilidade está com ele, e realmente é assim.

O erro do professor quando dá o grau 10, naturalmente, é passar o mérito ao aluno, mas quando dá o grau zero, o professor traz pra si a responsabilidade do erro. Na verdade você tem que partilhar aquele momento de insucesso com o aluno da mesma forma que o sucesso, mostrando que isso é uma oportunidade de ele melhorar.

Esse aluno precisa estar com a autoestima elevada, então o professor deve ministrar essa autoestima, deve acompanhar esses momentos de autoestima, e nada melhor que uma liderança bem posta nesse momento.

I: Eu nunca trabalhei com jogos didáticos, se passaram 30 anos e eu não tive a oportunidade de trabalhar com nenhuma espécie de jogos didáticos, talvez porque a maioria das vezes eu estava no ensino médio, não estava no fundamental, mas eu acho, não eu tenho certeza, que é uma ótima estratégia para os alunos de quinta e sexta série, porque o aluno está aberto ao processo educacional porque ele vem num ritmo de aprendizado do dia que nasceu até os sete anos, onde ele aprende as coisas básicas para sobreviver, então o cérebro dele está o tempo todo recebendo estímulos. Quando ele inicia a vida escolar ali, dos sete aos doze anos, ele está no auge de estar receptivo ao novo, então o professor através de jogos, jogos cooperativos, jogos didáticos ele tem uma grande oportunidade de trabalhar esse cérebro, e eu diria que trabalhando bem a socialização, esse jovem dará um grande salto no futuro. Ele não precisa ser gênio, ser talentoso, mas se estiver bem inserido no contexto, compreendendo os *inputs* do ambiente que ele vive, ele vai ter

escolhas cada vez mais adequadas que vão levá-lo ao sucesso na vida pessoal e na vida profissional. É isso que eu penso hoje.

Então quinta e sexta série jogos cooperativos e jogos didáticos são uma grande “sacada”.

I: Então a calculadora, por exemplo, no meu tempo houve até aquela polêmica: usa ou não a calculadora? Eu nunca deixei aluno meu usar a calculadora porque quando eu cursei a quinta série (eu sou da época do concurso de admissão ao quinto ano), a tabuada era decorada, calculadora não fazia sentido. Quando você aprendia a multiplicar com dois ou três dígitos, você já tinha a tabuada memorizada, era muito fácil, eu não via a necessidade que o aluno utilizasse. Eu via como uma muleta para o aluno que não quis, olha só, “que não quis” aprender a tabuada, porque ele teve uma chance de três ou quatro anos para aprender a tabuada.

I: Avaliação, as correções de avaliação, eu nunca fui rigoroso. O rigor na avaliação eu acho um erro. Você dispõe muita carga emocional em tão pouco assunto. Com isso você cria um viés na avaliação. O rigor só é válido, em minha opinião, para alunos de curso profissionalizante, em que você precisa ter a certeza que o aluno está apto para cumprir aquela tarefa. Então se ele não tirou 10, mas tirou um oito e foi bem avaliado, com o rigor, em termos profissionais é válido.

I: Mas para o aluno de educação básica não, essa noção eu sempre tive, de avaliação e da devida correção, ela segue um processo natural de exposição por parte do aluno do que ele aprendeu. Você faz considerações ali: o erro sistemático, o aluno errou no início, vai zerar tudo? Não em geral, eu coloco 50% do peso. Errou no início, mas o processo está correto, 50% para ele entender que teve um erro de atenção no meio ou no final.

O aluno que tirava zero comigo era zero mesmo porque eu tinha uma correção flexível, então eu sempre coloquei nas mãos do aluno o resultado da correção dele, ele sempre compreendeu que aquele resultado foi o resultado dele mesmo. O rigor da correção da avaliação só traz a noção que o professor é carrasco e o aluno se afasta mais ainda do professor.

Eu tive bons professores, eu percebia que as aulas eram bem feitas, bem planejadas, a mensagem era boa eu tive sorte de ter bons professores, não é a regra geral. Os meus pais achavam importante a educação, o valor cultural.

Então o rigor na avaliação deve ser repensado. Nos colégios por onde andei nunca tive problemas profissionais por algum “motivo X”, eu inspirava confiança e eu

conversava mais com o pessoal da supervisão pedagógica, nunca fui chamado na diretoria para me explicar, então a coisa correu normalmente, como deveria ser.

I: Chegando aqui no ano de 2001 eu tive um insucesso com os alunos e isso me chamou muita atenção.

B: Em que série estavam estes alunos?

I: Eles estavam na primeira série. Eu percebia que realmente o perfil estava mudando, a minha aula era uma aula intensiva do primeiro ao último minuto, listas de exercícios intensivas, eu entregava uma lista por semana, certo? O aluno tinha sempre muito trabalho e após esse insucesso no resultado, me soou estranho, já senti que o aluno não era tão leal ao professor, copiava a lista, colava, assim por diante.

Então eu comecei a perceber essa deslealdade do aluno com o professor, a partir de 2001/2002, não que isso fosse específico daqui, mas no contexto geral, o aluno já não estava tão interessado em estudar.

I: Bom sobre os colegas de trabalho, sempre tive sorte também, tive bons colegas, alguns foram até formadores de opinião, tive bons exemplos profissionais, deixe-me ver se recordo algum exemplo..., pois faz tempo, mas teve um professor, de um modo geral, ele me chamou muita atenção, ele era professor de biologia lá em Porto Alegre, mas eu fui assistir à aula dele, uma aula até interessantíssima, não desculpe era de matemática, biologia é outro caso.

I: Um professor de matemática, mas um cara “antigão”, bastante experiente ele sabia conduzir a aula e eu tomei como exemplo o modo como ele falava, a oratória, como ele se expressava, a oratória dele era muito boa, e em termos de avaliação eu peguei um pouco de outro professor.

Então ao longo da carreira, eu não lembro agora todos, mas você vai pegando bons exemplos e vai trazendo para sua prática, e quando você faz isso você realmente percebe que faz sentido, isso na área de gestão, pode-se dizer *benchmarking*<sup>31</sup>, é você observar as melhores práticas que podem ser trazidas para sua vida pessoal.

O meu currículo de graduação foi bom, mas ele era muito focado como eu disse, a gente percebia que existia o bacharelado em matemática e a licenciatura era um arranjo, eles tiraram algumas disciplinas e trocaram pelas pedagogias, pelas

---

<sup>31</sup> É um método utilizado pelas grandes empresas para melhorar a sua gestão, mediante a realização contínua e sistemática de levantamentos, comparações e análises de práticas, processos, produtos e serviços prestados por outras empresas, normalmente reconhecidas como representantes das melhores práticas. Fonte: <portaldaempresa.pt>

psicologias, então era um curso forte de licenciatura, não era exatamente um curso de licenciatura, mas era possível que um bacharel chegasse e ministrasse aula. Colegas meus nunca fizeram licenciatura, foram direto para o bacharelado, mas a maioria fez a licenciatura e depois retornou para fazer o bacharelado, mas ao longo dos anos eu até pensei em fazer isso. Logo após a formatura eu pensei, vou dar um tempo vou começar o bacharelado e vou seguir carreira, mas não houve muita oportunidade me envolvi com a licenciatura, com o trabalho e não tive a possibilidade de completar o bacharelado, mas a licenciatura que eu tive me causou um bom impacto profissional na formação.

Logo estarei aposentado, 2013 eu devo estar iniciando finalmente aquilo que eu queria ter feito há 30 anos: um bom mestrado em matemática. Nem que seja como aluno especial. Eu não fiz nem um processo seletivo de admissão, mas só que eu penso em estudar uma área em que eu possa aplicar, por isso eu decidi estudar matemática aplicada a engenharia, tem áreas boas que podem causar um bom impacto.

B: Aqui na Federal mesmo tem métodos numéricos, que tem a ver com essa questão da engenharia.

I: Ah! Sim, mas métodos numéricos é um item, existe, por exemplo, a mecânica dos sólidos na engenharia e transforma isso em mecânica analítica na matemática aplicada, certo? Você tem ali na parte de mecânica dos fluídos e joga uma matemática em cima e fica de repente teoria matemática dos fluidos e assim por diante, então existem algumas áreas que têm na engenharia que você traz a matemática para dentro, isso se chama engenharia matemática, só tem na Federal do RS, e é uma coisa interessante porque a parte de métodos matemáticos para engenharia cresceu muito a partir da demanda da engenharia eletrônica, aquela parte de sistemas de controle e tudo ali, vibrações mecânicas, tem muita matemática, e isso eu acho interessante, apesar de você ficar preso no  $\mathbb{R}^3$ , eventualmente você é solicitado sobre um assunto específico da matemática: Topologia, análise funcional, geometria diferencial então você acaba tendo uma visão motivadora sobre aquilo que você aprendeu. Aos 50 anos é muito mais motivador você pegar esse conteúdo e jogar dentro da prática porque você pode trabalhar na área de engenharia na consultoria, do que ficar na matemática pura e entrar numa fila de pesquisadores e só começar a produzir daqui a 15 anos. Depois de ter terminado o doutorado, frequentar muitos congressos, escolher uma área de pesquisa, isso vai dar uns 15 anos pra você. Daqui há 15 anos provavelmente eu



estarei indo para 65 anos, certamente estarei mais cansado para entrar numa jornada e passar três dias estudando de manhã, tarde e noite e levantar de madrugada para estudar um assunto, não será prudente eu estar nessa área. No entanto, para a matemática aplicada à engenharia eu serei produtivo o tempo todo ali na área de projetos, com o pessoal da engenharia e tal, pego o *notebook* modela ali um fenômeno e tal, vai ser interessante, acho que vai ser bom.

B: Agora há pouco a gente estava conversando sobre a questão do ProfMat. Não passou pela mente do senhor fazer um mestrado em educação para avaliar os resultados do ProfMat?

I: Pois é olha, eu tenho a seguinte ideia formada sobre o assunto, sem querer desestimular alguém, é muito difícil transformar tecnologia em políticas públicas. Os desbravadores que tentam passam 30 a 40 anos. Por exemplo, se surgir uma tecnologia inovadora na área da psicologia, para trazer isso como política pública, você vai ter que desarticular muitos interesses e isso não é fácil, então por mais que você seja reconhecido no mundo inteiro como o “cara” das neurociências, que afirma que é preciso dormir 10 minutos antes da aula de matemática, tem gente que vai rir da proposta e não vai querer aplicar. Haverá resistências internas.

I: Aí, até isso transformar-se em política pública, terá se passado 20 anos, e você perde o bonde da história, então eu acho que não é essa a minha contribuição, não estou motivado suficiente, mas uma matemática aplicada eu até me imagino como pesquisador. Participar de congressos da matemática aplicada nesse foco da engenharia ou outro qualquer que seja no futuro, eu vejo que posso contribuir mais, pois estarei com o público mais apto naquele assunto.

I: Existem congressos mundiais para, por exemplo, tratar a matemática voltada para pesquisa operacional, tem congressos homéricos em que as pessoas discutem aplicações da pesquisa operacional, isso deve ser muito interessante, deve ser motivador, encontrar gente de todas as áreas, estatísticas, engenharia, administração, economia, toda essa gente de áreas diferentes estudando um assunto como esse.

É por isso que eu jogo o foco na engenharia. Como eu tinha um conhecimento anterior, isso pode me dar uma base melhor de diálogo com os engenheiros, e deslumbrar um horizonte mais fácil de avançar em função de não ter essa barreira na política pública, mas acredito, sou fiel depositário da vitória dos que labutam na educação matemática, apesar de eu não conhecê-la muito, pois tive só o

mínimo necessário na graduação. É uma grande ferramenta para o professor, sem dúvidas, a mais revolucionária é a parte de tecnologia educacional.

I: Se um pesquisador transforma rapidamente uma tecnologia educacional e leva para a sala de aula, é uma grande contribuição, porque a neurociência tem avançado muito e existe uma coisa interessantíssima a considerar, que você pode confirmar se pesquisar, o cérebro quando passa por um momento de grande *stress* ou prazer modifica a bioquímica do cérebro.

Então, imagine o aluno que estudou para a prova de matemática, ele está estudando, imaginando o objetivo dele, vou tirar 8, 9 ou 10. Ele estudou, e a prova saiu do foco, não foi abrangente, ele estudou 10 assuntos e o professor cobrou dois assuntos, esse sentimento de injustiça dá uma tempestade cerebral bastante negativa, ocorre uma mudança bioquímica, isso é um obstáculo ao aprendizado. A tecnologia educacional é uma ferramenta que traz esse aprendizado com mais facilidade, aquilo que você ouve e vê tem 70% de absorção, então se você usa a tecnologia com esse foco, como já aplicado no IMPA, onde você tem aula de mestrado e doutorado gravado em áudio e vídeo. Você pega aqueles vídeos e então o professor está ali disponível para você o tempo todo, se você não entendeu o assunto

Seja 8 horas da manhã, ou 8 horas na noite, o professor está disponível, porque a aula está gravada, essa é uma grande ferramenta, se o aluno faltou aula, ele pega a aula gravada e fica ali lutando para entender aquele assunto, eu acho que é uma grande ferramenta e uma coisa relativamente simples, gravar a aula e deixar disponível no blog ou na página do colégio para o aluno ver e ouvir aquela aula, uma coisa básica, hoje possível de ser feita.

B: Eu vejo que o maior obstáculo pra isso é a figura do professor, que não se sente à vontade de ser gravado em uma aula, ainda existe este receio com a tecnologia, mas eu acho que é uma coisa muito boa mesmo.

I: É, na escola sempre tem aquele professor que tem a dicção muito boa, que tem o perfil de comunicador, tem uma boa imagem, ele pode ser o professor que irá iniciar esse processo de gravar as aulas e deixar disponível para o aluno, porque é mais uma ferramenta para o aluno. Ele não vai precisar procurar o professor. Se o professor é muito ocupado, acho que isso é muito positivo. Se o aluno não tem muita afinidade com o professor, é uma coisa boa porque ele tem vergonha de fazer uma pergunta boba e vai escutar aquela aula ali dez vezes até entender aquele assunto.

I: O meu currículo de graduação foi o currículo da década de 1980. Depois de formado o agreguei ao meu currículo profissional a prática do dia a dia, coisas que eu achava importante: o próprio perfil de aluno é favorável a minha aula. Porém, eu sempre tive uma preocupação: o professor observa o aluno e esse traz uma sequência de reforços positivos e o professor tende a identificar esse aluno como um aluno talentoso, mas aquele aluno que traz uma sequência de reforços negativos, o professor tende a identificar como relapso, como um aluno que não tem a qualificação pra passar no fim do ano, e isso fica realmente gravado no aluno, isso é uma questão humana a ser resolvida. Tem que ser resolvida de alguma maneira, alguma técnica deve ser passada ao professor para ele não criar esse viés, a partir desse reforço positivo ou negativo, na hora do conselho de classe. Uma das coisas que eu iria sugerir hoje, para o professor na sua graduação, é ter o domínio de algumas técnicas da pesquisa social como a observação participante, a entrevista: saber entrevistar o aluno, saber o que está acontecendo.

A observação participante é o momento da aula onde ele tá observando, participando, mas não tem uma visão estereotipada do todo, é ter para alguns alunos que chamam atenção um portfólio individual. Isso é muito trabalhoso, mas aumenta muito a chance de ele ter sucesso em sua opinião no conselho de classe.

I: Eu tive sempre uma memória muito boa, eu gravo algumas observações de alguns alunos, mas isso meio esporádico, só para aquele aluno que chama atenção, assim não há injustiça no conselho de classe.

I: Eu não recordo de nessa última fase, esses últimos quinze anos, ter praticado injustiça em relação ao conselho de classe. Antes de formar a minha opinião como professor de matemática no conselho de classe, principalmente aquele do final do ano, eu busco a opinião dos colegas de outras áreas: língua portuguesa, geografia, história, pra formar este painel, para tentar compreender o que acontece com o aluno, porque ele não rende.

Tive situações muito interessantes: o aluno era muito bom em tudo só não rendia em matemática. Aí a decisão: passa ou não passa no final do ano? Ficava aquela coisa muito cheia de responsabilidade: a matemática reprovou o aluno. Os professores tinham essa noção, eu sempre observei muito isso. Algumas vezes eu fui bastante rígido em relação ao conselho de classe porque eu percebia que, naquele contexto, era uma arma que o professor tinha pra fazer o aluno acordar para a vida escolar e eu não estou convencido de algo diferente disso: é aquele momento em que o professor pode intervir. Por exemplo, teve um caso que me

chamou atenção, há dois anos, dois alunos, um precisava tirar grau 5 e tirou grau 4,9, ele inclusive está se formando no terceiro ano agora, repetiu o segundo ano e foi para prova final precisando tirar 5,1, não tirou, ou seja, ele foi naquela interpretação da realidade: se eu não tirar o 5 o conselho de classe me passa. E ele reprovou, ficou muito chateado e no conselho de classe veio pedir grau para gente: “- Professor eu vou para o terceiro ano!”. Não teve jeito, ele reprovou. Para ele talvez não tenha sido muito positivo, porque no ano seguinte ele foi meu aluno e continuou no mesmo padrão: administrando o grau em torno dos 5 e passou para o terceiro ano e eu observo que não mudou. O outro aluno mudou radicalmente, os graus dele melhoraram, ele passou por média no terceiro bimestre, então para aquele aluno a decisão foi acertada, mas temos essa limitação, temos uma regra geral para todos.

B: E essa regra causa efeitos diferentes.

I: É a regra causa efeitos diferentes, então o conselho de classe de final de ano é o momento, muito delicado, em que o professor tem que estar mais firme na sua decisão. Porque se ele tinha uma opinião formada e muda de opinião com muita facilidade durante o conselho de classe, terá cometido uma injustiça consigo e com o aluno.

Existe aquela coisa do currículo oculto, que é a vida afetiva do aluno, que aqui se leva com um pouco mais de consideração, eu não sei como está lá fora na secretária de educação, e isso é a base do currículo oculto dirigindo o aluno. O conselho de classe é uma coisa extremamente importante.

I: Então o meu currículo profissional está recheado de experiência pessoal, mas eu fiz cursos na área de gestão e isso colaborou com a minha aula, porque eu aprendi que a aula é um momento, é um processo onde você pode interferir nesse gerenciamento. Você tem o planejamento da tua aula, vai executar a aula, tem as ações corretivas e tem a melhoria possível.

I: Se você tem essa noção de modelo de gestão PDCA<sup>32</sup>, a tua aula pode ficar interessante, você não precisa praticar de maneira formal o PDCA, porque você não vai ter tempo pra isso, para registrar todos os fatos, todas as ações corretivas.

I: Claro que é fundamental fazer o plano de aula e é fundamental ter o planejamento do ano inteiro feito. Meu plano de aula eu faço no início do ano, o plano de aula de todo o ano inteiro. São três dias de reflexão, tempestade de ideias. É uma coisa interessante: as aulas estão prontas, no dia você olha a aula planejada

---

<sup>32</sup> É uma ferramenta da qualidade utilizada no controle do processo para a solução de problemas (*Plan* – plano, *Do* – fazer, *Chek* – verificar, *Act* – agir). Fonte: <blogdaqualidade.com.br>

e ela sai diferente. Saem diferentes para as quatro, cinco turmas porque você está interagindo com a turma, você faz perguntas e respostas, tem interação, afinidade com a turma ou não e tua aula sai diferente. Mas se você planejou você sabe onde tem que melhorar. É uma negligência profissional, deixar de fazer o plano de aula. Se você não faz o plano de aula você não sabe o que aconteceu na tua sala de aula.

O plano de aula tem que estar fortemente ligado ao livro didático de forma que você consiga na sua aula dizer: hora do exercício e são esses exercícios que eu vou fazer agora, com esse objetivo e esses aqui serão recomendados para eles fazerem. Em média eu recomendo 10 exercícios e faço 2 ou 3.

I: O aluno percebe isso, ele vê o “gancho”, ele vê a aula planejada, ele confia mais em você. Isso é muito importante: o professor ter realmente a aula planejada. Isso não é burocracia, isso é ação pedagógica. Ele tem que ter as aulas planejadas do ano inteiro, das suas oitenta ou cem aulas, e a partir daí quando ele for praticar a aula, que está escrita, que está autorizada pelo chefe, e olhar que saiu diferente, ou mesmo houve um imprevisto: faltou energia elétrica, aí você tem que improvisar fazer um recorte, mas você teve a aula planejada, isso é fundamental.

I: Então o meu currículo profissional informal foi baseado na prática, nos anos. Mas agora eu acredito que eu vou ter a possibilidade de enriquecer o meu currículo com mestrado e doutorado.

I: Eu tenho 29 anos de magistério, de serviço público, e eu tenho para averbar quase dois anos de professor, então agora em 31 de outubro eu fecho 31 anos de professor. A carreira encerra aqui no Exército e eu pretendo iniciar nova carreira lá fora.

I: Eu não me vejo parado em casa, nos próximos 20 anos, eu me vejo em uma nova carreira, um novo desafio provavelmente não sendo professor, por um simples motivo: a minha prática já está cristalizada, eu não serei um bom professor por mais que eu me esforce, porque o ciclo do serviço ou produto que eu tenho a oferecer já está defasado.

I: Se você considerar o ciclo na gestão, existe o ciclo de nascimento que é a formação do produto, existe a maturidade e existe o encerramento dele, e o serviço prestado como professor já está defasado, já encerrou.

I: Se eu quiser dar aula ano que vem eu vou ter que me atualizar no sentido de tecnologia educacional, e outras coisas mais, ter mais domínio sobre as coisas que podem ser favoráveis ao aluno.

I: Então eu não me vejo como professor, mas me vejo numa atividade usando matemática como eu te falei como essas propostas, trabalhando com consultoria.

I: Inicialmente eu tinha imaginado quatro áreas: métodos numéricos, matemática aplicada, matemática para as finanças, pesquisa operacional e essa matemática para a engenharia.

I: Bom, aí por uma questão de *modus operandi*: eu acho que minha contribuição para as finanças não será boa gerando fórmulas para que pessoas explorem outras pessoas, então eu desisti da matemática das finanças.

I: Pesquisa operacional é uma boa área, só que ela tem um ritmo muito acelerado, trabalha muito próximo do empresariado, então se você quiser produzir, na pesquisa operacional, você tem que estar muito próximo do empresariado, é um ritmo muito forte. Pesquisa operacional voltada para a indústria tem um ritmo mais pesado, coisa que não me interessa.

I: A parte de métodos numéricos me daria um ganho acadêmico de voltar a dar aula, mas também não seria muito meu foco, esse foco que eu te falei da matemática para a engenharia dá um horizonte maior. A nova carreira se vislumbra.

I: Bom, clube de matemática, eu tive um contato bom no início aqui no colégio, tive uma professora e um professor muito dedicados ao assunto. Eu tive uma noção boa do clube, mas é uma coisa que ainda precisa melhorar muito. Na minha cabeça um colégio, qualquer que seja ele, tem que investir não no clube como uma coisa lúdica, mas no laboratório de matemática como um forte apoio a aula. Então a matemática agora carece de um laboratório de matemática como existe na química e na física, de forma que o professor tenha um apoio fora da sala de aula, porque o aluno, quando não absorve aquele modelo abstrato, seja por algum motivo ou por falta de interesse, ou por falta de conhecimento, ou mesmo de maturidade intelectual, o laboratório de matemática é a segunda chance dele de compreender de maneira mais completa aquilo que ele não compreendeu antes. Eu vejo como necessidade transformar esse clube, esse clubinho da atividade lúdica em algo mais forte, um apoio mais forte ao professor.

I: É um investimento relativamente barato, um aluno nosso, por exemplo, custa hoje 12 mil reais. O aluno custa 12 mil reais ao ano, então se você observar estatisticamente que temos ao ano 5% de reprovados num lote de 800 alunos, isto seria 40 alunos (uma turma), a 12 mil seriam 480 mil reais, 480 mil reais é muito dinheiro. Se você coloca como meta: vou gastar 200 mil reais para montar um

laboratório de matemática bem equipado com softwares educacionais, um laboratorista bem treinado, professores bem treinados para usar o laboratório e o laboratório como reforço à melhoria curricular, da própria sala de aula. O professor leva os alunos ao laboratório, ali tem um laboratorista presente, e desenvolve a aula dele via laboratório, isso é melhor que um exercício. De modo informal e lúdico os alunos em grupo, vão aprender muito mais do que fazendo uma prova, não tenha dúvida. Se você fizer uma prova no dia seguinte o resultado é bom.

I: Então se investir 200 mil em um laboratório tenha certeza que daqueles 40, 4 passam de ano, 10%, porque a melhoria na infraestrutura e na pedagogia vai influir no resultado, e tranquilamente qualquer resultado em gestão varia de 5 a 10% de melhoria. Então dos 40 você tira 4 alunos que deixam de reprovar, 48 mil reais, 20% do investimento, em cinco anos você tira o investimento.

I: Então na relação custo benefício vale a pena hoje ter um laboratório de matemática, porque a matemática é sempre o vilão da história, a matéria que mais reprova.

I: Bom, modelagem, realmente eu tive acesso à modelagem há uns três anos atrás e é uma grande ferramenta de ensino. Se você tem um laboratório tem bons exemplos da internet que poderão ser usados com modelagem, já tem livros bons sobre isso. Tem uma autora de modelagem matemática da Faculdade de Matemática de Blumenau, uma excelente autora, isso é uma jogada.

I: Para o aluno que tem já um talento ou afinidade com a matemática, é ali que ele vai perceber a ciência acontecendo, isso é muito legal. Para o aluno que não tem talento, ele vai perceber que existe um “gancho”, uma realidade, uma conexão e isso vai dar uma oportunidade para o professor acessar esse aluno. Para aquele aluno que mesmo na aula de modelagem não está interessado, vai ficar para ele uma mensagem subliminar, que se você insistir na modelagem você vai conseguir trazer aquele aluno. Eu lembro que lá no clube de matemática, fizemos uma modelagem que os madeireiros fazem: medir o volume de uma tora que vai ser utilizada depois na serraria. Eles têm um método muito prático que é mais preciso do que o método matemático de calcular o volume do cilindro, porque o  $\pi$  não é exato, então de uma forma ou outra eles tiram o  $\pi$ , que não influencia na medida como um todo, tornando o resultado mais preciso. Esse método é prático e preciso e os alunos que participaram dessa modelagem gostaram, sem exceção. Então você observa que o nosso contato com o aluno é um grande momento de aprendizado que não se pode desperdiçar. No momento que você está dando aula, que o aluno

está te estressando, não está prestando a atenção, se você tiver na sua mente este foco: está acontecendo alguma coisa com ele. Você pode parar um pouco, respirar, falar de outra coisa, passados uns dois três minutos, contar uma história, então o aluno volta para a tua aula, porque no momento nós tomamos decisões baseados em informações, então o aprendizado é contínuo.

I: Sobre registros, os registros aqui são bons, falando em registros escolares temos um sistema de registro escolar que é um grande apoio ao professor. Ali você tem o boletim de frequência, boletim com os graus que no dia do conselho de classe são um grande apoio, todos ali com a informação compartilhada, então os registros escolares são bons. Temos o diário de classe eletrônico que é simplificado e isso é favorável.

I: Sobre os registros da minha vida profissional, é aquilo que eu te falei, são baseados em experiências do dia a dia. Eu não me lembro de nenhuma grande experiência que tenha ficado para trás e eu não tenha trazido para a minha prática, ou de alguma experiência negativa, porque com o foco da gestão, todo erro, todo o inconveniente é uma oportunidade de melhoria, que não traz a resistência da polarização do que é bom e do que não é. Na oportunidade de melhoria você traz para sua prática e sempre tem a oportunidade de melhorar. Eu tive o foco da gestão e da prática pedagógica, acho que as duas coisas juntas foram bem, porque eu me sentia até mais motivado, eu estava fora daquele círculo vicioso entre professor e aluno vistos como inimigos. Eu sempre, nos últimos 25 anos, parti da visão da gestão que eu trouxe da minha formação ao dia-a-dia, eu consegui sempre reverter a situação. Eu lembro que nesses últimos 5 anos talvez 6 alunos eu não tive acesso de jeito nenhum, não consegui trazer o sujeito para a matemática. Mas em todas as situações a gente observa fatores externos à sala de aula, o aluno tem motivos e mesmo com o apoio pedagógico ele não conseguiu render em sala. Não foram mais do que dez alunos que eu não tive acesso, porque eu também tenho limitações baseadas na minha percepção de realidade, você não acessa a pessoa porque você não sabe o que está acontecendo, como tomar decisões nesse caso. Então existem situações em que você enfrenta em sala de aula que não tem jeito, você não vai conseguir acessar o aluno por mais que você tente. Você pode estar com o seu doutorado em educação pronto na mão ali, com uma especialização forte em psicologia, mas não acessa, pois o aluno não quer ser acessado, ele não está motivado, ele não tem discernimento para a sua aula. Você tem que aprender a lidar com o fracasso escolar, não tem jeito de você fugir disso.



I: Se você aprende a lidar com isso você ganha resistência ao estresse e normalmente você consegue se motivar a partir dessa resistência e reverter a maioria das situações.

I: Eu participei no início do ano da recuperação e aulas de apoio para alunos que entraram no colégio, de baixo desempenho na avaliação diagnóstica, e a gente percebe que o aluno de quinta série desenvolve um forte vínculo afetivo.

I: O que mais me chamou a atenção foi uma aluna que não queria competir. Eu continuei conversando com ela: como foram seus graus em matemática, e eles eram sempre baixos, mas ela não estava preocupada, ela estava vivendo aquele momento quimérico dela, consigo mesma, não estava interessada muito na volta, não queria competir, tirar o grau máximo. Todo mundo na sala competindo e ela vivendo ali o momento dela. Então tem este aspecto dos alunos e você vê que o perfil muda. Esse aluno que está no momento quimérico terá problemas de pré-requisitos, então quando ele chega à fase dos harmônios, sétima e oitava série, ele decide a vida dele ali, a vida profissional, 13, 14 anos, por incrível que pareça. Ali surgem as afinidades verdadeiras, perante a família dele: “- Isso não serve pra mim”, é esse aluno que você não consegue acessar porque ele já decidiu o que ele quer da vida dele. Então se ele decidir que matemática não é para ele, não quer estudar e não tem interesse, você não vai conseguir acessar, daí entra o pessoal da psicopedagogia tentando acessar esse aluno que vai começar a dar desculpas: o professor não faz exercícios, o professor não dá uma boa aula. Ele terá várias evasivas a partir de uma decisão emocional que ele já tomou. É esse aluno que não é acessível, que já tomou a decisão que matemática, esse que você tem que tomar mais cuidado porque você sabe que ele não tá acessível para você e por outro lado você precisa encaminhar ele para a psicopedagogia para ele tentar pelo menos acompanhar a tua aula e te tolerar como professor para ele seguir em frente na vida dele.

I: Assim como tem aqueles alunos que você vai encontrar formados, vão ser advogados, mas vão dizer que a sua aula foi boa naquele dia, apesar de estar numa profissão diferente ele reconhece que você fez um bom trabalho. Esse é o caso da maioria, que se adaptam as exigências da escola e vencem os desafios. Tem aquele aluno que não é acessível, a maioria é acessível e talentosa, que você nem precisa falar muito e já está aprendendo: você está na segunda linha da lousa e ela já sabe a terceira. Esse aluno também não é acessível porque não precisa de você, e você não sabe nem o que está acontecendo, só sabe que ele está aprendendo.

I: Este aspecto é importante da formação do professor: saber lidar com o elemento humano, não de maneira justa, mas de maneira adequada, saber diferenciar as situações, perceber suas limitações e entrar no paradoxo e começar a melhorar porque você percebe as suas limitações.

I: Esse é o processo que você deve seguir para ser um bom professor: sempre estar consciente que existem limitações do aluno e suas, mas que você precisa transcender essas limitações, e mesmo com tudo que você fizer de bom: toda tecnologia, toda ciência ainda existe o aluno que não é acessível, você precisa aceitar também essa realidade. E assim meu discurso está demonstrado, como foram os 29 anos.

B: Muito obrigada pela sua entrevista, eu acho que a parte mais importante é o que a gente aprende. Quanta coisa eu aprendi com essa fala coisas que às vezes a gente não percebe, mas reflete pela fala do outro. Realmente tem coisas que não percebemos, cada um tem um jeito de perceber as coisas e com isso aprendemos também.

### 4.3 ALZIRA

Alzira: Você quer desde o início da carreira?

Brunna: O que você achar mais importante. Sua carreira começou aqui ou você já tinha uma história antes?

A: Não, começou aqui. Eu me formei e então fiz o concurso em... não eu entrei como CLT em 97, aí eu fiz o concurso em 98 e entrei como efetiva. Mas assim o que a gente tem aqui, no início tudo era diferente. Uma das coisas que eu senti bastante, no primeiro ano, foi a questão da matemática eu entrei para dar aula numa quinta série, como eu sai muito empolgada da faculdade quando eu cheguei aqui então eu estava com muito gás, o que aconteceu, o que a gente aprende na faculdade é uma questão muito mais teórica, de bacharelado e de pesquisa principalmente na área de cálculo e na área de análise. Quando eu entrei para dar aulas, mesmo tendo cursado didática, metodologia eu senti que não tinha muita relação entre o que a gente aprende na faculdade e o que a gente tem no início da carreira. Quando eu entrei, a gente teve muito apoio do pessoal, a escola estava reiniciando todo o processo porque havia sido fechada, já havia sido feita a reabertura e cada seção tinha um espaço bem pequeno, restrito, os alunos eram na maioria...era ao contrário, a gente tinha 70% de concursados para 30% de amparados, por causa da reabertura em si, então para completar as turmas era feito assim: muito mais concursados do que amparados. Hoje é diferente, hoje teve a reversão: 70% de amparados para 30% de concursados, quer dizer bem menos, porque de uma turma de 90, você recebe 30 alunos, temos aproximadamente 30%. Dentro desse processo inteiro o que eu senti foi a dificuldade que a gente tem de adaptação mesmo, porque o nível de um aluno concursado no colégio é muito diferente daquele que não é. E esses que não são eles vêm de cidades do interior, vêm de fronteiras, então o nível de conhecimento deles é muito diferente daquele que é concursado que chega a voltar dois anos<sup>33</sup>: estava indo para o oitavo ano e desistem para entrar no colégio.

---

<sup>33</sup> Existem duas situações em que um aluno pode voltar uma ou duas séries: a primeira ocorre quando um aluno da rede estadual ou privada, matriculado no 7º ou 8º ano, presta concurso para o 6º ano no Colégio Militar de Curitiba, pois não será reclassificado caso seja aprovado no concurso; e a segunda ocorre, com menos frequência, quando um aluno amparado não demonstra, por meio da avaliação diagnóstica, possuir os pré-requisitos para acompanhar a série na qual está matriculado,

A: Com relação à matemática, durante todo esse processo a gente teve que mudar muito porque o público que entrou agora é muito diferente daquele que a gente recebia antigamente.

Quanto à questão de aula de matemática eu percebo que a gente deve estar muito mais aplicada do que antigamente, quando a gente dava aulas com demonstrações, com justificativas mais rígidas, então durante todo esse processo a gente teve que mudar bastante esta questão. A linguagem matemática tem que estar mais próxima, mais contextualizada. Há alguns anos atrás a gente fazia muito mais demonstrações do que pegar um problema e desenvolver ele aplicado.

A: Com relação ao clube de matemática, trabalhamos bastante aqui, desde o início, era a intenção do colégio manter o clube de matemática, só que o processo se quebrou agora por causa da divisão da administração, hoje a gente não tem um setor só da matemática, como antigamente, com todos os professores de matemática. Nesta época as discussões da disciplina eram muito mais fáceis, as questões de troca como: “ - Olha eu não posso dar aula hoje e tal”. Então essa troca era muito mais facilitada porque o aluno não perdia o ritmo da matemática. Hoje perdemos um pouco por que temos que trocar pela disciplina então se eu tiver necessidade de faltar tenho que trocar com história, por exemplo, não é um professor de matemática que faz a substituição. É claro que aqui no 9º ano é mais fácil, pois temos dois professores, então a troca é mais tranquila.

B: E a matemática agora é dividida entre vocês dois?

A: É! No caso eu trabalho a parte de álgebra e de geometria. Eu já trabalhei outros anos em um 9º ano com geometria, esse ano eu comecei com álgebra. Está sendo uma experiência muito boa, apesar de que a expectativa que a gente tem sempre é uma e quando recebemos os alunos percebemos que o conhecimento que eles têm acumulado é bem diferente, um pouco abaixo do que esperamos. Então a dificuldade de adaptar tudo isso, fazer com que eles entendam que a matemática não é um bicho de sete cabeças é um processo muito complicado, porque são várias situações. Na nossa formação às vezes, a matemática era muito mais rígida e teórica e trabalhar hoje a transposição, a aplicação às vezes se torna complicado, mas não que a gente não consiga, a gente tenta fazer o melhor, mas para o próprio aluno a questão da contextualização é difícil, também por causa dos hábitos: hábitos

de leitura, de estudar a matéria para aprender, não levar assim: “- Eu tenho média 5 então eu vou estudar para um 5”. Desta forma fica difícil por que eles aprenderam a administrar a nota: quanto eu preciso para passar? 5, então vou estudar para 5.

Questões de memorização, tabuada. Ano passado quando dei aula para o 6º ano eu achava incrível como podiam ter alunos que ainda não haviam decorado a tabuada. Porque o que a gente fala de decorar? A decoreba é importante em alguns aspectos, a tabuada deve ser memorizada para agilizar cálculos, se memorizada o erro possível é diminuído, diferentemente de quando realizamos as contas de somar, ficamos nervosos, demora muito e já não sabemos mais fazer a conta. Todo esse processo de raciocínio que a gente espera não existe e então se quebra, então o aluno tem dificuldade na interpretação, no cálculo porque não memorizou a matemática, daí quando ela entra no colégio... eu vejo assim: o que o 6º ano é? A integração de tudo o que ele viu do 1º ao 5º ano, num nível um pouco mais elevado, esse é o 6º ano, para que ele possa estar preparado para o 7º, 8º e 9º que são a base. Ele tem uma preparação, melhoramento dos cálculos para enfrentar o 7º, 8º e 9º anos. Você junta todo o ensino fundamental, o conhecimento de produtos notáveis, números inteiros, unidades, transformações, fórmulas de área. Tudo isso aplicamos no 9º ano para estudar funções, equações e esses assuntos do nono ano tendo a base de 6º ao 8º ano.

A: Esses dois anos são bem complicados e eu vejo que o ensino está bem precário porque existem instituições que não trabalham com a memorização: deixam o aluno somar, criar maturidade só que essa maturidade para alguns demora muito e isso dificulta um pouco.

A: Há muito tempo, eu já trabalhei com jogos, só que temos que trabalhar meio estanques, questões mais dinâmicas, no clube de matemática principalmente, porque lá temos um ambiente para isso. Agora em sala de aula, pelo próprio currículo do colégio que é muito conteudista fica difícil, porque você tem metas de planejamento e aí fica complicado: se você quiser, terá muito pouco tempo para fazer uma coisa a parte, mas estamos tentando fazer o melhor que é possível. Em alguns momentos existe uma relação entre conhecimento acumulado mínimo necessário para você ter uma boa continuidade que eles não trazem. Neste caso é como se você tivesse que partir do início mesmo, essa é a dificuldade que sentimos nesse aspecto.

A: Registros eu não tenho. Acho que a cada ano temos uma turma nova e uma experiência nova e não é porque funcionou em um ano que funcionará no outro.

A: Este ano eu gostei de participar da feira de ciências onde trabalhei com dois grupos, um de dobraduras onde vemos muita geometria, a parte de geometria no 6º ano eu gostava de trabalhar usando as dobraduras, pois podemos mostrar a simetria, figuras geométricas e ao mesmo tempo divertir eles, para eles é uma festa aprender a fazer um origami, mas dentro disso queremos que eles aprendam conceitos da geometria; as alunas desse ano fizeram um trabalho excelente envolvendo a moda do eco-design. O outro grupo foi um grupo de meninos que deviam trabalhar a construção de um foguete vendo a trajetória que ele descreve que é uma função do segundo grau. Gostaria de ter trabalhado melhor com o grupo. Não rendeu, pois os alunos estavam mais preocupados com a nota do que com o trabalho, para eles é tudo em troca de nota, eles não estão preocupados com a investigação, mas os trabalhos foram bons.

A: Grande parte das coisas que a gente tenta fazer às vezes tem resultado positivo, mas nem sempre dá certo. Eu gostaria que tivesse sido melhor o trabalho dos meninos, mas não foi isso que ocorreu, então eu reforcei em sala de aula a intenção do trabalho que era filmar a trajetória do foguete registrando o ponto zero e a distância em que ele cairia (que são os zeros da função), usando o chão como eixo x. Teríamos também a altura máxima atingida usando uma proporção com a altura do aluno, então tendo três pontos construiríamos a função, essa era a intenção, além dos objetivos do estudo científico da área: peso, pressão e vários conceitos de física. Mas enfim o grupo não desenvolveu muito bem. Fazemos as coisas na medida em que eles podem entender, mas esta experiência acabou virando uma brincadeira de lançamento de uma garrafa pet no ar.

A: À medida que vamos conseguindo trabalhamos essas coisas.

A: Acredito que basicamente é isso: a carreira aqui no colégio melhorou após o ingresso no nível tecnológico, que até então estava estagnada. A estrutura teve seus altos e baixos, quando iniciamos ela era precária e à medida que os anos foram passando as coisas foram melhorando. De início tínhamos o clube, tínhamos um valor, carteirinhas, mas com o passar do tempo e a mudança de comando ocorrem diversas situações, porque com a separação por ano o clube ficou dividido por que não temos alguém que controle. Existe um responsável, mas é diferente de quando alguém se envolve mesmo, fazendo parte daquele meio. Hoje eu vejo o

clube como mais uma sala onde você pode levar os alunos, não como um clube que você participa, que você tem alunos fazendo, é mais uma sala auxiliar. Acho que é isso.

#### 4.4 MÁRCIA

Brunna: Professora Márcia você poderia nos contar um pouco da sua história como professora do CMC e professora de matemática?

Márcia: Sim. Faz muito tempo que eu me formei em matemática, foi na Universidade Estadual de Londrina, fiz bacharelado em matemática. Logo que terminei o bacharelado em matemática eu comecei a dar aulas em cursinhos, vários cursinhos lá em Londrina. Eu também comecei a dar aulas em colégios que eram dirigidos pelos mesmos donos dos cursinhos, eram colégios famosos de Londrina.

M: Eu também dava aula em Cornélio Procópio, porque no norte do Paraná, naquela época, vinte anos atrás, quando comecei minha carreira, para ser mais exata, vinte e dois anos atrás, nas cidades vizinhas não havia estruturas tão boas: havia poucas universidades, colégios bons. Então o pessoal de Londrina tinha seus cursos e colégios em outras cidades. Eu ia trabalhar em Cornélio, trabalhava bastante, de manhã de tarde e de noite, dei aulas em supletivos: em Londrina fiz a minha carreira. Fiz especialização em matemática superior na UEL e então vim para Curitiba.

M: Quando cheguei a Curitiba ainda mantive por um ano vínculo com dois colégios de Londrina, pois estava escrevendo o material didático deles e estava ganhando para isso. Eu tinha assumido esse compromisso, e continuei por um ano ainda fazendo viagens para dar aula em Londrina. Aqui em Curitiba eu não era conhecida então meu currículo e minha experiência contavam muito pouco, porque ninguém sabia como era Londrina, apesar de não ser muito longe. Eu comecei então a dar aulas em dois colégios estaduais de Curitiba e como meu ex-marido era oficial temporário eu fiquei sabendo que tinha sido reaberto o colégio em 95, eu vim para cá em 96, mas fiquei sabendo que estavam precisando de professores em 97. Então eu fiz um contrato, minha filha havia nascido naquele ano, então fiz o contrato que tinha o mesmo vínculo que o estado, então vim para cá. Fiquei na condição de CLT por dois anos aproximadamente. No segundo ano eu passei no concurso do colégio para professores civis. Assumi logo na sequência, estavam precisando bastante de professores e estou aqui até hoje, este é o décimo sexto ano. Durante este período fiz mestrado, entrei no doutorado, fiz uma porção de coisas. Sempre trabalhei no ensino médio aqui no colégio, participei de diversos concursos, na preparação. Tenho me dedicado bastante, tenho bastante afinidade com os alunos, gosto do que



eu faço, embora algumas coisas não me agradem com respeito à burocracia, mas os alunos do CMC me agradam muito, em sua grande maioria.

M: Eu que trabalhei em vários colégios particulares, em vários níveis, no supletivo, no estado, à noite e de manhã, que são realidades diferentes e realmente eu não troco os meus alunos daqui pelos de nenhum outro lugar em que eu já trabalhei. Tem sido muito gratificante para mim, trabalhar aqui por causa dos alunos. Tive alunos de uma capacidade intelectual que eu nunca imaginei que alguém tivesse. Alunos de um esforço inexpressível, eu não tenho nem como dizer, alunos inesquecíveis pelo esforço, pela dedicação, pelo reconhecimento.

M: Quando vim para Curitiba eu estava muito desanimada, pois já havia dezesseis anos que o sistema educacional estava falido, eu dava aula porque precisava do salário, eu não tinha satisfação, embora eu gostasse de dar aulas eu não tinha satisfação porque eu não tinha respeito, reconhecimento dos alunos, os alunos que pagavam e eles mandavam e aqui é muito diferente.

M: Temos uma formação integral, claro que temos problemas disciplinares e todos os tipos de problemas, mas o número de alunos problemáticos é desprezível diante do resto lá fora, reunindo todos os outros sistemas educacionais. Pode-se dizer que não temos problemas, isso é o que me motiva, a cada dia, a sair da minha casa e vir para cá dar minhas aulas. Pode até piorar, mas o que eu já ganhei nesses anos me leva até o fim da minha carreira, consegue me dar sustentação para que eu termine a minha carreira numa boa. Tenho muitas experiências fantásticas que eu vou levar para a eternidade. É uma emoção grande.

B: Viver aqui com esses alunos nos leva a criar um vínculo muito forte.

M: Eu era uma pessoa antes. Um dia eu disse uma frase. Deus escuta as nossas frases todas, aquelas que falamos com a alma são escutadas e atendidas pelo nosso mestre superior. Um dia, eu sai de uma sexta aula, eu tinha dado trigonometria, não me lembro da série, e os alunos estavam insuportáveis naquele dia e as minhas salas eram de no mínimo 80 alunos, num lugar enorme, com tablado, eu usava microfone e tinha muita dificuldade pois os alunos não queriam nada com nada e eu estava dando aula pras paredes mesmo. Eu dei aquela aula sem nenhum retorno e quando eu sai da sexta aula, eu estava exausta e fui embora a pé para minha casa, estava um calor em Londrina, Londrina é muito quente, e eu disse: “ - Meu Deus eu queria que essa janela fechasse e me abrisse uma janela de frente para o mar. Onde eu possa respirar pelo menos.” Deus ouviu minhas preces porque eu nunca mais tive aquele tipo de aluno, tenho problemas mas eu nunca

mais tive que passar por aquela humilhação naquele e em outros tantos dias, mas aquele eu estava mais sensível. Nunca mais passei por isso. Eu pedi com a minha alma que não queria mais passar por isso, pois eu havia preparado a aula, ensinado e não havia conseguido obter resultado. Isso não me acontece mais, agora que eu estou no final da minha carreira como as coisas melhoraram. Tem quem diga que tudo piorou, mas eu não posso dizer isso, muito pelo contrário, eu posso dizer que eu sou uma vencedora e que tudo o que eu mais queria eu consegui em termos de carreira. Sou uma vitoriosa graças a Deus, ganho um salário razoável aqui, mas muito mais do que isso tenho a satisfação de poder ensinar, passar para os alunos o pouco que eu sei e eles com a capacidade intelectual grande que têm fazem esse pouco virar muito. Isso que eu tenho a dizer. Eu acredito no ser humano apesar de todos os ventos contrários que dificultam o desenvolver da nossa carreira e acredito que ainda tem muita coisa que nós professores podemos fazer e isso vai beneficiar os nossos filhos.

## 4.5 MAURÍCIO

Maurício: Meu nome é Mauricio Bastos Dequech, atualmente sou coronel do Exército, já na reserva, mas contratado por tempo certo como professor de matemática. É contrato de ano em ano, eu estou no meu primeiro ano, comecei agora em Setembro.

Minha ligação com o colégio militar é muito grande, eu entrei no colégio militar como aluno na quinta série em 1975, e de 75 a 81 eu cursei os 7 anos de colégio e na época só tinha menino e era bem diferente.

B: Foi aqui em Curitiba mesmo?

M: Aqui em Curitiba, e foram 7 anos, do Colégio eu fui direto para a Academia Militar das Agulhas Negras, naquela época a academia distribuía vagas para os colégios militares aí você colocava na ordem de classificação, se eu não me engano era a média do segundo e terceiro ano, colocava na ordem: “ - Quantas vagas têm?” Dez. Quem são os dez primeiros vão preenchendo e nessa eu fui, eram 15 vagas eu era o quarto, eu não sabia se eu ia ou se não ia e tal, a vai... é aquela história do cavalo encilhado, passou um cavalo encilhado na sua frente: monta depois pode ser que se quiser você desmonta e segue o barco, fui entrei na academia em 82 e saí em 85, aspirante, aí rodei aí por...mais aqui pela região Paraná, Santa Catarina.

Em 96 fui convidado para retornar ao colégio como instrutor, existe a figura aqui de instrutor, que é quem cuida dos alunos fora de sala de aula, corpo de alunos, voltei em 96 o colégio foi reaberto em 95, que o colégio ficou fechado de 89 a 94, se eu não me engano, aí foi reaberto em 95 em 96 eu voltei como capitão comandando a primeira companhia de alunos do ensino médio, então foi o... a sensação de você voltar como oficial como capitão pra cuidar dos alunos foi muito legal, e eu sempre gostei de...quando eu estava vindo, eu vim de Rio Negro, lá eu fazia faculdade de Ciências Contábeis, de Administração aliás. Mas aquelas matérias teóricas, não... e quando chegava ali em contabilidade, números era a minha praia. E quando eu vim para Curitiba fui à Federal e consegui. Lá eu mudei para ciências contábeis, lá em Mafra, e transferi para Federal como matemática, era ciências com habilitação em matemática. Consegui pegar matemática na Federal, aí eu fiz 96, 97, 98 e 99, em quatro anos eu consegui me formar em matemática na Federal, esse período eu estava aqui como instrutor cuidando dos alunos na parte

disciplinar, se você for ver lá aquelas placas das turmas tá lá meu nome, eu que mandei fazer aquelas placas, eu que montei essa formatura dos alunos à noite... eu saía daqui e ia para a faculdade eu parava na frente lá ficava olhando imaginando o que fazer numa formatura. Porque 97 foi a primeira que se formou depois que reabriu, primeira formatura primeira turma com meninas, tanto que foi o nome da turma é Maria Quitéria que é a patrona do Quadro Complementar de Oficiais<sup>34</sup>, e sempre é um prazer, eu vibro, lidar com a juventude é o que eu sempre falo: é desgastante mas é extremamente gratificante, bom, 6 anos no corpo de alunos, terminou meu tempo o máximo que eu podia ficar eram 6 anos.

M: Eu fui para um quartel aqui em Curitiba, serviço militar que era ali na Riachuelo, e bem no período podia chamar o pessoal de armas da Academia Militar dos Agulhas Negras com licenciatura para dar aula, e o comandante foi numa reunião da Departamento de Ensino Preparatório e Assistencial do Exército lá da diretoria e indicou meu nome e eu fui transferido no final do ano como professor, aí voltei para cá, então em 93... 2003... 2001 foi meu último ano 2002 na Circunscrição de Serviço Militar. Em 2003 eu voltei para cá, aí que eu fui chefe da Seção de Ensino B das disciplinas de matemática, desenho e informática.

M: Eu não tinha experiência nenhuma em sala de aula, eu me formei na Federal em 99, ficava aqui no corpo de alunos assistia muitas aulas dos professores de matemática, mas nunca entrei em sala, então se ficava com aquele meio..., fui instrutor da parte militar, nisso aí a gente tinha uma experiência, mas na matemática não, aí em 2003 eu entrei mais, eu fiquei o primeiro semestre ali mais pra tomar conhecimento pra acompanhar porque... e aí uma professora saiu em licença maternidade aí eu substituí, se eu não me engano foi na sétima série ou no oitavo ano agora, matemática, sempre na parte de geometria que eu gosto mais dessa parte de geometria. Peguei a sétima série, matemática, ensinei desenho geométrico 2 anos na oitava e na sétima série, na oitava série a parte de geometria. Essa turma que eu peguei na sétima me chamou pra ir junto com eles pra oitava, formatura do final do ano da oitava série viagem me chamaram pra ir junto com eles eu sempre tive um relacionamento muito bom com os alunos, pelo menos com a maioria deles. Viajei com a turma, a oitava série. Fui com eles pro primeiro ano, e aí me chamaram pra ir pro segundo daí eu falei pra eles assim: não acho que agora tá na hora de vocês aprenderem matemática, aí o segundo eu não acompanhei, e daí eu estava no... 2009, final de 2008, surgiu aqui uma transferência minha pra Belo Horizonte,

<sup>34</sup> Única arma do Exército Brasileiro que admite mulheres.

me pegou de surpresa, fiz tudo pra não ir, mas tive que ir, aí 2009 e 2010 eu fiquei em BH, fora de sala de aula, numa função administrativa no comando da quarta região militar lá em BH, a minha esposa foi comigo, os filhos ficaram aqui, como era funcionária do banco ela conseguiu ir, conseguiu voltar e aí eu voltei e passei para a reserva<sup>35</sup> lá e voltei.

Existe essa figura do contratado que ele tem que ficar um ano na reserva depois ele pode voltar como contratado de ano em ano. O coronel Palma é um exemplo que tem aqui você deve conhecer, então é contratado. Eu estou no meu primeiro ano de contrato de PTTC, Prestador de Tarefa por Tempo Certo, também conhecido como “vampiro”, que é o cara que vai sugar um pouco mais o... e eu estou muito feliz e agora eu estou pegando o primeiro ano já entrei em sala agora no primeiro ano dividindo com a Márcia. Eu sou muito suspeito de falar Colégio Militar, são 19 anos que eu tenho, eu to indo para o meu vigésimo ano envolvido diretamente aqui com o colégio, então só não trabalhei naquela parte administrativa lá que não me interessa. Já fui aluno, trabalhei no corpo de alunos e, como professor, tenho vinte anos de trabalho. Com relação ao colégio eu acredito que é um negócio que está dando certo do jeito que é a estrutura dele, tem os prós tem os contra, mas eu acho que os “finalmente”, aí pelos resultados que a gente vê..., atualmente, andou muito na mídia a questão do IDEB e o soletrando também, não sei se você viu todos, quase todos eram do colégio militar, é coincidência isso? O aluno é bom porque para passar no concurso do colégio “o bicho tem que ser fera”, e os outros são os amparados os filhos de militares, desses alguns acompanham outros têm um pouco mais de deficiência porque vêm de onde? Vêm da Amazônia, vêm do interior, do nordeste que não tem... chegam aqui e encaram o colégio militar com esse ritmo acelerado. Alguns dão uma “balançada”, mas a maioria acaba pegando.

B: Mas na média, o colégio militar acaba se tornando uma ilha num lugar com muitos problemas de educação. Aqui fora, mesmo em Curitiba, a gente vê colégios muito ruins, índices muito baixos principalmente os do estado, os colégios particulares não estão tão melhores e o colégio militar se destaca entre todos estes, então com certeza não é só o aluno.

M: Isso é assim desde o meu tempo de aluno, o colégio sempre foi destaque, naquela época era o Militar, o Medianeira e o Santa Maria, sempre brigando, mas o pessoal do Colégio Militar era referência, então é por aí... e agora

---

<sup>35</sup> Aposentou-se do serviço militar.

estamos aqui no colégio, ministrando aulas de matemática, terminei a geometria e agora eu deixo a álgebra com a Márcia. Agora estou ensinando PA/PG, mas gosto da parte de geometria, sempre gostei, trigonometria no primeiro ano, geometria espacial no segundo e estamos aí, me divertindo com a gurizada. Para mim é diversão, eu entro em sala já brincando com a gurizada, eles já me conhecem só de olhar: a hora que é pra brincar a hora que é pra ficar quieto. Nunca tive problema com disciplina em sala de aula. Apesar de militar, tem gente de tudo que é origem de tudo quanto é tipo de formação, tem aluno mal-educado, tem aluno boca-suja, não é porque é militar que não vai ter disso aí, mas você tem que saber lidar e tem que saber convencer a gurizada de que na hora de ficar quieto, tem que ficar quieto, e eles ficam quietos, eu consigo dar minha aula tranquilamente aqui.

B: E você consegue ter um retorno disso, ver que as coisas estão caminhando.

M: Eu fiquei agora com 4 aulas, só comecei agora porque eu entrei 1º de setembro e estava na época de AE e já comecei a trabalhar com PA, fiz a revisão dos poliedros, prismas e cilindros para AE, que eles fizeram, e entrei agora com PA/PG. Ontem eu perguntei: “- Alguma dúvida?”, um aluno levantou o braço e disse: ”- Diga por que o senhor demorou tanto pra vir pra cá?”, aí eu falei: “ - Não... por causa da ... mais alguma dúvida?”, “- Em que turmas o senhor vai dar aula no ano que vem?”, eu falei: “ Ó! Não é dúvida sobre a minha vida é dúvida sobre o assunto!” Então isso aqui é legal.

M: O diferencial do colégio aqui, primeiro a qualidade do aluno que vem, apesar de ter um número grande de amparados, eu acho que o concursado puxa o outro, acaba formando amizade amparado-concursado e o concursado acaba arrastando o outro junto sim, não que todos os amparados tenham deficiência.

Qualificação dos professores, eu não tenho dados aqui de cabeça, mas muitos aqui têm mestrado no mínimo, pós-graduação acredito que todos e mestrado muitos, e alguns até doutorado ou tem doutorandos aqui.

E eu acho que a formalidade existe em muitos processos aqui, confecção de provas, não é apenas resolver fazer uma prova do jeito que acha que tem que ser. Não! Tem um sistema, um processo, o professor monta a prova, esta vai para o chefe da seção que avalia, corrige, entrega, vai para uma seção técnica, tem um “processozinho” ali, tem as regras que devem ser cumpridas, tem o índice de dificuldade, tempo, resolução de prova com quantidade de questões da prova. Existe a seção técnica que eu acho que também faz uma diferença, ela ajuda muito, temos

os levantamentos estatísticos e os dados, temos todo esse processo, para a montagem de prova, formalidade e a parte militar que, querendo ou não, ajuda os valores do exército, o aluno é formado segundo as tradições do exército, honra, lealdade, disciplina, dever, e por aí vai.

#### 4.6 EDUARDO

B: Professor Eduardo eu gostaria que você me contasse um pouco da sua história aqui no colégio, ou se preferir, sua história como professor de matemática, talvez da sua carreira. O que você achar mais interessante da sua carreira como professor de matemática.

E: Está certo. Eu agradeço por poder participar do teu trabalho e pensei muito também sobre o que eu poderia falar. Mas enfim... Quando eu comecei o curso de matemática, lá pelos idos de 1984/1985, não tinha a menor intenção de ser professor, mas essa coisa de ser professor foi acontecendo e está acontecendo. Eu estou me tornando professor a cada dia que passa, no sentido de estar tentando melhorar a minha prática, o meu fazer, a minha compreensão do que é isso: ser professor de matemática. Lembro-me de quando eu estava na faculdade, morava próximo do colégio, e continuo morando nas proximidades do Colégio Militar de Curitiba, eu passava aqui na BR, olhava o colégio e pensava: “- Puxa! Eu ainda vou dar aula aqui neste colégio!” Eu não sei, mas essa coisa assim acaba acontecendo. Eu entrei aqui no colégio em 1998, fiz o concurso, passei, fui aprovado e de lá para cá já são 15 anos. Aqui no colégio eu não lecionei no 2º ano do ensino médio, e também no 9º ano, 8ª série, não lecionei nessas séries, mas, nas demais, desde o 6º ano (5ª série) até o 3º ano eu já lecionei. Já estou no 7º ano há algum tempo, quatro ou cinco anos, e gosto, tenho algumas dificuldades talvez em trabalhar com as crianças, trabalhar com as mais novinhas, e talvez também com os mais velhos, eu prefiro essa faixa etária, os alunos já estão um pouco ambientados aqui no colégio. Na minha prática uma coisa que eu fui aprendendo é que é interessante você enquanto professor dar oportunidades para o aluno fazer descobertas. Descobrir novas técnicas, novas maneiras de resolver os problemas, os exercícios. Vamos ver... o que mais eu posso falar... então...

B: Você sempre valorizou essa questão das descobertas? Ou teve alguma situação que te levou a pensar em começar?

E: Eu acho que de início eu procurava muito responder as coisas que os alunos nem perguntavam e que nem eram preocupantes para eles no problema. Eu respondia antes daquela preocupação estar presente na cabeça dele. Hoje eu vejo que é mais interessante que eles tenham esta possibilidade da descoberta por eles mesmos. Uma coisa que eu ia te falar e me fugiu...mas vai perguntando...é... Ah!



Sim... eu também falava muito em relação ao erros: “- Pessoal, vejam só: quando acontecer tal coisa (explicando um exercício), não façam isto, que é errado.” Então isto eu também evito, porque se não eu faço uma coisa que o aluno nem estava pensando a este respeito, neste sentido, eu acabo dando a ideia para aquele que estava menos atento. Ele está desatento e pensa: “-Olha o professor falou tal coisa.” Mas eu falei para não fazer, e ele perdeu essa fala inicial, por exemplo. Então eu procuro falar de erros quando os erros surgem e não antecipar erros que não aconteceram e podem nem vir a acontecer. Caso contrário eu posso dar ideia para o aluno responder de forma errada.

B: Eu nunca tinha pensado nisso, mas também tenho essa mania de antecipar os erros e acabar cortando a possibilidade de o aluno perceber o que está ali, e os desatentos que entendem tudo pela metade.

E: E gosto de dar aula aqui. Uma coisa que me favorece é a quantidade de aulas que tenho. A carga horária não é excessiva de modo que a gente pode também se aprimorar, estudar e fazer os cursos que a gente pretende fazer, enfim, os aprimoramentos de pós-graduação.

B: E a convivência aqui? Com o pessoal da matemática? Você está aqui há quinze anos, é tempo de passar muita gente, de entrar de sair.

E: Há vários tipos de profissionais aqui professores, no sentido do vínculo com a escola. Há o professor concursado civil, como é o meu caso, tem o professor militar de carreira, tem o professor militar temporário, tem o professor que é civil emprestado do Estado, tem variedades. Acredito que também não há muita diferença, em termos de prática em sala de aula, entre esses professores. Mas o que eu sinto falta, aqui no colégio, realmente eu sempre senti falta disso, é a gente poder debater mais sobre aquilo que a gente faz. São muito raros os momentos em que a gente se encontra para discutir aquilo que a gente faz em sala de aula enquanto professor de matemática. É muito raro nos encontrarmos. Eu gostaria que fossem mais vezes.

B: E se talvez isso acontecesse sem uma ordem? Porque a ordem de horário e tempo faz perder o ambiente para a divisão de experiências.

E: A naturalidade. Essa divisão de experiências, ela acontece mais eventualmente assim nos encontros de corredores. Então a gente tem uma coisa muito curiosa, que a gente queira dividir, encontra o colega no corredor e divide o conhecimento, e assim, de maneira geral, todos fazem isso, mas é... o encontro assim mais frequente para debater esses nossos feitos de sala de aula como

professor é muito raro aqui. Mas o encontro no corredor, para discutir determinada questão, que é curiosa, respostas de alunos, ou perguntas que nos deixam muito pensativos, tem coisa que a gente não tinha atinado e que eventualmente os alunos despertam na gente, tem curiosidade, acontece bastante.

B: De maneira informal?

E: É! De maneira informal, exato.

B: Eu gostaria de saber, até agora falamos sobre o CMC, mas você já teve alguma experiência fora daqui?

E: Ah! Então, eu comecei a lecionar em... eu terminei o curso de graduação em matemática denominado: Ciências com habilitação em Matemática, em 1989 com a formatura em 1990, em 1988 eu já lecionava, lecionei em estágio, lecionei para uma empresa, para os funcionários terem melhorias nas atividades deles, já trabalhei no Estado, colégios estaduais, colégios particulares também. Eu lembro que o ano que eu mais dei aulas eu não conseguia, devido ao deslocamento de uma escola para a outra, eu não conseguia, era impraticável, ter a primeira aula, eu perdia a primeira aula no colégio da tarde. Eu finalizava a atividade na parte da manhã e dez minutos depois começava a atividade da tarde, só que era quilômetros de distância e não tinha como, também era meu tempo para almoçar e de deslocamento. Hoje em dia está bem mais tranquilo, bem mais tranquilo!

B: Isso muda muito, o tempo para o professor analisar a sua situação, ter essas conversas de corredor, preparar a sua disciplina.

E: Fazer um trabalho com mais qualidade. E também teve momentos, hoje em dia eu não faço mais isso, poderia fazer, mas não é meu interesse, de aulas particulares. Então eu trabalhei em cursos de aulas particulares enquanto ainda estava na faculdade, também é interessante. Hoje em dia as aulas particulares que eu dou são para a minha sobrinha que está no pré-vestibular e que tem muito gosto pelos estudos, eu procuro fazer com que ela entenda bem e tenha gosto.

B: É isso aí. Você tem mais alguma coisa que acha importante registrar nessa história?

E: Uma coisa também da minha prática é escutar o aluno, ouvir, entender a pergunta, compreender a pergunta, a fala do aluno, porque às vezes ele não tem as palavras supostamente certas para o questionamento. Esses dias também eu li em um texto do Merleau Ponty que a criança compreende muito mais do que consegue falar, expressar, e isso é fato, por exemplo, nas aulas e na interação com os alunos.

B: E nunca lhe ocorreu trabalhar com ciências?

E: Não, muito embora eu também goste bastante dessa área, mas eu não lecionei não.

#### 4.7 PAULO

B: Professor Paulo Cesar, eu gostaria que você me contasse um pouco da sua história aqui no colégio, ou da sua história como professor, alguma coisa que você guarda na memória: sua experiência como professor de matemática, o que você acha mais interessante ao longo da sua carreira como professor.

P: Eu comecei a dar aula em 1989 quando eu era acadêmico de agronomia na Federal, eu saí da agronomia e mudei para matemática, e enquanto eu fazia matemática eu já dava aula, primeiro eu comecei a dar aulas e depois eu mudei para a matemática. Eu trabalhei primeiramente em escolas particulares, escolas pequenas, e depois eu fui trabalhar no Estado, nas escolas da prefeitura de Curitiba, de Araucária, foi assim até 2002 quando eu entrei aqui no colégio. Então eu me formei em 1994 na Federal, em 1998 eu voltei para a Federal para fazer especialização. Em 1998 eu trabalhei na Federal como professor substituto e saí em 2000, quando eu comecei a fazer mestrado. Fiz mestrado em métodos numéricos e quando eu estava terminando o mestrado eu entrei no colégio. O CMC foi para mim uma visão nova, de tudo o que eu fazia até então, eu trabalhava com colégio particular, faculdade, colégio público, colégio de periferia. Em Araucária eu trabalhei em um colégio que não podia ter recreio por causa da violência que tinha na região. Então eu vim para um colégio que teoricamente era organizado, então eu percebi que não era tudo aquilo que se falava, tinha muitos dos problemas que tinha na rede pública, e cada vez mais esses problemas estão se aprofundando.

P: Quando eu entrei aqui foi engraçado porque eu trabalhei no 1º ano, depois na 5ª série, depois, dos nove anos que eu estou no colégio, oito praticamente foram no 2º ano. Trabalhei dois anos no 3º e o resto no 2º ano.

P: Com relação ao colégio existe uma dificuldade muito grande de trabalhar com as tendências pedagógicas de matemática, por exemplo: para você trabalhar a modelagem fica difícil, pois você tem um currículo a seguir, um plano de ensino a seguir que é determinado pela DEPA, então você tem pouca margem de uso de outras tecnologias de ensino, o ensino aqui é tradicional, você tem que seguir o que mandam fazer, as provas são provas formais, você tem pouca margem de manobra. Então pouco se trabalha com jogos, com modelagem, com história da matemática, com etnomatemática ou coisas do tipo.

P: Tecnologia tenta-se colocar, você tem na sala de aula *data show*, multimídia, só que frequentemente não funciona, ou funciona em uma sala e em outra não, então você tem dificuldade em levar os seus alunos porque uma sala tem, mas na outra aula que você vai trabalhar tem que usar quadro e giz. Fica complicado: aulas diferentes para turmas de mesmo ano.

P: O laboratório de matemática surgiu como possibilidade de fazer algo diferente, mas ele surgiu, ficou faltando algumas coisas para poder estruturá-lo, e ao invés de estas peças virem, foi deteriorando o que tinha e cada vez se tem menos condições de trabalhar dentro do laboratório. Até o problema de uma mesa para soldar leva dois anos, tem mesa que está há mais de dois anos para soldar.

P: As turmas são turmas bem heterogêneas, porque a gente tem aquele aluno que é concursado, que tem um alto nível, e tem aquele aluno que é amparado, que vem de escolas de fronteira e não tem aquele nível que temos aqui no colégio ou nas grandes cidades.

P: O livro didático: quando eu entrei aqui tinha um livro muito bom, hoje o livro não atende a expectativa, o livro usado é do PNELEM<sup>36</sup> e ele não tem todo o conteúdo que devemos trabalhar, então temos que trabalhar com complementação, mas pelo menos, como é um livro do PNELEM, todo aluno tem, isso facilita. É mais ou menos isso daí.

B: E assim, da convivência aqui, tranquila?

P: A convivência aqui com as pessoas é boa, o problema é a convivência com quem dirige a instituição porque eles querem nos tratar como militares enquanto nós somos civis. Nós não somos submissos a certas coisas, existe uma defasagem na hora de se cumprir as leis aqui dentro porque não basta ser um decreto do presidente: tem que passar pela regulamentação de um oficial que vai passar para outro até chegar à aplicação da lei mesmo. Nossa carreira, dizem, deveria progredir a cada dezoito meses, isso foi em 2008, nós estamos esperando até hoje uma regulamentação por parte do Exército, e estamos progredindo a cada 24 meses porque o Exército ainda não fez a sua regulamentação. Primeiro eles disseram que o MEC não fez, que o MEC deveria fazer. Depois que o MEC fez, eles disseram que só valia para o MEC. Nem progressões na carreira tivemos agora. Tivemos um aumento de salário, mas só recebemos uma parte, a outra só receberemos no próximo mês, pois eles não conseguiram implementar algo que foi publicado em Diário Oficial em dezembro de 2012. Vai vigorar a partir de 1º de

---

<sup>36</sup> Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio.

março. A relação pessoal é interessante, mas a relação com quem dirige a instituição é complicada.

#### 4.8 GABRIEL

B: Eu gostaria que você contasse um pouco da sua história da maneira que você acha mais relevante.

G: A minha história na verdade é bem curta ainda. Quando eu era mais novo meu pai dava aulas particulares de matemática e o meu irmão tinha passado na engenharia civil, então eu resolvi dar aulas e nesse tempo em que eu resolvi, meu irmão mais velho trocou o curso de Engenharia Civil pelo curso de matemática. Quando eu fui fazer o vestibular eu já havia mudado para engenharia elétrica. Tentei engenharia elétrica, não passei, fiz Engenharia Industrial Madeireira e passei em Engenharia Industrial Madeireira e em Matemática à noite, porque eu fui para tentar agradar meu pai. Fiz o primeiro ano dos dois cursos, larguei a engenharia porque eu achava que gostava mais da matemática. Como professor primeiro eu comecei ajudando os colegas mais próximos, dando aulas particulares, alguns alunos do meu pai eu pegava, alunos do meu irmão, até o dia que eu peguei um estágio no Dom Bosco. No estágio eu ganhava 120 reais por mês para trabalhar quatro dias por semana, de manhã e de tarde, mais o VT que eu ganhava. Fiquei dois anos lá e passei no concurso do CREA, parei de dar aulas por nove meses. Fiquei nove meses no CREA e me ligaram do Colégio Adventista do Boa Vista. O diretor me ligou e disse que estava com o meu currículo e que estava precisando de um professor e que era para eu ir lá. Então eu pedi para o CREA uma liberação para ir lá, eles me liberaram dois dias, e quando eu cheguei no colégio o diretor já me disse que era para eu começar no dia seguinte. Comuniquei a CREA que eu teria que sair, pois no dia seguinte eu começaria a dar aulas, eles então me pediram para tentar acertar os papéis na quinta feira (estávamos em uma terça). Fiquei no colégio. O diretor me disse para chegar umas oito horas no dia seguinte para conversar. Eu cheguei às oito horas e ele estava em uma reunião, ele disse para pegar um jaleco e uns livros e já começar a dar aula. Eu fiquei num pavor em começar assim do nada. Isso foi em novembro de 2007. No colégio do Boa Vista fiquei até final de 2010 trabalhando sempre com ensino fundamental, de 5ª série à 8ª série, e pedindo ensino médio, mas não conseguia, mudava o professor mas não me colocavam lá. A coordenadora dizia que eu tinha um jeito muito “paizão”, que era bom para as crianças.

G: No começo de 2012, não, no começo de 2011 me ligaram, faltando uma semana para começar as aulas do Boa Vista, me ligaram do Colégio Adventista do Bom Retiro, dizendo que queriam conversar. Eu fui, em uma quarta feira, conversar, e eles disseram que existia a possibilidade de eu pegar algumas turmas de ensino médio e eu não disse nada para o Boa Vista. Na segunda-feira começavam as aulas, na sexta-feira o Bom Retiro me chamou de volta e disse que estava tudo certo para começar. Não deu tempo de avisar o Boa Vista, avisaram por mim e aí tive um “problemão”, mas como eu queria ir para o ensino médio... Quando me chamaram para explicar, eu disse que estava indo para um colégio para pegar aulas no ensino médio, querendo ou não, tentar crescer um pouco.

G: No colégio do Bom Retiro eu fiquei um ano com 9º ano e todo o ensino médio e nessa época eu dava aula na faculdade à noite, então era bem corrido, eu já cheguei a um total de 66 horas aula por semana, manhã, tarde e noite.

G: No mesmo ano que eu entrei no Bom Retiro eu tentei entrar no Colégio Militar, só que não entrei, fiquei em segundo lugar e a Brunna<sup>37</sup> ficou em primeiro. Fiquei esse ano no Bom Retiro e no final do ano vi que abriu processo seletivo para militar e tentei fazer. No princípio havia uma vaga, quando começamos o processo, quando saiu o resultado eles disseram que tinham aberto mais uma vaga, então abriram duas vagas. Desta vez eu fiquei em primeiro e passei todo o processo para entrar no colégio.

G: Vou parar ai um pouco para falar da expectativa dentro do adventista. Eu gostava muito de trabalhar porque na minha concepção a matemática já sofre um preconceito por si só, acaba gerando no aluno um trauma, alguma atitude que teve no passado já gera um trauma para o resto da vida, não gostava de conta. Então ali dentro do adventista eu comecei a moldar meu estilo de trabalho, nesta questão de trazer o aluno para junto, para perto, então dentro desses cinco anos que eu estava no adventista eu vi uma diferença muito grande nos alunos, da forma como eles chegavam, pelo menos na questão de atitude em sala de aula, comparando com a forma como eles saiam. Quando eu passei no militar me disseram que aqui tinha que ser diferente, aqui tinha que ser “duro”, só que eu continuo sendo a mesma pessoa e tentando trazer essa questão de aproximar o aluno do professor para desfazer essa questão de no passado não gostar de matemática.

---

<sup>37</sup>

Autora desta dissertação.



G: Se é certo ou errado meu tipo de trabalho, não cabe a mim avaliar, mas acredito que esta funcionando por enquanto. Se um dia eu vir que não está legal vou mudar.

G: Aqui no colégio, no primeiro ano, eu peguei a turma do 9º ano, que é uma faixa etária que eu gosto de trabalhar mais, e agora estou no 6º ano, que muda bastante, porque volta naquela questão lá do colégio do Boa Vista que é do estilo “paizão”, de querer agradar os alunos, apesar de que é impossível agradar a todo mundo. Eu nem pretendo agradar a todo mundo, mas eu faço o possível para agregar, para trazer o aluno junto, por mais que ele não goste da matéria que ele está passando, mas eu vou fazer a minha parte.

G: Se for parar para pensar o meu tempo de trabalho é bem curto, mas creio que em pouco tempo a gente evolui um pouco e vai aprendendo. Aprendemos junto com os alunos no momento em que tentamos ensinar alguma coisa. Agora estamos em 2013, vamos ver o que nos espera.

B: E você se sente professor? Você gosta disso? É como você se enxerga? Se te perguntarem qual é a sua profissão, você é militar ou professor?

G: Gosto. Militar ou professor eventualmente. Não tenho nada contra a profissão, mas eu vejo que quando eu sair daqui ela não será tão valorizada. A questão financeira acaba pesando.

B: É difícil, não pelo que você sente, mas pela visão dos outros.

G: Eu já me peguei pensando em fazer concurso para outra coisa, porque eu não vou ganhar dinheiro, mas depois eu paro e penso que o objetivo não é ficar rico, mas fazer o que gosta.

B: Então o problema é o dinheiro. Se você ganhasse bem para dar aula ia ser o ideal?

G: Tem duas coisas que acabam atrapalhando: burocracia e dinheiro. Se eu tivesse um pouquinho mais de dinheiro a burocracia não atrapalhava, ou se tirasse toda a burocracia o dinheiro eu não ligo. Mas eu acredito que vou acabar fazendo isso para o resto da vida, vou ser professor de matemática até a hora que não der mais. Depende de como vai ser a carreira, se eu vou passar em algum concurso para ser professor.

B: Só mais uma coisa, eu disse que não ia fazer perguntas e acabei quebrando o protocolo, parece que você gosta do que faz, mas você se vê diferente de quando começou? Eu sinto isso, eu era diferente.

G: Eu tento aprender com alguns erros, algumas coisas que eu fiz no passado e vi que não deram certo eu evito apesar de às vezes fazer da mesma forma. Mas diferença existe. Hoje em dia, olhando para o aluno, eu acho que entendo mais, se ele está com algum problema, uma visão mais clínica, saber se o aluno está com algum problema que eu posso ajudar ou não, antigamente eu não tinha isso, eu olhava a turma como um todo, tentava separar os alunos um a um mas sem os problemas, hoje eu vejo os problemas.

#### 4.9 EDINALDO

B: Edinaldo eu gostaria que você nos contasse um pouco da sua história como professor de matemática aqui no CMC ou em outras experiências que você teve. Como você chegou a ser este professor de matemática que você é hoje.

E: Essa é uma pergunta bem ampla.

B: Sim, e você pode responder da maneira que achar melhor. Na ordem que você quiser.

E: Então eu vou começar devagar. Eu tenho que tomar cuidado porque eu falo muito. Mas assim, eu não imaginava ser professor. Eu fui aluno de escola pública, na baixada fluminense lá no Rio de Janeiro, os professores sempre reclamando muito da vida, da profissão, e era interessante que quando eu estava lá, antigo primário, as professoras que eu tive, porque até o terceiro ano só tive professoras. Na quarta série lá nós tivemos a experiência de dividir, uma professora dando aula de matemática e ciências e a outra dando aula de português e história, que seria hoje o quinto ano, que até hoje é um professor regente apenas. Foi interessante isso.

E: Eu sempre fui um aluno dedicado, sempre gostei de estudar, então as professoras diziam-me que eu seria um médico, um advogado. Eles nunca disseram que por gostar de estudar eu seria um professor. Eu sempre via o pessoal reclamando, falando mal da profissão, inclusive no colégio que eu estudei tinha aquele antigo curso normal para formação de professores, era porque praticamente apenas mulheres frequentavam. Eu me lembro de um amigo que estava fazendo, mas era assim: um aluno por ano, eram quatro turmas de 30 e apenas um homem, não que não fosse legal estar entre as mulheres, mas o cara que ia fazer isso já era visto de forma diferente. Enfim, não tinha nenhuma expectativa de ser professor.

E: Comecei a trabalhar muito novo, muito cedo, aí no Exército tinha uma possibilidade de ascensão social. Antes de ir para o Exército eu já estava há três anos em uma empresa trabalhando numa oficina e era muito difícil conciliar.

E: Passar no vestibular era meu sonho, até fiz quando terminei o ensino médio, mas enfim, já estava trabalhando antes de terminar o ensino médio. Com 18 anos já tinha três anos de carteira assinada fora o restante que não tinha registro. Eu já nem tinha mais perspectiva de fazer faculdade. Era um quadro difícil em que a gente se vê, era uma situação que o que se pode fazer? Eu tinha a oportunidade de

servir, e aí foi abrindo outras janelas, a gente começa a enxergar o serviço público, começa a ver com outros olhos o serviço público, porque em geral a gente olha para o serviço público e imagina aqueles corruptos, aquelas pessoas sugando o dinheiro da nação e aí o adolescente que já é meio revoltado por natureza, mas a gente vai observando que não, o serviço público é um local onde você pode trabalhar desenvolver bem, até depois a gente vai vendo que em diversos setores o serviço público funciona melhor que o particular.

E: Eu me interessei inicialmente pela carreira militar, pela estabilidade que a gente observava, daí se percebe que eu fui gostando e indo e gostando dessa área de educação porque desde que eu entrei no Exército eu me encontrei, a questão da disciplina, da hierarquia, eu achei maravilhoso. Porque a minha educação, dos meus pais, eram pessoas simples, mas religiosas, com grande rigor, no linguajar, no procedimento, nos modos. Eu achava um absurdo alguém falar um palavrão, quando alguém falava um palavrão perto de mim, hoje claro eu tenho outra consciência, quando eu era adolescente eu já enxergava aquela pessoa como um mau elemento, só pelo jeito e pelo linguajar dela.

E: Você chega a um lugar onde a hierarquia era obrigatória: as pessoas, gostando de você ou não, devem te respeitar pelo que você é, pelo seu posto. Isso impõe uma forma de educação, mesmo que seja pela punição, mas eu achei muito legal, gostei e achei muito interessante. Eu vi possibilidades.

E: Cada vez mais em todos os setores da sociedade é valorizado o desempenho, aquilo que uma pessoa que está desempenhando uma atividade faz em qualidade ou em quantidade, mas no passado não era assim. A gente via, por exemplo, eu trabalhei três anos em uma empresa de ônibus, eu via que muitas vezes a ascensão funcional não era nem pela habilidade técnica, nem pelo desempenho, mas sim pela proximidade, pela confiança que a chefia tinha com a pessoa, seria uma espécie do que a gente chama aqui no quartel de SII<sup>38</sup>, uma espécie de dedo duro, alguém que eles pudessem ter confiança sobre os outros. Essa situação me incomodava muito, e quando eu olhei para o Exército eu vi que tinha uma possibilidade de eu me tornar um oficial de carreira, um sargento de carreira, porque na época que eu entrei no Exército, para fazer a prova da academia militar tinha que ter 18 anos e eu já tinha 19, então existia uma incompatibilidade, não podia fazer, hoje acho que até os 22 anos você pode fazer a prova para ser um oficial combatente de carreira. Quando eu comecei a entender o Exército a única

---

<sup>38</sup> Um tipo de informante ou espião.

opção que eu enxerguei que existia, para ser um funcionário daquela instituição, com aquelas características, era ser sargento de carreira, e eu já tinha o ensino médio completo, antigamente era o segundo grau, então eu fui buscar. Você pode reparar que até este momento, eu estava com 19 anos, eu não tinha perspectiva nenhuma de ser professor, todas as minhas perspectivas estavam voltadas para ser um militar de carreira, até pelo tipo de atividade, eu achei muito tranquilo trabalhar no quartel, para quem já tinha começado a trabalhar com 12 anos, passou por várias situações. Apesar de que depois de um tempo no quartel eu comecei a observar aquela questão de proximidade, quem é próximo de quem, mas no meio civil é muito mais forte porque é o salário que aumenta ou diminui diretamente, ou é mandado embora. A forma engessada da instituição, principalmente nesse ponto, por mais que eu fosse “puxa-saco” não adiantava, o que valorizava, o que fazia eu ser um militar de carreira era passar no concurso. Então dependia do estudo, ou seja, já vai voltando para a área de estudo novamente e era algo que eu sempre gostei.

E: Quando eu terminei o ensino médio, não tinha uma matéria que eu não gostasse, eu gostava de estudar. Apenas uma matéria de início eu tive alguma resistência, mas depois, até também por causa da nossa base religiosa, a matéria era filosofia, quando o professor começou a falar umas coisas eu não aceitei. A maioria dos adolescentes não aceitam bem as ideias principalmente quando eles têm uma base de princípios com uma hierarquia muito clara sobre Deus, sobre o universo, e de início eu não gostei muito de filosofia. Mas talvez, se ela fosse apresentada de outra maneira, assim também é a matemática, às vezes ela é apresentada assim tão *grosso modo* que o aluno o aluno diz: “- isso aí eu não entendi e não quero saber”. Acontece com a gente na faculdade, o professor chega e diz: “- é isso aí e pronto, corre atrás”. Ah! Mas eu não entendi nada. Então vai ter que ler, novamente e novamente e mais uma vez para depois perguntar. Isso ajuda a gente enquanto professor a entender a situação do aluno, quando não gosta da matéria e também quando não gosta do professor.

E: Eu lembro que quando eu fui fazer a 5ª série eu tive aula com uma professora que havia sido professora da minha irmã, naquela época a minha irmã na 6ª série reprovou com essa professora. A minha irmã ficou reprovada e depois reprovou novamente no 1º ano do Normal, até hoje a minha irmã é professora.

E: Quando eu fui estudar com esta professora, inicialmente eu já entrei na sala antipático com ela, as minhas notas em matemática, imagine, sempre foram muito boas, errava uma besteira. Então comecei a observar e vi que era fácil, ela

estava explicando sobre potências, era tranquilo, para quem tem facilidade com a matemática, alguns conceitos parecem que eu já sabia. Mas quando eu peguei a primeira prova na qual tirei 2,8 ou 2,7, daí “caiu a ficha”, eu estava com raiva da professora, mas olha a nota, eu tenho que me converter, não é ela que tem que mudar. Essas experiências na escola também nos ajudam a enxergar, ajudam a gente a tentar melhorar a nossa prática como professores.

E: Eu fui para o Exército e gostei, principalmente por causa da atividade física, que a gente faz regularmente, é uma coisa que a minha escola, nós tínhamos um professor de educação física para todo o colégio, e era sempre meio aleatório. Nesse tal do aleatório, dos dez anos que eu estudei nesse colégio em nenhum ano eu tive educação física em nenhum momento, nenhum tipo de atividade e pelo fato de começar a trabalhar muito novo e também a minha condição social não me permitia ir para uma academia, trabalha e estuda, como é que vai para uma academia? Então era uma deficiência, eu sempre quis desenvolver essa parte física, quando eu tinha tempo eu jogava bola na rua, subia na laje, vivia pendurado, mas no Exército eu pude desenvolver a atividade física, eu vejo como é importante isso. Uma das vantagens do Colégio Militar é que ele tem horário, eu duvido que outro colégio tenha tantas aulas de educação física ou tempo de educação física disponível, até falando assim “meio no chute”, mas eu creio que não tem isso aí, a menos que seja uma coisa na escolinha, e eu vejo que até mesmo se a gente for olhar nas cidades que eu conheço que têm os colégios que são colégios do nível do Colégio Militar, melhores em termos de rendimentos, mas também que é só uma faixa muito pequena da sociedade que tem condição de pagar, nem eles têm essa estrutura que a gente tem aqui, que é uma estrutura do quartel, mas é uma outra história.

E: Então eu me encontrei, gostei do ambiente, gostei do trabalho a disciplina foi uma coisa que eu gostei, é claro, abuso existe em todo o lugar, abuso não deve existir em lugar nenhum, mas existe em todo o lugar.

E: Essa questão hierárquica a gente aproxima de algumas coisas, a primeira visão que eu tive do Exército de quando eu estava incorporando no quartel, sempre era muito observador, sempre fui muito crítico. Então a primeira visão que eu tive do quartel era uma prisão, era o que mais me identificava, quando eu via na televisão filmes, aquela história das pessoas em camas, beliches, aquela fila na entrada do rancho, a fila do rancho então é o rancho da prisão, só que em vez de estar com aquela roupa listrada eu estava com uma farda. Mas é claro ao longo do tempo,

sempre observando as pessoas e tudo, fazendo outras comparações, talvez isso também já, a matemática precisa disso, fazer comparações, então talvez isso tenha ajudado um pouco, a gente querer pensar nos números, ideias, tentar transformar em algo concreto, principalmente para o ensino fundamental, eu acho que é importante isso aí, no ensino médio até hoje acho que ninguém descobriu ainda a receita. Eu imagino, mas nunca pesquisei, mas imagino que os conteúdos do ensino médio, sejam conteúdos muito avançados no sentido que os conteúdos do fundamental eram coisas assim meio óbvias que as pessoas mesmo sem ter um professor conseguem deduzir, são coisas mais fáceis de observar na natureza. As coisas do médio são mais complexas, ferramentas que levaram anos, desenvolvidas a partir de outras, e de outras, então até hoje eu creio que seja uma coisa difícil de você trazê-las de maneira natural, no sentido que a pessoa consegue observar aquilo com mais facilidade, obviamente tem que abstrair, tem o outro lado também, obriga a quem está estudando, principalmente se ele estiver naquela faixa desejável de idade, onde teoricamente, Piaget vai dizer que a pessoa está com condições de desenvolver habilidades formais, pensamento formal abstrato, então ajuda a desenvolver esse pensamento abstrato, mas é claro que concorrendo com a namoradinha do lado, o coleguinha, agora o celular em sala de aula que fica *on-line*, com tudo isso. Não é fácil.

E: Mas enfim, eu consegui, graças a Deus, através dos estudos e esforço, você também é religiosa, somos religiosos, nada a gente faz sem Deus, e com a graça de Deus então eu consegui passar nesse concurso e novamente virei aluno, mas é claro, agora um pouco diferente, porque a gente faz uma formação básica militar, você aprende coisas de forma muito rápida, aquela formação de soldado, coisas mais práticas, não tem provas escritas. Têm avaliações no final do curso muito superficiais, coisas muito práticas. Já no curso de sargento, havia provas todas as semanas, então você conciliava toda a parte prática, digamos assim, do serviço, do desempenho da função, das características militares e também a parte, digamos, intelectual, bem intelectual, mais uma base de conteúdos e obrigações. Toda semana tinha prova, no Curso de Formação de Sargentos você tinha que estudar, voltar para os livros. Eu penso que esse contato assim com a questão do livro, da prova é uma coisa que vai identificando também, na verdade o professor estuda, prepara a aula, que é um estudo para ele, prepara prova, corrige a prova, então ele também faz prova, ele precisa também fazer outras provas de outros professores, de concursos, fazer provas do ENEM, preparar o que vai dar para o

aluno, e tudo isso vai culminando ali para que eu me tornasse a pessoa que sou hoje.

E: Quando eu me formei fui servir em uma unidade militar que era uma unidade fabril, uma das poucas unidades do Exército, então eu tive a possibilidade de estudar mais ainda, porque dentro do ambiente, até pela carência mesmo, a dificuldade de mobilidade de pessoal que o Exército tem, que o serviço público tem, então você precisa de uma mão de obra especializada em uma determinada coisa. No meio civil é fácil, coloca um anúncio: precisa-se disso. Aqui não, você precisa criar, então, por exemplo, o Quadro de Oficiais Técnicos Temporários, não foi da noite para o dia, foi algo que foi pensado, feito e muito tempo demorado, até hoje está em mudança, vive em mudança melhoramento, o que deve ser dado para um oficial técnico temporário, o que ele precisa saber o que ele vai desempenhar, tudo isso são questões. Essa dificuldade, o Exército proporciona para o pessoal do Exército, é interessante porque o Exército proporciona cursos, então o militar, eu por exemplo, era sargento de material bélico, então se você quer fazer um curso na área de material bélico, para material bélico existe três Organizações Militares distintas, uma delas que era a que eu gostei, que eu fiz, era a OM que era como se fosse no meio civil, técnico em engenharia mecânica, técnico em mecânica geral. Há muitos cursos para você desenvolver isso no meio civil e essas unidades, para elas era interessante que o militar ali, o sargento fizesse cursos nessas áreas, por exemplo, curso de desenho técnico, curso de metrologia, outro curso de metrologia em outra unidade, com outro foco, então eram coisas que eles incentivavam, até por causa dessa dificuldade de agregar mão de obra, então eu fiz alguns cursos que foram muitos bons.

E: Dentro da área, dentro daquilo que serve ao Exército, para a função, eles incentivam. Agora por exemplo, você fazer um nível superior, já é algo que os praças de carreira, não os praças temporários, os praças de carreira o Exército não incentiva, porque não interessa muito. Por exemplo, por que um sargento vai fazer faculdade de medicina? Vai ser para deixar de ser sargento, então vai ser uma mão de obra especializada que o Exército fez, formou e agora perdeu.

E: Mas mesmo assim, com essa questão toda a gente tem que pensar no próprio bem-estar, eu quero constituir uma família, então se eu quero constituir uma família eu tenho que pensar no melhor para mim em termos financeiros, para sustentar uma família.



E: Na unidade que eu fui servir tinha muitos sargentos que faziam nível superior, e é uma coisa que eu sempre pensei que faria quando eu estava lá no primário, sempre imaginei que ia fazer faculdade. Esse sonho foi diminuindo ao longo das dificuldades, ter que trabalhar muito cedo, é uma outra história se fosse gravar a história da minha família: a minha mãe ficou viúva, com cinco filhos pequenos, eu era um dos mais novos, a gente vai vendo as dificuldades e vai pedindo a Deus que nos dê saída e vai trabalhando, lutando atrás daquilo que ele vai mostrando para a gente.

E: Quando eu cheguei lá me despertou a vontade de estudar de novo, porque tinham vários sargentos que estudavam, tinha um que fazia Licenciatura em Matemática, outro formado em matemática, tinha alguns fazendo direito, tinha um lá que tinha acabado de passar no concurso para ser dentista oficial na Marinha, tinha feito odontologia e passou no concurso. Despertou porque quando eu fazia o curso de sargento, eu fiz a prova três vezes para entrar no Exército, quando eu já estava servindo no segundo ano que eu passei. Não tinha mais essa intenção de estudar, já estava pensando em montar uma empresa, paralela ao meu serviço, cumprir as minhas tarefas no Exército e desenvolver, em parceria com alguém, algum tipo de iniciativa, algum tipo de empreendimento. Entrar como sócio, era esse o plano, mas quando eu cheguei lá e vi esse pessoal estudando me motivou. Foi interessante porque às vezes a pessoa fica pensando o que vai fazer da vida e na verdade eu pensava em como sobreviver. Foi interessante porque dentro da escola de sargentos eu tinha a opção de escolher vários cursos e eu fiz algo que me apaixonava que era a mecânica. Você tinha a possibilidade de construir coisas, desenhar formas e transformar um objeto bruto em coisas úteis, mas era assim uma beleza intrínseca que parecia uma obra de arte, você pegar um material bruto e transformar e lapidar ele, é uma coisa bonita, é uma coisa bacana, isso me cativava. Por outro lado despertou em mim um problema na mão de rachadura que foi muito sério, ter que conviver com aquilo, isso também me levou a pensar bastante no que eu ia fazer depois. Por exemplo, se eu tivesse escolhido uma outra área técnica mesmo, por exemplo, eletrônica, eu teria que trabalhar com equipamentos eletrônicos e provavelmente teria que sujar a mão, mas é diferente de você ter a mão em contato com óleo lubrificante, com graxa, com coisas que eventualmente na mecânica você lida. Eu tenho que pensar bem no que vou fazer, o que eu fiz era o que eu queria, que me era apaixonante, por outro lado, essa limitação tópica das minhas mãos prejudica, há uma dificuldade de eu trabalhar nisso diretamente, tinha

que estar sempre protegendo as mãos, então eu comecei a pensar, refletir, o que eu vou fazer? Bom, decidi que ia fazer faculdade. O que eu ia fazer? Eu já estava com 26 anos quando eu decidi que ia fazer o vestibular, na verdade, eu estava com 22 ou 23 quando eu decidi voltar. Bom com essa idade eu vou terminar a faculdade 26, 27 anos, então eu não posso querer fazer uma carreira, por exemplo, na administração de empresas, fazendo esse curso onde eu vou começar a trabalhar? Como *Office boy*? Trabalhar em escritório? Ia começar muito de baixo e, além disso, eu nunca trocava um emprego desse pelo meu salário de sargento, um emprego estabilizado para o resto da vida, eu tinha que escolher bem a carreira, aí decidi que não poderia sair da área pública e sendo assim tinha que fazer algum curso, veja onde ia chegar a matemática, foi bem assim, foi do geral para o particular, a gente diz assim, escuta ou vê em alguns livros de educação que a gente deve começar do particular para depois ir ao geral, mas eu já como um bom matemático sem saber, parti do geral para chegar no particular. A conversa está ficando mais matemática.

E: Para o serviço público eu teria que fazer uma graduação, que me possibilitasse ascender ou fazer um concurso para ganhar um salário melhor ou tentar ir para o Exército. Eu vi três caminhos possíveis: área econômica, já que não tinha uma coisa que eu desgostasse, eu sempre gostei de estudar, principalmente as ciências naturais, ou ir para a área do magistério ou então ir para a área do direito. Obviamente a área do direito tem uma ampla possibilidade de ascender no funcionalismo público, principalmente se você for para a área do Poder Judiciário. Os salários são muito melhores, qualquer atividade no Poder Judiciário é muito bem remunerada, e a gente tem que pensar no financeiro. No magistério eu poderia estudar qualquer coisa que eu iria me apaixonar: geografia, história, biologia, física, química, eu gosto de estudar tudo, qualquer disso aí é muito bom, sinceramente falando. Mas eu trabalhava e obviamente se eu fosse fazer um curso de metrologia no SENAI, eu nem pedia, eles me ofereciam ou às vezes obrigavam. Agora se eu quisesse liberação para fazer a faculdade de matemática não conseguia. Eu teria que trabalhar em período integral e estudar a noite, seria um duplo expediente: a noite toda estudando, o dia inteiro trabalhando. Tinha que fazer alguma graduação, por exemplo, história, apesar de eu amar história era impossível, como eu ia ter tempo para ficar lendo aquele monte de livros? Não tem como o cara estudar história se não ler muita coisa, apesar de que eu sempre gostei de ler, principalmente história. O volume de coisas que você precisa estudar é muito grande. Assim nessa busca, nesse crivo, eu acabei achando que matemática

pudesse ser algo viável, por que apesar de nenhuma graduação ser feita sem dedicação, mas eu imaginei que o volume de textos, que talvez eu tivesse que ler, e eu acertei nisso, seria menor, daí entre matemática e física, ficaria mais simplista ainda a matemática. Então simplificando o problema, magistério seria matemática e se fosse para outra área seria direito, obviamente como eu vim de uma escola pública estadual, apesar de essa escola, uns 10 anos antes de eu entrar, ser a melhor escola do município, mesmo sendo pública, e... bom... não sei por que, isso não aconteceu só lá, as escolas públicas de uma maneira geral, o nível delas caiu bastante, a gente observa isso, e já observava na época. Quando eu fiz a graduação, quando eu estudei para fazer estágio a gente observava que a quantidade de conteúdos ministrados era bem menor do que na época que eu estudava e já me achava com deficiência, para passar no concurso de sargento eu tive que estudar, em termos de matemática muito mais do que eu estudei no colégio, tive que aprender coisas sozinho que eu nunca tinha visto. Por exemplo, geometria, eu posso contar nos dedos o que eu estudei de geometria no colégio, uns dez anos, de primeira a quarta série eu aprendi as figuras, quadrado, retângulo, circunferência, depois na oitava série, depois que terminou aquela parte de como resolver a equação do segundo grau, foi bem legal porque o jeito que a professora ensinou até hoje eu sei, e hoje eu vejo que as pessoas não ensinam mais assim, eu acho uma pena você começar o estudo pelas incompletas é muito legal, e apesar de não ter muito conteúdo esse encadeamento eu lembro até hoje, começa com as incompletas, resolve cada uma e depois você passa, hoje em dia tentam fazer de uma maneira mais regular. Depois que ela encerrou aquilo passou para geometria, e foi interessante porque eu só tive lá no primário e agora estava tendo de novo no nono ano. A gente aprendeu o teorema de Tales, semelhança, e no fim o teorema de Pitágoras e aquelas relações, só isso, depois no terceiro ano do ensino médio eu fui estudar geometria analítica, começando assim: essa é a equação da reta, plano cartesiano, lá no sétimo ano quando começamos a estudar resolução de equações, pares ordenados, depois lá no primeiro ano novamente, mas eu não tinha visto no colégio alguém que determinasse o gráfico de uma função no quadro, então eu não tinha ligação nenhuma entre uma fórmula e sua representação gráfica, não tinha isso, lá no terceiro ano essa é a equação geral da reta, essa é a distância entre dois pontos, mas é diferente, quando você consegue olhar para aquele plano cartesiano e você enxergar ele, enxergar aqueles pontos, enxergar as variações ali, as mudanças de coordenada, quando você olha para um plano, nós que somos

professores olhamos ali e vemos um milhão de coisas, uma figura ali formada por vários pontos, as retas se movendo, mudando de posição, consegue enxergar uma série de coisas. Eu era cego, não tinha nada disso. Função, a função, eu olhava como uma equação onde você substituía o x por diversos valores, mas não tem associação com gráfico, então eu sabia da minha deficiência em matemática, eu sabia que uma das coisas que eu ia ter dificuldade na faculdade, justamente porque eu não tive uma base boa.

E: Eu me propus a fazer vestibular para matemática e para direito, no Rio e na região metropolitana a gente tem algumas universidades federais, aqui no Paraná são mais espalhadas, até porque o Paraná é maior, tem universidades federais em outros lugares, estaduais. No Rio a gente tinha a Universidade Estadual Fluminense, porque Niterói era a capital do estado do Rio, enquanto a cidade do Rio era distrito federal, então tinha a UFF lá, na cidade do Rio tinha uma universidade pequena chamada UNIRIO, federal também, das mais antigas, tinha a UFRJ, que é a mais conhecida e tem a UFRRJ, que é a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, a cidade do Rio de Janeiro é muito grande, então no extremo sul da cidade já é chegando a Angra dos Reis, então naquela região ali de Mangaratiba, Seropédica, tem universidade federal rural, porque lá também tinha curso de matemática, lá também tinha a UERJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro, mas eu não fiz para todas não, eu fiz para três: na UFRJ eu fiz para matemática, na UFF eu fiz para direito e na UERJ eu fiz vestibular para direito e sabia que em direito seria muito difícil de passar, porque é um curso extremamente concorrido e eu trabalhava, chegava em casa cansado, e fazer o vestibular, eu terminei o segundo grau em 1992, depois fiz provas para o Exército, fiz o curso de sargento, já estávamos em 1997, então já tinha pelo menos cinco anos que eu tinha deixado aquele estudo, e graças a Deus eu consegui passar em matemática, e em direito eu fiquei muito feliz de ter passado para a segunda fase das duas, obviamente não consegui classificação para direito.

E: Eu me propus o seguinte, começar a fazer faculdade e se eu visse que não ia conseguir acompanhar, que a barra era muito pesada, eu ia abandonar a matemática, porque como minha mãe dizia não adianta dar murro em ponta de faca, você vai aguentar o tranco? Não vai aguentar então desista. Não dá para subir uma parede lisa de 10 metros de altura, não dá para passar por ali.

E: Eu decidi começar a matemática e se eu visse que não ia dar certo eu ia tentar direito de novo, porque algo interessante também, como você pode observar

eu falo muito e gosto de argumentar, então seria interessante o direito, as pessoas tem que ter um pouco disso de querer argumentar, obviamente em todas as áreas há a possibilidade de desempenhar mal a sua função, pegar a sua vocação e usar errado, não querendo julgar nenhum advogado, mas a classe é muito mal falada por isso, mas mesmo assim eu estaria disposto a querer estudar, porque na verdade ali eu não estava pensando que meu sonho era ser professor, ou alguma coisa dessa forma, mas eu estava procurando uma ascensão social, um emprego melhor. Outra vantagem de fazer o magistério era que se eu não conseguisse fazer, por exemplo, passar em concurso nenhum, digamos assim, e continuasse na carreira como sargento, provavelmente culminaria ali quando eu estivesse próximo da reserva, posto que estou hoje, que eu ocupo a sete anos, quando eu passei no concurso da Escola de Administração do Exército eu adiantei as minhas promoções em 22 anos, provavelmente quando eu chegasse ali nos 32 ou 34 anos de serviço, eu viesse a ser promovido como capitão do Quadro Auxiliar de Oficiais<sup>39</sup>, que é o ultimo posto para sargento.

E: Mas seu não passasse em nada e seguisse a minha carreira de sargento, hoje eu seria ainda 1º sargento, após ir para a reserva poderia ir para a área de ensino, então comecei a enxergar o ensino. Mas a questão de gostar foi quando eu entrei na faculdade mesmo, porque a gente começa a estudar, então foi bem engraçado, imagina, você entra na faculdade e tinha pessoas ali que tinham feito o ensino médio em escolas de ponta, Colégio Naval, Escola Preparatória de Cadetes do Ar, então pessoas que estudaram em colégio lá no Rio de Janeiro têm um colégio federal que já foi o mesmo nível do colégio militar. Infelizmente as instituições públicas têm sido muito degradadas, isso é algo que tem acontecido, que é o colégio Pedro II, que é um colégio federal, que é como o colégio de aplicação da Federal aqui, um excelente colégio, mesmo nível dele, os professores ali têm os mesmos direitos de um professor de universidade federal, então é um colégio muito bom. Tivemos lá na faculdade alunos que vieram dali, então o choque que tivemos foi muito grande, eles já fazem isso de propósito, que é assim: você está aqui em baixo, vai querer encarar. Na minha turma entraram 60, no primeiro semestre já abandonaram uns quinze, para nunca mais aparecer, na primeira colação de grau foram uns quatro, porque assim o pessoal estava atrasado em alguma coisa ou não entregou a monografia. Então teve uma colação de grau após um mês, então que

---

<sup>39</sup> Quadro formado por militares que atingiram o oficialato após carreira como sargentos e subtenentes. Ascendendo ao posto de 2º tenente por merecimento, poderão continuar até capitão.

consegui terminar, a primeira colação de grau, não aquela formatura bonita, tinha quatro pessoas. Na verdade tinha uma menina que entrou depois no meio do ano, porque ela fazia particular e ela fez uma prova para entrar que não era um vestibular, porque ela já estava cursando. Eu fui indo e achando que dava e deixando o direito de lado.

E: Em relação a isso, teve uma matéria que a gente estudou que foi estrutura e funcionamento do ensino, eu pude observar que em várias faculdades funcionava de maneira muito adversa, davam uma liberdade de o professor dessa matéria ensinar o que quisesse. Isso aconteceu com outras disciplinas também, a ementa era uma coisa, mas o professor queria ensinar outra. A minha professora já era uma senhora de idade, ela era uma anarquista confessa, então ela não queria que a gente aprendesse a estrutura do sistema de ensino hoje, ela quis que a gente fizesse uma avaliação de toda a história da educação no Brasil. Então a gente ia pegando as leis e os decretos e confrontando com a realidade. Foi meio que uma história da estrutura da educação no Brasil, foi muito legal, eu gostei muito de fazer isso só que foi dolorido, porque a primeira prova ela deu os textos para a gente, e bem próximo marcou a prova, e tinha muito texto e a prova era com consulta. Indo para o trabalho de ônibus, lendo ali, um pouco, cansado, aí chegava na hora da prova era extremamente difícil, então se a pessoa não tivesse estudado bastante, lido muito, a ponto de eu pensar se eu tivesse feito Direito teria dado certo, porque ali era uma disciplina igual ao Direito, acho que não ia dar certo esse negócio de Direito não. Eu vendo assim e fui gostando da área de educação. Acho que tudo importa um pouquinho, mas as minhas experiências de estágio me deixaram muito decepcionado com o ensino, porque imagine, a minha educação, a forma como eu fui educado, meus princípios, valores, o Exército e, além disso, a gente tem uma formação, eu fui soldado, ainda fiz um curso de cabo que é mais instrução militar, mais disciplina militar, exerci a função de cabo por um ano. A função de cabo nos exige uma postura militar que você não vê em lugar nenhum, porque você lida direto com soldado o tempo todo, e quando você está de serviço, aqueles soldados realmente são os seus dedos, você realmente comanda o tempo todo, levanta, vai deitar, comandando aqui no quartel não tem isso: fuzil, então você dá todos os comandos do fuzil para o camarada ir para o quarto de hora, você está comandando o tempo todo, levanta para ir para o rancho, para ir para a ceia, traz de volta, faz isso, faz aquilo, até mais do que o sargento. Então cabo está ali, e isso me trouxe uma postura de disciplinador maior ainda no meu tempo de cabo. Depois fiz escola

de sargentos, fui sargento por nove anos, então eu peguei um período todo militar antes de ir para a ESAEX<sup>40</sup> de 12 anos.

E: Quando eu cheguei ao colégio militar eu era um militar no colégio e não professor, apesar de ter feito a faculdade, de ter gostado muito de ter estudado, principalmente como eu gostei de ter estudado psicologia. O meu professor de psicologia, porque lá a gente teve psicologia I e II, psicologia I era meio que uma introdução à psicologia e o nosso professor, como era um curso a noite, lá na UFRJ funcionava assim: tinha um campus que era o campus de áreas humanas, esse fica na UFF lá no Rio de Janeiro, separado de onde funcionava o curso de Licenciatura em Matemática, que fica na área tecnológica, então quando foi criado o curso noturno lá, os professores, digamos assim, os professores mesmo concursados da faculdade, da área de educação, não ministravam aula lá na federal para os alunos da licenciatura noturna, eles contratavam pessoas, professores contratados de fora, então essas matérias: sociologia, filosofia, todas essas áreas humanas a gente não estudou.

E: Quando eu vim para o colégio a gente fez ESAEX também, a ESAEX funciona junto com o colégio militar, a gente fez uns estágios, e uma das coisas que eu fiz estágio quando eu estava na faculdade, a gente até fugiu um pouquinho da linha do assunto, justamente esse tipo de contrato entre professor e aluno que se desenvolve hoje de uns tempos para cá, mas antigamente o professor era uma figura muito mais respeitada por todos, não que o adolescente sempre foi adolescente mas era diferente, eu achava um absurdo algumas coisas que aconteciam em sala, também porque eu já estava no Exército, então para mim era mais absurdo ainda o comportamento dos alunos, mas talvez mais por causa do exército mesmo.

E: Pensando bem na minha época de aluno, também não era aquela coisa toda. Às vezes as pessoas ficam falando com aquela saudade do passado, mas o passado também não era assim.

E: Uma das dificuldades que eu via e me sentia impossibilitado de entrar numa sala de aula em uma escola pública, por exemplo, eu dizia para mim mesmo, eu não tenho condição de entrar não, não vai dar certo, mas isso me trouxe uma coisa engraçada, eu fui fazer estágio, um dos estágios que eu fiz no colégio, e obviamente os professores meus não estavam lá ainda, lá no ensino médio. Numa aula o professor me apresentou: ah, esse aqui é o Edinaldo, ele é estudante, esta

---

<sup>40</sup> Escola de Administração do Exército.

fazendo faculdade na UFRJ, está fazendo Licenciatura em Matemática e ele vai estar aqui com a gente, o pessoal olhava para mim com olhar de desprezo. Então um dia eu estava tirando dúvida do pessoal, e eu falei sobre o concurso para sargento aí eles perguntaram se eu já havia feito um concurso militar e eu falei que era sargento do Exército, você tinha que ver como o pessoal me olhava, oh! Ele é sargento! Enquanto eu era o estagiário de matemática não tinha valor nenhum, mas quando eles souberam que eu era sargento de carreira do Exército aí eles oh!

E: Aqui no sul a carreira militar é mais valorizada que no norte. Vão aparecendo problemas e quanto mais problemas vão aparecendo, obviamente se eu cometer um crime eu não mancho apenas o meu nome, é a Força, os lugares, a comunidade religiosa que eu participo: aquele cara ali vai para a igreja e olha só o que ele está fazendo! Não é a pessoa do Edinaldo que fez a coisa errada é o professor do colégio militar, da igreja católica, não é a pessoa que fez é a instituição e isso vai servindo de... é importante ter esse decoro todo, mas o importante até, eu acho que toda a pessoa quer ser valorizada não pela farda que ela está usando ou pelo título de professor mas simplesmente por ele ser um homem ou uma mulher, um individuo merece respeito.

E: Eu tinha essa preocupação e achava que ia ser meio incompatível dar aula, e fazendo a prova do Exército eu ia melhorar meu posto, ia melhorar meu salário, em torno de 22 anos ascendendo na carreira, mas eu não imaginava que fosse dar aula em uma escola pública, por exemplo, crianças, sem ter aquela proteção militar. O colégio militar seria diferente, é interessante essa disciplina do colégio militar, é diferente, mas você já passou por aqui, mas os alunos são crianças, adolescentes e não são militares. O que obriga a pessoa a se disciplinar é tomar uma cadeia, é perder o final de semana, ficar dentro do quartel fazendo faxina. As punições para as crianças, não são nada, as punições delas é o pai que aplica, quando tira o celular, quando tira o computador. Eles olham para a gente hoje em dia, não é mais, ou se um dia foi, o professor a maioria deles enxerga a gente como funcionário e o pior: os pais dos alunos nos enxergam como funcionários. Isso é uma das coisas que a nossa profissão de professor tem perdido, porque ali não é nem ser humano Edinaldo é o meu funcionário que tem que fazer com que meu filho aprenda. Sem entrar em outros detalhes, querer que a gente dê educação para os filhos. Eu sei que é uma tendência moderna, até compartilhando com outras pessoas, uma vez um colega de história disse o seguinte: ”- Essa coisa de invenção de família foi da igreja católica, no passado a sociedade que criava e educava os



mais novos”. Não tinha família para educar, as sociedades mais antigas, originárias, as crianças eram criadas pela sociedade, não tinha esse vínculo, aí eu pensei: “ – Ah! Você quer que a gente volte, retroceda!” Aí eu fiquei quieto porque é melhor do que falar umas besteiras. Obviamente todos nós nascemos em uma família, hoje nós vemos uma porcentagem grande de alunos que não nasceram em uma família, que nem sequer conhece o pai. Parece que hoje nem é obrigatório por o nome do pai, em muitos documentos só pede o nome da mãe, eu a primeira vez que vi só pedirem o nome da mãe em determinada coisa eu pedi para colocarem o nome do meu pai também eu me senti mexido na minha dignidade, mas obviamente este trato é para não desprezar os outros.

E: Se você pensa hoje que a sociedade espera que não tenha famílias, então alguém tem que educar, que tem que dar educação? Já que não existe família, já não existe nem homem nem mulher, cada um vive o sexo que quer, cada um se relaciona com o parceiro que quer, ter filhos, daqui a pouco vai estar tão avançado que não vai precisar nenhum tipo de relação para ter filhos, as pessoas vão ao laboratório, nós queremos adotar um filho, pega uma parte minha e uma dela e produz uma pessoa perfeita, não quero falhas, se tiver falhas pode cortar a cabeça logo, corta a célula no meio antes que ela cresça. Uma sociedade dessa precisa de uma instituição que dê educação, como a gente vai ter pessoas educadas se não existem famílias, outro modelo de sociedade?

E: Eu penso que essa questão da escola ter que ficar com a criança o tempo todo, creche ter que ficar com criança o tempo todo eu acho que isso é um movimento ligado a esses grupos que querem uma nova sociedade, uma sociedade parecida com aquela dos índios mais primitivos onde não tinha família, onde era plurigamia, qualquer coisa serve, os valores são outros, essa sociedade precisa de instituições para criar as crianças e eu vejo que é mais ou menos para isso que tem culminado a nossa educação. E obviamente como bom católico, como bom cristão eu tenho ojeriza a esses pensamentos. Não vejo como algo bom o fim da instituição da família, eu vejo como algo péssimo, eu vejo como um retrocesso, mas como a gente pode observar na história da humanidade, quando a humanidade começa a caminhar numa progressão geométrica para qualquer tipo de evento ela tende a estabilizar e diminuir e quando as pessoas observam que aquilo realmente tem que ser rejeitado, o evento é abandonado. A gente espera que as coisas não continuem caminhando para esse lado, e que as pessoas vejam a importância da família, a educação feita em família, o indivíduo formado dentro de uma família, como ele é

educado, como ele tem esses princípios. Demorei um pouquinho para me adaptar e penso que não estou pronto, mas penso que hoje no meu sétimo ano como professor, obviamente eu tive antes, até mesmo antes de completar a faculdade experiência de transmissão de conhecimento ou de auxílio, facilitador, ora pra algum tipo de atividade específica, por exemplo, música, eu já comecei a ensinar violão, já dei aula de música violão e teclado, então era uma experiência que tive de instrução, como lecionar determinada coisa, ou então, na questão do próprio Exército: formar soldado, ensinar ordem unida. Lá também nesse quartel que era uma fábrica nós tínhamos o chamado Projeto Integração, que eram adolescentes de 14 a 18 anos que viviam em dificuldade social em vários aspectos e que eram encaminhados pela Pastoral do Menor pela Arquidiocese do Rio, em outros estados, em outros lugares, em outras instituições, faziam esse convênio com o Exército, essas crianças iam para lá e o nosso quartel virava um colégio militar para eles. Eles tinham um sargento monitor que ensinava ordem unida, no caso lá a unidade conveniada era a Arquidiocese do Rio junto com o governo do estado, então eles forneciam professores para ajudar aqueles alunos com as matérias das escolas deles, em termos de alfabetização que é uma coisa difícil, tem gente que chega na faculdade e não sabe escrever algumas palavras, imagine na base como que é. Então tínhamos professores cedidos pelo estado em convênio com a Arquidiocese e a gente também, como era uma fábrica, também ensinávamos técnicas mecânicas para trabalhar com máquinas, com solda, com pinturas, para esses adolescentes. Então a gente tinha contato com eles, mas era uma estrutura um pouco diferente, uma estrutura de curso técnico, digamos assim, quase profissionalizante, com a estrutura de um colégio em si, com sala de aula.

E: A maior adaptação talvez, eu acho que ainda estou muito longe daquilo que eu gostaria de ser como professor, mas eu vejo que hoje a minha experiência para dar aula tanto no ensino médio, quanto no fundamental, a minha experiência tem mostrado assim um *feeling* pra lidar com os alunos. E a parte pedagógica, realmente quando a gente esta iniciando a aula é uma dificuldade, por mais que você tenha um monte de acesso a livros a uma série de coisas, o desenvolver a aula, o cativar a criança, o adolescente é uma tarefa que você... eu penso que uma das coisas que pode ajudar, em primeiro lugar, que eu não seja empecilho para o aluno, porque se ele não gostar de mim vai bloquear, por outro lado eu tenho esse caráter de disciplina do Exército, pra mim é uma grande dificuldade cativar o aluno,

apesar que para mim cativar é: “- Vou te dar um FO<sup>41</sup>!” e não dou, entendeu? Desde que eu entrei o principal é isso: não passar para o pai dele, para que assim seja já iniciando um processo de corrupção, a ideia não é essa, pode até ser que fique assim, mas de maneira que o aluno possa confiar na gente, para criar essa empatia, é claro que isso às vezes é entendido de maneira muito distinta pelos alunos. Por exemplo, no ensino médio, as meninas já acham que a gente está com outra intenção, talvez uma professora isso fique um pouco mais difícil porque um homem, a tendência da nossa sociedade ainda é assim, numa relação onde geralmente ele é mais pró-ativo, então a professora mesmo tendo rapazes ali com a mesma idade dela, os rapazes se sentem muito mais seguros em relação à professora do que as meninas em relação aos professores, então esse é um aspecto complicado de lidar principalmente com os adolescentes, essa empatia que a gente precisa ter para que no mínimo eles possam ouvir o que a gente está falando.

E: O restante a gente vai aprendendo na prática, no dia a dia com os colegas, como a gente aprende, o que o colega está falando. Minha dificuldade particular pessoal: eu tenho dificuldade de ouvir, acho que o primeiro caminho para a cura é saber que está doente, então a partir do momento que você descobre que tem fraqueza naquele ponto, você tem condições de melhorar. Uma das coisas que eu tenho procurado colocar em dia na vida é isso: é ouvir, mas não apenas o ouvir, o ouvir e tentar pôr em prática, se a pessoa está gritando aquilo é porque é importante. Uma dificuldade muito grande minha em sala de aula, por causa dessa outra dificuldade de ouvir, não que eu seja surdo, mas querer entrar mesmo naquilo, obviamente que para mim é difícil se sentir no imperativo de cumprir o nosso programa e sentindo necessidade de passar algo mais pra eles do nosso conhecimento, isso traz uma carga muito grande de informações e o adolescente tem que captar essas coisas, a criança, quando ele começa a formular uma coisa surge a dúvida e ele quer perguntar, mas a gente não tem o dia todo para ficar batendo papo, mas é algo que eu preciso melhorar, na minha prática de ensino, justamente este equilíbrio de tempo para eles darem uma resposta e eu responder a eles. Eu espero que possa melhorar muito nesse tipo de coisa e não ficar só disseminando, tentar esse diálogo, daí entra duas questões, daquilo que para a gente é importante ensinar e pelo que é obrigado pelo governo.

E: Eu estou terminando o mestrado, e por incrível que pareça, é importante, muitas coisas foram ditas, cada coisa tem sua importância, mas a educação

---

<sup>41</sup> Fato Observado. Registro do comportamento dos alunos.

matemática é muito importante mesmo. Eu fiz mestrado em Métodos Numéricos, foi superinteressante voltar a ser aluno, depois de um tempo, três anos já de atividade direto com alunos, voltar a ser aluno, partilhar as duas coisas; ser professor e ser aluno, e agora ter terminado o mestrado. Eu estou observando várias coisas que o professor ensina e a gente não gosta. Como é importante para a gente enxergar aquilo que a gente não gosta, mesmo que - como dizem alguns psicólogos, a gente enxerga mais no outro aquilo que a gente não gosta porque a gente faz aquilo, mas quando a gente vê algo que não gosta no outro pelo menos em nós tem que despertar alguma coisa. Foi muito bom nesse sentido, também no sentido de ver e estudar um pouco mais a fundo o que eu estudei na graduação, foi muito no ar, isso também nos ajuda a compreender a importância de mostrar coisas práticas ou pelo menos dizer. Esses dias eu estava ensinando os números racionais e a gente foi fazer a representação dos números racionais na reta e a ai a gente começa a observar que parece que a reta toda é formada por racionais e a gente começa a falar para os alunos que não são só os racionais na reta, começa a dar alguns exemplos, dai a gente começa a mostrar para eles onde que isso se encaixa, é interessante, eu fui sincero para eles: no momento aqui no sétimo ano para que vai servir isso? Para nada, exatamente, é a mesma coisa de qual é a capital da China, Pequim, você vai comprar alguma coisa, na internet, de Pequim? Não, é a mesma coisa. Onde fica o pico mais alto do mundo, fica lá no Himalaia, o Everest, você vai escalar ele agora? Não. Nós temos aqui um colega escalador. Mas é conhecimento. Então se alguém for para a área de engenharia, de matemática, vai usar muito esse conhecimento, mas se não for vai ser só conhecimento, na minha opinião acho que é esse o caminho. Não é simplesmente eu não vou ensinar isso porque o aluno não vai usar, eu vou ensinar porque é um conhecimento que a humanidade desenvolveu, é claro que existe aquela questão filosófica, se foi criado ou foi desenvolvido, ou foi inventado, de alguma forma foi criado, existe, e a gente vai descobrindo do nosso modo, que às vezes é errado. Teoremas chegam, ou conjecturas ou até provas de teoremas que depois são quebradas. Eu fiz um trabalho na minha pós-graduação, antes do mestrado, eu fiz um curso de instrumentação para o ensino da matemática um curso em convenio da UFF com o Exército e meu trabalho final foi uma monografia sobre o quinto postulado de Euclides e a definição de uma geometria, então o quinto postulado define completamente a geometria euclidiana, a negação dele, durante muitos anos, tinham pessoas que achavam que tinham conseguido provar, então isso é uma prova para mim, pode até ser uma conjectura, mas para

mim é uma evidência que o nosso conhecimento matemático pode estar falho em muitos pontos, que alguém pode encontrar uma falha, por exemplo, na questão dos números transfinitos, nunca estudei a fundo, mas sei que existe ali uma beleza, uma complexidade, uma generosidade, engenhosidade, de todo aquele teorema, de todas aquelas provas, só que são provas em cima de provas em cima de teoremas. E se tiver um furinho? É um castelo que cai, não estou dizendo que esta errada, mas estou dizendo que a gente vai descobrindo coisas que estão ali, e as vezes a gente monta do nosso jeito e nem sempre esse jeito esta certo. Acho que está bom.

B: Muito obrigada!

#### 4.10 SAYMON

Brunna: A pergunta é a seguinte: Professor Saymon eu gostaria que você contasse um pouco da sua história, da sua percepção do que é ser professor, do que é ser professor no CMC, o que você achar melhor.

Saymon: Bom na verdade a minha vinda aqui, no colégio militar em especial é um sonho. Desde que eu entrei na minha graduação meu sonho era trabalhar aqui, tanto que para vir para cá eu larguei um concurso publico federal que eu tinha para conhecer o que era aqui dentro. Vou dizer para ti que não tinha me imaginado militar, essa relação de ser militar eu não tinha realmente pensado, mas surgiu a oportunidade e eu tentei, passei e estou aqui dentro. Mas o fato de ser professor foi uma coisa que eu sempre tive vontade. Quando eu saí do ensino médio eu não tinha certeza de qual disciplina eu seria professor. Eu queria ser professor e a matemática sempre foi uma coisa que eu gostei muito, sempre me dei muito bem em física, química e matemática não tanto, mas física e química com cálculo e tudo o mais sempre me dei bem. Mas dentro do que eu tinha para escolher eu fiquei em dúvida entre duas coisas: química ou matemática.

S: Eu tinha duas pretensões: química e matemática, mas a minha família queria que eu fizesse outro curso, eles não queriam que eu fosse professor. Então eu me inscrevi na Universidade Federal do Paraná para engenharia química e na PUC-PR e no CEFET de Pato Branco me inscrevi para matemática, só que foi segredo, não contei para eles.

B: Você não morava em Curitiba?

S: Morava, eu era daqui. Só que a matemática do CEFET só tinha lá. No ano que eu entrei, em 2003, na graduação o CEFET só tinha matemática em Pato Branco. Inscrevi-me escondido para a prova da PUC e para a prova do CEFET e fiz os três vestibulares. Não tinha estudado o suficiente para passar em engenharia química, eu me dava muito bem em física, química e matemática, mas história e geografia eu não tinha paciência para estudar, e eu sempre gostei de estudar, mas paciência para estudar não tinha.

S: Não passei na federal, eu passei no CEFET e na PUC-PR. Então eu contei para a minha família que eu tinha passado, que ia fazer faculdade e ia embora para Pato Branco. Minha mãe disse que não, pois eu ia gastar em moradia e em tudo e era melhor ficar, pagar a faculdade e continuar morando em casa.

Comecei a estudar na PUC e lá eu conheci o professor Domenico que foi um super incentivador de eu começar a dar aula. Toda a aula ele chegava na sala e perguntava quando eu ia começar a dar aula. Nessa mesma época eu comecei a trabalhar num cursinho que chamava Expert, eu trabalhava na secretaria digitando as fichas de matrícula que eles preenchiam para os alunos novos. As moças do balcão faziam a ficha de matrícula à mão e eu pegava as fichas que chegavam e passava para o sistema. Fiquei lá nesse tempo e depois fui transferido para trabalhar como digitador na editoração, eu digitava apostilas e o diretor do cursinho sabia que eu estava cursando matemática. Um dia ele me chamou e perguntou se eu não queria pegar umas aulas de assistência, um professor tinha ido embora e como eu estava começando e fazendo faculdade poderia pegar umas aulas de assistência. Fiquei muito nervoso, porque eu nunca tinha entrado em sala na minha vida. Além de professor da assistência eu era plantonista (aquele professor que fica a manhã inteira para cobrir uma possível falta de professor), era um tapa-buraco para qualquer professor que faltasse. Caso faltasse um professor de história, por exemplo, eu ia para a sala dar aula de matemática, tirar dúvidas ou revisar alguma coisa. Foi assim: eu cheguei e sentei com o diretor do cursinho e ele disse: “Saymon você tem certeza que quer começar já?”, “Eu tenho medo que você se queime, fique traumatizado, por ser muito novo e estar começando agora” e eu respondi que nunca ia saber se não começasse, não saberia se eu ia ser bom ou ruim nisso se não começasse. Foi muito legal, ele foi outro incentivador da minha carreira porque quando fomos fechar o contrato, pois eu ia continuar na editoração em um período e no outro ia assumir os plantões e as assistências, um dia eu trabalhava de manhã na escola no outro trabalhava na editoração. Era tudo no mesmo prédio. No dia que sentamos para resolver isso, no final da conversa, ele olhou para mim e disse: Saymon eu vou te dizer uma coisa e dificilmente eu erro: eu tenho certeza que você vai ser um grande professor.

S: Foi daí para frente eu comecei a dar aula e daí é vício: continuei no cursinho por mais cinco anos ainda, sai das aulas de assistência e comecei a dar aulas pro cursinho mesmo, para o ensino médio e para as crianças que tentavam prestar concurso na Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Trabalhava com todos esses anos e fui começando a trabalhar em escolas. Antes de ir para Santa Catarina e ficar lá dois anos trabalhando no Instituto Federal de Santa Catarina, antes de vir para o CMC eu me exonerei num dia e no outro estava aqui, eu trabalhei em duas escolas onde eu me sentia muito bem e me deram muita força, eu

estava no Bom Jesus há quase três anos, que tem uma organização fantástica, uma escola onde eu sentia muito prazer em trabalhar, eu curtia muito, os alunos também eram muito legais, não vou dizer que era sempre uma maravilha.

B: Desculpe-me a curiosidade: Em qual Bom Jesus você trabalhou?

S: Eu trabalhei no Centro, mas pouco tempo, dois meses só, e em São José dos Pinhais; e eu trabalhei no Modelo, que foi a escola que eu sentia como a minha família. Eu frequentava a casa dos alunos, conversava com os pais fora da escola: Como está sua mãe? Como está sua vó? Era como se todos fossem meus filhos. Lá eu fiquei quase seis anos. Foi muito difícil me desvencilhar das duas escolas.

B: Deixa eu entender: Quando você estava no Instituto Federal você já tinha saído desses dois colégios?

S: Já, dos três na verdade. Eu trabalhava no Modelo, no Bom Jesus e no SESI num programa chamado Educação do Trabalhador, que é um programa de educação de jovens e adultos e eu dava aula para os funcionários da PUC dentro da PUC. Era um programa onde a universidade cedia o espaço físico e compra o material e o SESI oferece a mão de obra e a parte didática e pedagógica.

S: Eu ia para a PUC para dar aula para eles, eram quatro dias à noite onde a gente se reunia numa sala de aula da faculdade pra ter aula. Eles tinham aula comigo, eram divididos por módulos, então eu era contratado por um tempo certo, no meu caso eram 5 meses que eu ia trabalhar matemática e física. Durante estes 5 meses eles tinham aula só comigo, então foi muito doído deixar eles, pois eu estava apenas há um mês com eles. Mas pensa: um mês você ficando junto quatro horas por dia, é uma coisa indescritível como um vínculo forte de aluno que eu já estava convivendo o ano inteiro nas outras escolas. O vínculo que eu criei com eles era uma coisa fantástica, emocionante, foi o Modelo e o SESI foram duas coisas muito marcantes porque foi muito triste quando eles ficaram sabendo que eu ia embora, chorei com aluno, aluno chorou comigo, a coordenação chorou comigo, professor chorou comigo, porque no SESI era só eu, minha chefe, que não trabalhava comigo, e os alunos, então a minha relação era eu e os alunos, não tinha coordenação, não tinha nada lá, eu chegava eu ia para a sala, era eu e os alunos, se eu precisasse falar com a minha coordenadora eu tinha que ir lá procurar ela porque ela estava lá no SESI, na sede lá do Portão. No Modelo não, era uma vivência diária, imagina, três anos indo para lá duas, três vezes por semana, ficava a manhã inteira, foi muito difícil a hora de embora. Eu já não senti tanto quando vim do IFSC para cá, porque foi uma convivência de tempo menor, eu acabei me apegando a algumas pessoas



com as quais eu trabalhava, não era de acordo com a direção que estava fazendo a gestão dos campus onde eu trabalhava, tinha muito atrito, então eu não criei vínculo com o lugar em si, nem com o lugar espaço físico IFSC, nem com os alunos que eram fantásticos, eu criei vínculo com algumas pessoas, e duas ou três pessoas de lá que eu vou levar para o resto da vida, diferente do Modelo que o lugar me traz lembranças boas, a escola em si, porque era muita gente, era muita coisa boa lá dentro, tanto que se eu fosse pensar em dinheiro era a escola que menos me pagava, o valor da hora aula era o menor dos três que eu trabalhava. O Bom Jesus me ofereceu mais aulas algumas vezes, nesses três anos que eu estava lá me ofereceram mais aulas umas quatro vezes, eu falava para a coordenação: eu não quero, eu gosto de trabalhar no Modelo, eu não trabalho lá pelo dinheiro, é lógico que o dinheiro que eu ganho lá me sustenta, me ajuda com os meus gastos, mas fora isso não tenho outro motivo para querer sair de lá, o salário era pouco, mas o prazer que eu tinha de trabalhar lá compensava.

S: Foi isso, eu acabei tendo um incentivo lá no começo que me fez impulsionar, depois que eu comecei a dar aula não parei mais, comecei a dar aula em agosto de 2003, no segundo semestre da faculdade, agosto desse ano completa 10 anos. Em 2003 eu estava no segundo semestre. Eu entrei na PUC, eu sai do Colégio da Polícia, fui aluno dele, tem professores lá que foram grandes inspirações, os de matemática, os três que eu tive lá no ensino médio foram simplesmente decisivos na minha carreira, esses três me fizeram decidir por fazer matemática. Eu saí do Colégio da Polícia em 2002 e fui direto para a PUC, me formei em 2006, e em 2006 no segundo semestre eu passei num mestrado que eu não curti, fiz um semestre e parei. Era um mestrado em tecnologia da Saúde da PUC, e tinha uma linha de pesquisa que era Matemática e informática aplicadas à saúde, inclusive o coordenador dessa linha de pesquisa era meu professor, ele convidou a mim e dois colegas para escrevermos essa disciplina com ele, escrever para essa linha de pesquisa, mas acabou não dando certo e aí coincidiu que eu estava sem jeito de dizer para ele que eu não queria continuar, naquele entremeio ele pediu demissão da PUC. Então ele foi embora, não tinha mais professor para orientar isso e eu desisti. Depois eu fui para a Federal, fiz especialização no ensino de matemática também, e terminei a especialização e entrei no mestrado em Ensino de Ciências e Tecnologia, na UTFPR, no campus de Ponta Grossa, porque aqui não tinha esse mestrado específico na área de ensino, e terminei ano passado. Defendi a minha dissertação no ano passado, estava meio atrasado com a entrega das correções,

acabei entregando as correções em dezembro do ano passado. Imagina, defendi a dissertação em fevereiro e entreguei as correções em dezembro, aproveitei que eles não podiam mais me reprovar porque eu já tinha sido aprovado. Eu confesso que já estava meio cansado e fiquei uns quatro meses sem fazer, peguei o trabalho que a banca deu e simplesmente enfiei numa gaveta e deixei lá por quatro meses. Voltei depois e comecei a fazer as correções e entreguei. E agora estou pensando em fazer um doutorado, mas ainda não sei no que e é isso.

B: Você se enxerga professor então? Você não é militar, você é mais professor?

S: Minha função aqui é professor de matemática, na verdade eu quero fazer engenharia química, mas é um *hobby*, mas não que eu tenha vontade de deixar de ser professor.

B: Muito obrigada! Em um período de 10 anos você teve muitas experiências.

#### 4.11 MARCELO

B: O Objetivo da pesquisa como eu expliquei e contar um pouco das memórias dos professores, então eu gostaria que se você pudesse dividir um pouco da sua história como professor, professor aqui ou um pouco de sua carreira que fez de você o professor que você é hoje.

M: Minha primeira experiência como transmissor de conhecimento foi em 1984, eu tinha 15 anos e me destaquei no curso preparatório militar que eu fazia para as escolas: Escola Preparatória de Cadetes do Ar, Escola Preparatória de Cadetes do Exército e Colégio Naval, todas de nível fundamental e médio. Eu fui convidado para em um final de semana resolver os exercícios para os meus colegas, então nós começamos a trabalhar. Eu fiquei com a parte de Geometria e Trigonometria e meu colega Álgebra e Aritmética. Nós fizemos isso durante praticamente 6 meses até o próximo do concurso, nós acabamos até passando no concurso, cada um foi para uma área: um foi para o Exército, outro para a Aeronáutica, eu fui para a Aeronáutica. Esse foi meu primeiro contato com a transmissão de conhecimento.

M: Passou, eu fiz a Escola Preparatória de Cadetes da Aeronáutica, fiquei três anos lá e depois na academia da força aérea eu acabei saindo, aí o primeiro pensamento quando eu saí de lá era fazer engenharia, não segui a carreira militar naquele primeiro momento, pensei em fazer engenharia. Em abril de 1988 quando eu saí da Força Aérea, pedi baixa porque eu achei que aquilo era uma loucura, era muito forte em termos de militarismo para mim, aí eu fiz o vestibular no meio do ano de 1988 para engenharia elétrica, na Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais. Passei também em Uberlândia, fui aprovado e acabei não cursando porque eu não consegui me sustentar em Uberlândia, o único emprego que eu consegui foi de garçom à noite, e aí era muito cansativo e não dava. Eu, digamos assim, fiquei responsável muito cedo na minha vida, já com 16 anos eu já era independente então foi muito complicado. Eu voltei para o Rio, que é a minha cidade natal e lá no Rio de Janeiro comecei novamente a dar aulas particulares de matemática e física para me sustentar, ia à casa da pessoa ensinando e preparando para ser militar. Eu tinha três colegas lá que queriam ser sargentos da Aeronáutica ou Exército, eu ia lá e ajudava, e nessa de querer ajudar e receber um dinheirinho, um trocadinho, aconteceu que eles falaram: “- porque você também não faz o concurso para ser sargento

especialista da Aeronáutica?” Passei e fui para a escola de sargentos especialistas da Aeronáutica. Lá ingressei no curso de meteorologia, fiz o curso de meteorologia como militar. Quando me formei eu vim para o CINDACTA II aqui em Curitiba. No SINDACTA que eu tive a ideia, através de uma aula particular que eu fui dar para a filha da dona da cantina do SINDACTA, ela estava com dificuldade na 8ª série sobre equações do segundo grau, a parte de radicais, de racionalização, eu fui ajudá-la e ela disse: “- Por que o senhor não faz faculdade de matemática?”. Como eu não tinha muita opção ali naquele momento eu resolvi fazer o vestibular para matemática, isso em 1992. Passei na Universidade Federal do Paraná e fui fazer Licenciatura em Matemática, ai quando eu estava no segundo ano da faculdade eu comecei a lecionar, comecei como estagiário, como monitor praticamente, quando algum professor titular faltava eu assumia, no Colégio Expoente do bairro Boa Vista, na Sociedade Educacional Expoente. Em 1994 eu comecei a lecionar efetivamente dentro de uma escola e já em 1995 eu fui contratado para ser professor titular. Fiquei ali de 1995 até 1999, ai o Expoente começou a andar mal das pernas em relação à crise financeira, e atrasar o pagamento dos professores e eu acabei saindo do Expoente. Só que nesse ínterim eu também trabalhei no Beatíssima Virgem Maria no Batel, depois foi se chamar Mary World, trabalhei também no Colégio Estadual do Paraná, no CURCEP<sup>42</sup>, que era um curso preparatório para o vestibular que o Colégio Estadual montava pela APM, Associação de Pais e Mestres, eu era contratado para trabalhar nesse CURCEP, eu não era efetivo do estado, mas era contratado. Trabalhei por dois anos lá: 1998 e 1999. Também trabalhei com EJA contratado pelo SESI, numa empresa, na educação de adultos. Também trabalhei 6 meses em uma empresa lá no Atuba a PKcables, foi bem interessante esta experiência também.

M: Quando foi em 2000 ingressei no Bom Jesus, trabalhei lá em 2000, 2001 e 2002. Que ai surgiu a oportunidade de fazer a prova para o magistério militar, como militar de carreira do Exército, ingressando como tenente, aí eu fiz o concurso, passei e fui para Salvador, já como professor do Exército. Assim que terminei o curso lá em Salvador fui para Brasília. Lecionei 5 anos no Colégio Militar de Brasília, em todas as séries do 6º ao 3º ano, foi uma experiência fora do comum. E anteriormente também no Expoente e Bom Jesus eu comecei com 6º ano e fiquei nos últimos anos no ensino médio. Lá em Brasília eu trabalhei no 6º, 7º, 8º, 9º, 1º, 2º e depois eu fui para o 3º ano e fiquei nele até 2008.

---

<sup>42</sup> Curso preparatório do Colégio Estadual do Paraná.

M: Quando eu vim transferido para Curitiba, eu assumi primeiro o 7º ano, e depois no ano seguinte eu vim para o 3º ano também. O que eu posso dizer sobre o sistema colégio militar, eu como professor militar a dificuldade maior é ter uma dedicação maior à sala de aula, porque nós temos várias atividades externas à sala de aula: coordenação, chefia de seção, fora outros processos administrativos que a gente acaba sendo envolvido, escalado e que fica realmente muito complicado aquela atenção maior à sala de aula. A carga horária de sala acaba não sendo grande, mas em compensação o dia é bem cheio de atividades externas e isso dificulta é claro, até em relação à motivação, mas eu considero que a sala de aula para mim é o lugar do divã onde eu me sinto super bem e que curo todas as feridas que existem em algumas situações que a gente acaba se envolvendo como militar. Você quer perguntar mais alguma coisa?

B: Eu acredito que é isso. É muito bom a gente conhecer tantas experiências diferentes. Tem mais uma coisa que o senhor quer acrescentar?

M: Eu quero acrescentar que realmente a escolha para o magistério foi muito bem feita, é claro que existem essas questões administrativas que influenciam muito na questão de que eu poderia me dedicar muito mais, só que realmente acaba atrapalhando um pouco, só que eu sou realizado como professor, eu acho que escolhi a profissão certa. Em alguns momentos durante este transcorrer, elogios, cartinhas de alunos, dedicação dos pais, dos colegas, isso tudo é gratificante, fica acima de todos os problemas que no transcorrer dessa vida docente acaba tendo que passar, mas eu acredito que até para os futuros professores, pessoas que tem realmente o sacerdócio, que se dediquem porque vale a pena, é muito bacana.

B: Muito obrigada capitão.

#### 4.12 CIBELE

B: Professora Cibele, eu gostaria que você me contasse um pouco da sua história como professora de matemática, aqui no colégio, as experiências que você teve em sua carreira que fizeram de você a professora Cibele que você é hoje.

C: Eu me formei em 2000, na verdade meu sonho não era ser professora, eu digo que cai de paraquedas no curso de matemática porque como eu tinha feito um curso técnico eu queria ser engenheira. Quando eu estudava acabei não passando no vestibular de engenharia que eu queria, no CEFET, e fui para matemática pensando em fazer uns dois anos e depois transferir para engenharia. Só que no segundo ano de matemática eu comecei a dar aula, até então não tinha experiência em sala de aula. Eu me apaixonei por lecionar, já tinha certa habilidade matemática, mas não era matemática a minha paixão: a minha paixão passou a ser dar aula. Mas então uma coisa foi se ligando a outra, comecei a dar aula, comecei com estágios, trabalhando só com apoio, entrei como professora regente.

C: Dei aula de um pouco de cada coisa, dei aula de desenho geométrico, dei aula de física, dei aula de matemática, até que efetivamente comecei a trabalhar em uma escola particular. Tinha bastante prazer de trabalhar, lá eu trabalhava com a matemática e com oficina de matemática. Eu trabalhava com a matemática formal e com a parte do construtivismo em outra disciplina. Foi uma experiência bem interessante.

C: Dois anos depois que eu estava nesta instituição comecei a dar aula no ensino superior. De lá para cá só continuei trabalhando na área.

C: No ensino superior eu já trabalhei com diversas disciplinas também: financeira, cálculo, pesquisa operacional, então o que surge você acaba pegando e trabalhando. Eu trabalhava a noite na faculdade e de manhã eu trabalhava numa escola dando aula para ensino fundamental. Como financeiramente não valia a pena trabalhar nessa escola eu pedi a conta e acabou abrindo processo seletivo aqui para oficial temporário. Na verdade eu nem sabia que era para oficial temporário, no jornal da época era processo seletivo para professor do Colégio Militar. Quando eu vim aqui, fiz o processo e quando eu estava na banca que eu soube que seria professor militar e eu quase entrei em “parafuso”. Porque para mim eu estava fazendo um processo para ser só professora, meu pai até brincava quando eu fazia o treinamento: ”- Filha, por que usar arma? Porque você é só professora.” Mas foi

uma experiência e tem sido uma experiência interessante. Agora já é meu oitavo ano aqui, achei que ficaria só sete, mas já é meu oitavo ano aqui, mas aqui a gente tem experiências muito gratificantes, que ao contrário da minha experiência lá fora os alunos daqui têm um nível bem acima dos alunos que a gente encontra lá fora, eu até costumo dizer na minha dissertação, que eu fiz um trabalho em uma outra escola pública, na minha dissertação até coloco que o meu aluno que tem mais dificuldade aqui ainda tem um desenvolvimento em matemática melhor que os melhores alunos lá de fora. Isso faz com que, para nós professores, seja algo assim desafiador, a gente sempre deve estar estudando, porque os alunos nos trazem desafios. Eu já tive turmas excelentes, a turma que eu tive há dois anos quando eu dei aula no 9º ano, mas eles eram alunos que estavam se preparando para as escolas militares, então eles já tinham capacidade intelectual bem apurada e era tão interessante porque eles surgiam com questões elaboradas, era uma aprendizagem, não era eu ensinando os alunos, mas era a gente aprendendo juntos.

C: Essa ligação que a gente tem com os alunos aqui é diferente das outras escolas. A gente está dando aula e o aluno está ali só para aprender, aqui não, a nossa experiência é diferente, a gente aprende junto com os alunos porque eles também têm essa busca pelo conhecimento, eles acabam buscando questões em outros lugares, que às vezes a gente não tem contato, e acaba aprendendo com eles, é claro que isso não é uma regra, mas eu vejo que o tempo que eu passei aqui foi um tempo de crescimento, que eu tinha que estar buscando sempre, que eu tinha que me atualizar, sempre estudar um pouco mais sobre cada assunto. O que eu acho que foi fundamental para a minha formação também como professora é a questão de aqui a gente não trabalhar só a matemática, como eu posso dizer, que você dá apenas os algoritmos para resolver as coisas. Aqui a gente vai e demonstra para os alunos, prova que aquilo é uma verdade, e eles trabalham com demonstrações também, e conseguem entender dessa maneira e eu percebo que eles têm aprendido, eles têm um desenvolvimento do raciocínio muito maior do que os outros justamente por causa disso: porque eles sabem justificar de onde vêm as coisas, que para eles isso é interessante, ao contrário até dos meus alunos do ensino superior: eles querem saber como faz: “- professora, como faz? Eu quero repetir esse exemplo”. Aqui não, aqui tem muitos alunos que participam das olimpíadas e acabam fazendo projeto de iniciação científica e por isso eles vêm com essa bagagem de justificar tudo aquilo que fazem, e eu exijo isso bastante dos meus alunos também, eles têm que justificar porque eles estão fazendo aquela conta.

Então, às vezes, eles falam: ” – Ah! Professora, mas não está certo?” Sim está certo, mas eu quero saber como você fez essas contas, de onde você tirou essa resolução e eu acho que isso tem acrescentado na vida deles assim com na minha, porque eu aprendi isso com os alunos, então acho que é basicamente isso aí.

C: Como eu me formei no ano 2000, nós estamos agora em 2013, então dos meus 15 anos de carreira como professora, oito anos são aqui, é metade do meu tempo como professora eu estou aqui, então eu acho que vai ser uma grande perda quando eu sair daqui, porque a gente está acostumada com determinado grupo, nós temos alunos sim que têm muita dificuldade, só que também temos ferramentas para que esses alunos possam aprender. Acho que a nossa preocupação tem apoio de uma rede, eles têm horário de atendimento, a gente tem como apoiar os alunos com dificuldade, porque têm uma série de outras coisas que nos dão suporte para isso. A educação de qualidade que o Colégio Militar tem e que é vista aí fora se deve justamente não só ao bom professor em sala de aula, e não só ao bom aluno também que passou no concurso, porque dos nossos alunos ingressantes na verdade nós temos 30% que são concursados enquanto 70% vieram amparados, que às vezes vieram de regiões difíceis que não estudaram, ou estudaram à distância e têm uma certa dificuldade, mas o que garante o êxito desse aluno quando ele chega no 3º ano do médio é justamente porque eles têm uma boa, uma qualidade de ensino em sala, mas ele tem um apoio no contraturno, tem atendimento, tem extraclasse e uma série de outras coisas que fazem com que eles tenham uma educação mais completa. Eu pretendo, saindo daqui, levar isso para onde eu for.

B: Aqui não é difícil de você criar raízes, fazer amizades e se pegar demais com os alunos porque eles são especiais, o pessoal daqui é um pessoal especial então é difícil mesmo sair.

C: Eu tenho uma ligação muito forte com o ensino superior, eu gosto muito de dar aula no ensino superior, é o que mais se aproxima do que a gente vive aqui. Pode cobrar como eu cobro aqui, apesar de hoje eu dou aula numa instituição de ensino superior que é da rede privada, e a gente sabe que hoje a rede privada não seleciona mais os alunos ingressantes, eles acabam passando no vestibular, mas com uma nota mínima, eles também vêm com uma série de dificuldades, mas é gratificante também você dar aula para o adulto, porque a linguagem que a gente utiliza já é uma linguagem diferente.



C: Eu vejo que me sinto completa como professora, porque eu trabalho com os pequenos, então eu tenho a ideia de como é o pensamento dos pequenos, como eles constroem o conhecimento, e os adultos que às vezes estão ajudando os filhos e têm que aprender também.

B: Você dá aulas também para possíveis professores?

C: Não, é uma coisa que eu tenho... acho que ia ser completo! Antes de eu trabalhar aqui eu já trabalhava no ensino fundamental de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série numa escola e eu dava curso para as professoras dessa escola, curso de matemática para as professoras de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> série. Foi uma experiência também maravilhosa, porque então a gente começa a perceber porque os nossos alunos chegam lá no sexto ano e apresentam tantas falhas de conhecimento e essas falhas eles acabam levando até a universidade. Alguns acabam sempre empurrando a matemática até chegar ao ensino superior e fogem da área de exatas porque não aprenderam. Quando eu dava aula para essas professoras, era ao mesmo tempo gratificante e triste de ver, porque elas, pelo menos aquelas com quem eu trabalhava, não sei das demais, elas tinham uma dificuldade tremenda de entender aquele básico que elas ensinavam, então elas acabavam ensinando o algoritmo: " – olha, para fazer a multiplicação de dois números com dois dígitos você tem que fazer dessa maneira e tem que colocar um + aqui nesse espaço que está aqui". Então eu perguntava de onde vem esse + que elas colocavam nessa posição e elas não sabiam me explicar porque, então eu trabalhava com elas a questão da multiplicação da dezena, então aqui tem um zero, não é um mais. Desmistificar isso para elas. São coisas pequenas só que os alunos acabam levando com a matemática, mas não com entendimento, acham que a regra é essa, e vêm trazendo um monte de regras, só que regra a gente esquece, eles esquecem uma coisinha aqui outra ali, como quando a gente diz para o aluno do 6<sup>o</sup> ano que um número elevado a 0 é 1 e isso é uma regra e não dá nenhuma explicação para eles, claro que a demonstração às vezes é muito complexa para o entendimento deles, mas você tem como dar uma noção para eles de onde surgiu aquele 1, usando o processo de divisão ao invés da multiplicação. Eu acho que é isso que acaba faltando, e como as professoras do ensino básico não têm essa formação de matemática elas acabam dando regras e os alunos ficam com essa ideia que a matemática é uma sequência de regras e acabam esquecendo e perdendo muito do aprendido.

C: Eu aprendi aqui a justificar, tudo que eu estou fazendo eu justifico, não é uma regra, tem que ter uma noção pelo menos de onde vêm em casos que é

possível fazer uma demonstração que eles vão compreender a gente faz a demonstração formal com eles, agora, em casos em que a demonstração acaba exigindo muito ou conhecimentos que não vão se adequar a idade, ao conhecimento que eles já têm prévio, pelo menos uma noção de onde vem e porque daquilo a gente procura dar. Isso eu quero levar para onde eu vou, porque eu acho que a aprendizagem fica mais significativa, às vezes hoje a gente tem toda essa questão de contextualizar, você tem que trabalhar o construtivismo, isso tudo é muito importante, mas a base de matemática, o conhecimento matemático é fundamental para que ele consiga depois pegar esses textos que estão contextualizados e trazer para uma solução, uma modelagem matemática que resolva essa situação.

C: Eu acho que é isso. A vida como professora é um eterno aprendizado. A gente tem que estar aprendendo e nunca vai saber tudo. Depois que eu ingressei no mestrado, faz dois anos, agora eu estou na fase da dissertação também, mas quando eu voltei para o mestrado fazia 10 anos que eu não estudava e eu senti o que os meus alunos da faculdade sentem: “- professora faz tanto tempo que eu não estudo que eu não lembro de muita coisa”. Eu vi que eu tenho que aprender muita matemática ainda, a gente sempre tem muito a aprender, nós como professores temos que estar abertos a isso, a estar aprendendo buscando outras maneiras de ensinar. O nosso aluno hoje é totalmente tecnológico e temos que inserir essa tecnologia de alguma maneira para tornar atrativo e buscar aprender junto com eles e aprender por conta própria para dar o melhor para eles, para que a gente possa ter uma educação melhor.

B: Muito obrigada!

## 5 A ARTE MULTIVOCAL DA HISTÓRIA ORAL

Portelli (2011) nos mostra, em resumo, a arte multivocal da história oral. Por meio de entrevistas de um casal de afroamericanos que viveu e trabalhou ao redor de minas de extração, ele analisa a relação entre história e memória, e como esta toma forma na narração oral. O exemplo escolhido permite ao autor analisar as consequências das diferenças de gênero e condição social no discurso dos colaboradores, para os quais a conversa com o entrevistador se trança a conversa entre eles próprios.

Assim como esse casal sentiu-se muito à vontade para fazer os relatos, escolhendo o nascimento e o primeiro dia de trabalho como início dos relatos de sua história, a maioria dos colaboradores desta pesquisa também sentiu-se à vontade depois dos contatos iniciais e escolheu diferentes acontecimentos como marcadores para suas lembranças.

A opção dos professores por relatarem sentimentos relacionados as suas escolhas profissionais, levou-me a refletir, como Portelli (2010), por qual motivo eles confiaram a mim estas lembranças. Segundo ele, o ambiente da entrevista feita com o casal, acima citado, não sugeria uma confiança natural, devido às questões históricas de segregação racial nos Estados Unidos. Ele era um entrevistador branco procurando entrar num território de lembranças de um casal negro. Quanto a mim, poderiam surgir dificuldades visto que eu era uma entrevistadora que já estava fora daquele ambiente, procurando levar o registro daquelas lembranças também para o lado de fora.

Contar a história é uma arte narrativa afim, mas diferente da de contar histórias. As histórias pessoais têm uma existência autônoma na memória de indivíduos ou de grupos sociais, que as relembram e as transmitem dialogicamente. Mas a narração oral da história só toma forma em um encontro pessoal causado pela pesquisa de campo. Os conteúdos da memória são evocados e organizados verbalmente no diálogo interativo entre fonte e historiador. Este assume um papel diferente daquele que em geral é atribuído a quem realiza pesquisas de campo: mais do que “recolher” memórias e performances verbais, deve provocá-las e, literalmente, contribuir com sua criação: por meio da sua presença, das suas perguntas, das suas reações. A diferença cultural entre pesquisador e narrador sujeita este último a estímulos imprevistos, força-os a explorar setores e aspectos da

sua experiência que não são mencionados quando ele conta histórias ao seu círculo imediato.

Por meio desta leitura e pela realização das entrevistas com os professores, cheguei à conclusão que os questionários padronizados não têm “vida” suficiente para representar a história de um colaborador: é necessário olhar nos olhos um do outro. Por isso, a maior provocação se dá pela presença do entrevistador, pelas suas reações e por sua atenção, pois em algumas das situações que presenciei o entrevistado não quer ser interrompido, não quer desligar-se do fio condutor que criou para suas lembranças. Assim as perguntas deveriam ser feitas de maneira muito cuidadosa para que o colaborador não esquecesse alguns acontecimentos que estava disposto a contar.

Na história oral, o relato não é um fim em si mesmo. No que diz respeito ao entrevistador visa à produção de um texto escrito. Disto resulta um uso diferente do espaço: a situação da entrevista institui uma bipolaridade dialógica, dois sujeitos face a face, mediados pelo uso estratégico de um microfone. Em torno desse objeto os dois se olham. Durante todo o tempo, enquanto o pesquisador olha para o narrador, o narrador olha para ele, a fim de entender quem é e o que quer, e de modelar seu próprio discurso a partir dessas percepções. A “entre/ vista” é uma troca de olhares. E mais do que outras formas de arte verbal, a história oral é um gênero multivocal, resultado do trabalho comum de uma pluralidade de autores em diálogo.

Podemos reconhecer vários desses resultados citados pelo autor nas entrevistas realizadas com os professores do Colégio Militar de Curitiba. As diferenças de gênero, idade, naturalidade permitem ao pesquisador explorar campos desconhecidos da memória dos colaboradores, ainda que para isso, esbarrem no problema da confiança: por que confiar suas memórias a um estranho? Como aceitar que seu registro permaneça armazenado em uma instituição? O que as minhas memórias podem dizer sobre mim? A mesma diferença que beneficia impõe barreiras que são ultrapassadas no decorrer do relato, mas não sem provocar explicações e provar a reação do outro. Dela também resulta o motor que impulsiona esta pesquisa: a criação, da qual participam entrevistador e entrevistado.

Esta criação poderia acontecer de diferentes modos, mas a escolha do momento, do entrevistador e as reações fazem dela única. Assim como o congelamento da imagem de um objeto em movimento, que não abriga todas as informações do mesmo, mas permite analisar a evolução do seu estado, assim o

pesquisador ao revisitar este material poderá avaliar o movimento do discurso ao longo do tempo.

Em todas as entrevistas podemos observar a necessidade de extrapolar a ordem cronológica, cedendo espaço à importância dos fatos que criam novas ligações e a ruptura causada pelo início do trabalho no Colégio Militar de Curitiba, seja pela experiência de ensino completamente diferenciada, seja pelo contraste entre a formação do professor e sua prática ou pelos recursos que este ambiente oferece. Podemos perceber esse momento do discurso até mesmo pelo conflito entre as formas verbais e pronominais: o discurso não consegue mais ficar acomodado em primeira pessoa do singular, ele é transferido algumas vezes para segunda pessoa do singular e em outras para a primeira pessoa do plural. Passado e presente também se confundem.

Os relatos são sempre validados pelas reações do interlocutor, que por vezes fazem surgir pequenas memórias que reforçam os temas centrais. Neste caso podemos agrupá-los em um tema maior que permeou toda a discussão: o valor da educação em nossa sociedade. Este não foi um assunto premeditado, mas esteve sempre presente no momento de ruptura da carreira do professor, marcada pelo ingresso no Colégio Militar de Curitiba. Portelli afirma que: “nas narrativas orais as modalidades convergem com frequência não apenas sobre os acontecimentos centrais, mas também sobre temas cruciais”, (2011, p. 29), pois: “a história oral é, principalmente, um modo de deixar a política e as condições sociais vivas e tangíveis, evidenciando seu impacto sobre a vida de determinadas pessoas”, (2011, p. 27). As diversas vozes aqui presentes nos fizeram ouvir vivências: da desvalorização do professor, da falta de estrutura das escolas, da falta de estímulo e investimento na educação. Eu não imaginava, antes da realização das entrevistas, me deparar com estas questões, elas não estavam presente nem mesmo nas fichas que preparei para provocar as lembranças dos professores, mas eles escolheram estes caminhos, sugerindo a preocupação também com as condições dos professores e do ensino de matemática fora dos portões do Colégio Militar de Curitiba.

## 6 RELATOS, VISÃO E MEMÓRIA

Apesar de toda a singularidade de cada entrevista, do modo como cada uma cria seus próprios caminhos para reconstruir uma história, é possível tomar este conjunto vivo de situações e levantar alguns pontos em comum, algumas falas que se repetem e parecem formar uma visão do professor de matemática do CMC.

Foge do objetivo deste trabalho levantar e analisar “as semelhanças” entre as falas dos professores entrevistados, isso não nos impede, entretanto, de listar alguns aspectos que, além de estarem presentes na maior parte dos relatos, parecem indicar um dos caminhos possíveis para a compreensão dos elos e das características mais peculiares desta instituição. Esta escolha, sem dúvida, é subjetiva, e ela é feita aqui como um exercício que pode proporcionar ao leitor uma sugestão de como construir outras redes de significados e similaridades a partir de sua vivência e vivências dos entrevistados.

O primeiro ponto que gostaria de ressaltar está ligado à formação de grande parte dos colaboradores. Em diversos casos a Licenciatura em Matemática não foi a primeira opção de graduação. Muitos já exerciam outras profissões, mas com o passar dos anos se perceberam ministrando aulas. Eles foram escolhidos pela profissão de professor de matemática e acabaram irreversivelmente apaixonados por ela. Esta constatação também se confirma pelos relatos de várias experiências boas, de felizes recordações que seguem a explicação de como se tornaram professores. Percebemos nas transcrições das falas dos professores poucos relatos de experiências ruins no colégio, pois as experiências ruins estão associadas à vivência fora do CMC, ou seja, o ambiente parece reforçar a motivação e o prazer que sentem em exercer o seu trabalho como docentes.

Sobre o ambiente, o Colégio Militar de Curitiba, os professores citam duas características centrais que fora do contexto em que estão inseridas poderiam parecer concorrentes: o colégio é conteudista, cumprindo seu papel preparatório, e oferece apoio ao trabalho do professor e ao aluno, cumprindo seu papel assistencial.

A preocupação com o conteúdo está presente em muitas falas como um ponto positivo, do qual os professores se orgulham, que lhes permite realizar o desejo, que em outros lugares não foi possível, de ensinar de “maneira plena” e avaliar da maneira que consideram “mais completa”.

O apoio que o aluno recebe da Seção Psicopedagógica, da Seção de Estudos e Práticas Pedagógicas e dos professores das seções de ensino, também favorece o trabalho do professor e permite a compreensão de que a sala de aula não é o único ambiente de aprendizado: o aluno terá outras oportunidades para aprender dentro do mesmo espaço e tempo.

O contato entre professor e aluno também é diferente. Apesar de toda a rigidez e rigor nos processos o professor está próximo do aluno e, nas palavras de alguns professores, mais do que isso: existem relações de amizade. Ambos estão do mesmo lado de um campo de batalha. O regime disciplinar e o respeito herdado das tradições militares, segundo os relatos dos professores, ao contrário de afastar, aproximam alunos e professores criando laços que são lembrados nesta dissertação.

Finalmente, podemos apontar o contato entre dois tipos distintos de alunos: os amparados e os concursados. Dentro de uma mesma sala de aula convivem jovens de realidades e vivências muito diferentes. Alguns alunos tiveram a oportunidade de viver nas fronteiras e territórios mais remotos do Brasil, de cursar modalidades de ensino a distância buscando superar as más condições de transporte de sua cidade, de conhecer e participar de outras culturas, de outros climas e de outras paisagens. Esses alunos têm, segundo os relatos dos colaboradores, uma bagagem de experiências e vivências em cidades diferentes o que faz da estadia em Curitiba mais um desafio, mais um ponto de sua rota, que continuará, passados dois anos, tempo em que um militar costuma ser transferido.

Por outro lado, o aluno concursado precisou concorrer com outras 49 crianças para garantir a sua vaga. Ele e sua família se prepararam durante anos, enfrentaram longas jornadas de estudo diárias, cursinhos preparatórios para ter uma bagagem de conhecimento que o permitisse vestir o vermelho garança.

Juntos em uma mesma sala essas culturas acabam sendo compartilhadas e modificadas elevando a produtividade da turma e criando no limite um equilíbrio que atenua as diferenças: torna-se difícil apontar quem é o concursado, quem é o amparado.

A intenção de elencar todas essas falas, passa também pelo desejo de refletir sobre os resultados desta escola pública: o que contribui para o seu sucesso, como ele foi e é construído ao longo dos anos?

A reflexão sobre as lembranças destes professores faz surgir diversas respostas para esta pergunta. Contudo, é preciso lembrar que comando, alunos e

funcionários também fazem parte desta história e têm suas contribuições neste processo.

Na conclusão deste trabalho creio importante registrar que cada texto é resultado de um longo processo de leitura, pesquisa, reflexão e amadurecimento e carrega um pouco do seu autor, provocando nele sensações diferentes ao longo do tempo. Sem dúvida, a parte que em mim provoca as melhores reflexões é aquela em que apenas participo provocando as narrativas dos meus colaboradores: as entrevistas.

Foram os relatos desses professores, vistos como unidades, que nos permitiram viver os seus problemas como nossos ou os nossos problemas como deles, fazer parte desta história, compartilhar e recriar as suas experiências, refletir sobre um semelhante, um professor, sem estar fisicamente olhando em seus olhos. Este trabalho revela uma parte da nossa responsabilidade por conservar a memória, deste e de outros colégios, e a importância do registro do que dizem os professores de matemática sobre suas aulas e seus alunos.

Mesmo cercado de livros, de pessoas, de alunos e de colegas de trabalho, o professor continua a exercer um trabalho solitário. Menos solitário, talvez, do que o trabalho de professores de outras instituições, mas ainda assim, no momento em que fecha a porta de sua sala está sozinho com suas concepções, com os modelos de sua infância e com seus livros preferidos. Algumas vezes a tecnologia é convidada a entrar, mas toda reflexão e conclusão ficarão guardadas entre essas quatro paredes.

Zeldin (1996) nos conta como o ato de conversar pode ser aprendido e pode dar bons frutos. Por meio de diversas entrevistas com funcionários públicos, famílias e mulheres de uma cidade francesa chamada Cognac ele ilustra a grande dificuldade da humanidade em travar conversas e boas conversas. Na época em que foi feita sua pesquisa Cognac contava com 22000 habitantes e merecia uma visita, segundo o autor, sobretudo porque adquiriu consciência dos seus silêncios. O cuidado com as palavras e a dificuldade em encontrar no outro um ouvinte interessado convivem com os moradores tanto do centro quanto da região rural desta cidade. Não havia um possível interlocutor para as conversas: pais não conversavam com os filhos, maridos não conversavam com as esposas, não se podia conversar à mesa, os funcionários tinham medo de que suas conversas pudessem comprometer o Estado, as mulheres mostravam atitudes agressivas em conversas com outras mulheres, ou seja, nas palavras de uma das entrevistadas,



suas melhores conversas eram travadas com o cachorro, pois era o único que podia entendê-la.

Esta situação estava mudando graças à iniciativa de doze grupos de mulheres que se reuniam semanalmente para discutirem leituras mensais e conversar sobre ideias, religião e Europa. Estas mulheres chegaram até mesmo a promover festivais literários e graças aos seus esforços a cidade já contava com três livrarias.

Este exemplo parece extrapolar as conclusões desta pesquisa, contudo, podemos fazer analogias à escassez de diálogo e registros sobre a prática e a vivência dos professores. Vários fatores contribuem para que as “conversas de corredor”, nas palavras de um dos professores entrevistados, não aconteçam: a falta de tempo, a falta de liberdade e principalmente a falta de hábito.

Nas palavras de Zeldin (1995, p. 35):

“Por que, após séculos de experiência, os humanos continuam ineptos, rudes, desatentos na conversa, com cerca de 40% de americanos educados de forma a considerar o silêncio inamistoso – e, no entanto queixando-se de que são muito tímidos para falar livremente? A resposta é que a conversação está ainda na infância.”

O medo de errar, e os provérbios sobre tolos faladores ainda estão muito presentes na mente das pessoas, mas segundo Zeldin, para que nasçam as ideias é necessário um “parteiro”. Esta pesquisa permitiu conhecer um pouco da vida destes professores, tomar parte em suas vivências e refletir sobre a própria prática. Isso, acreditamos, favorece novas conversações, pois agora podemos olhar o outro a partir de novos pontos de vista.

As entrevistas transcritas nesta dissertação permitem aos ouvintes ter a sensação de estarem presentes na discussão e de serem confidentes das memórias narradas, e é este sentimento que motiva e abre espaço para conversas, trocas, discussões e criação de novos conhecimentos. Pois, nas palavras de Zeldin (1995): “somente quando aprendem a conversar as pessoas começam a ser iguais”.

Desta forma espero, com este trabalho, abrir espaço para a conversa entre professores de matemática no Colégio Militar de Curitiba e fora dele.

## REFERÊNCIAS FONTE

Arquivo Documental do Colégio Militar de Curitiba.

Acervo Fotográfico do Colégio Militar de Curitiba.

BRASIL, Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Boletim de Exército nº 52. Rio de Janeiro. 1958.

BRASIL, Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Ofício nº 1065/c. Rio de Janeiro. 1956.

BRASIL, Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Portaria Ministerial nº 690. 1993.

BRASIL, Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Portaria Ministerial nº 042. 2008.

BRASIL, Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Portaria Ministerial nº 076. 2009

BRASIL, Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Portaria Ministerial nº 582. 2009.

BRASIL, Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Portaria Ministerial nº 014. 2010.

BRASIL, Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Portaria Ministerial nº 019. 2010.

BRASIL, Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Portaria Ministerial nº 852. 2010.

BRASIL, Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Portaria Ministerial nº 075. 2011.

BRASIL, Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Colégio Militar de Curitiba. Regulamento Interno dos Colégios Militares – RI/CM. 2009.

BRASIL, Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Colégio Militar de Curitiba. Manual do Aluno. 2014.

MARTINS FILHO, Armando. Colégio Militar de Curitiba 50 anos de História. **Kur' yt' yba Revista Científica do Colégio Militar de Curitiba**, Curitiba, v.1 n.1 p.9 – 19, Out. 2009.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. 8ª Edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BORBA, Marcelo de Carvalho. (Org.). **Tendências Internacionais em Formação de Professores de Matemática**. Tradução de Antonio Olimpio Junior. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

BORBA, Marcelo de Carvalho; ARAUJO, Jussara de Lóiola. (Orgs.). **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. 3ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

COLASSANTI, Marina. **A morada do ser**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1978.

COXFORD, Arthur F.; SHULTE, Albert P. **As ideias da álgebra**. Tradução de Hygino H. Domingues. São Paulo: Atual, 1995.

FOUCALT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução de Salma Tannus Muchail. 9ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabiola. **História Oral: como fazer, como pensar**. 2ª Edição. 1ª Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. Tradução: Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ZELDIN, Theodore. **Uma história íntima da humanidade**. Tradução: Hélio Pólvora. Rio de Janeiro: Record, 1996.

## REFERÊNCIAS ACADÊMICAS SOBRE OS COLÉGIOS MILITARES

Abaixo estão listados trabalhos acadêmicos sobre os colégios e instituições de ensino militares ou sobre situações que têm como cenário os colégios e instituições de ensino militares. Foram encontrados em bancos virtuais de dissertações e teses e organizados pela data de publicação (do mais recente para o mais antigo). A maior parte destas obras não foi encontrada disponível na íntegra, contudo, todos os resumos fazem parte do conjunto de anexos desta dissertação.

ALBUQUERQUE, Andréa Carvalho de Castro. **Atenção, Sentido!, a educação à distancia esta presente na caserna.** 2011. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Formação Humana) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

AMARAL, Marilea Lima Prazeres. **Educação militar pós-1985: os currículos da escola de comando e estado maior do exército (ECEME).** 2007. Dissertação – Universidade Federal de Pernambuco.

CARDOSO, Maria Luiza. **Educação de crianças e jovens nas academias militares do Conde de Resende (Rio de Janeiro: 1792 – 1801).** 2009. Tese – Universidade de São Paulo.

CARVALHO, Gustavo Quevedo. **O uso de jogos na resolução de problemas de contagem um estudo de caso em uma turma do 8º ano do Colégio Militar de Porto Alegre.** 2009. Dissertação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

CERQUEIRA, Homero de Giorge. **A disciplina militar em sala de aula: a relação pedagógica em uma instituição formadora de oficiais da Polícia Militar do estado de São Paulo.** 2006. Dissertação – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

FILHO, Arnaldo de Carvalho. **Educação a Distância: a Experiência em uma Organização Militar com Sede no Rio de Janeiro.** 2006. Dissertação – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

GRUNENVALDT, José Tarcísio. **A educação militar nos marcos da Primeira República: estudo dos regulamentos do ensino militar (1890 – 1929).** 2005. Tese - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

LEAL, Fabiana Maria. **“Por trás dos portões” – a disciplina no Colégio Militar de Curitiba (1959 – 1964)**. 2009. Monografia – Universidade Tuiuti do Paraná.

LIMA, Jaqueline Andrade Botelho. **Educação ambiental e interdisciplinaridade: desafio ou realidade no Colégio Militar de Belo Horizonte?** 2008. Dissertação – Educação – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

LUIZ, Ronilson de Souza. **Ensino policial militar**. 2008. Tese - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MARCUSSO, Marcus Fernandes. **A Escola Militar do Realengo e a formação do oficial do Exército Brasileiro (1904 – 1929)**. 2012. Dissertação – Universidade Federal de São Carlos.

MARTINO, Marcio Constantino. **O ensino de geometria na formação do oficial do Exército Brasileiro**. 2001. Dissertação – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

MELOS, Marcia Rejane Riccioni de. **A busca da percepção da relação homem/natureza dos alunos do Colégio Militar de Campo Grande, por meio de ações desenvolvidas num projeto interdisciplinar**. 2005. Dissertação – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

MESQUITA, Simone Vieira de. **História do ensino secundário no Ceará: entre documentos, revistas, jornais e memórias do Colégio Militar de Fortaleza (1962 – 1968)**. 2011. Dissertação – Universidade Federal do Ceará.

MORMÊLLO, Bem Hur. **O ensino de matemática na Academia Real Militar do Rio de Janeiro, de 1811 a 1874**. 2010. Dissertação – Instituto de Matemática, Estatística e Computação Científica da Universidade Estadual de Campinas.

NASCIMENTO, Juliano Farias. **ENSINO MILITAR NO BRASIL: UM ESTUDO SOBRE O ESTADO DA ARTE DO ENSINO MILITAR EM NÍVEL SUPERIOR**. 2013. Dissertação – Universidade Tuiuti do Paraná.

OLIVEIRA, Ailton Souza de. **Autonomia vigiada: caminhos para a Construção da identidade profissional dos docentes do Colégio Militar de Campo Grande – MS**. 2007. Dissertação – Universidade católica Dom Bosco.

PEREIRA, Elio Gomes. **O ENSINO NA ACADEMIA DA POLÍCIA MILITAR EM GOIÁS: MATRIZES CURRICULARES – MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS 1970 – 2012**. 2013. Dissertação – Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

PEREIRA, Rodrigo. **Aplicação da competência em informação no contexto escolar: uma experiência no Colégio Militar de Campo Grande – MS.** 2010. 228 f. Dissertação( Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

PINEDA, Silvana Schuler. **O casarão da várzea visto por dentro: trajetórias escolares de alunos do Colégio Militar de Porto Alegre.** 2009. Tese – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

REZENDE, Thelmy Arruda de. **Meninas! Aqui?: a experiência constitutiva das alunas pioneiras do Colégio Militar de Brasília 1989 – 1995.** 2009. Tese – Universidade de Brasília.

RIBEIRO, Dulcyene Maria. **A formação dos engenheiros militares: Azevedo Fortes, matemática e ensino da engenharia militar no século XVIII em Portugal e no Brasil.** 2009. Tese – Universidade de São Paulo.

ROBBI, Adelson. **Alinhamento de gestão por processos e estratégias: aplicação em uma organização de ensino militar.** 2006. Tese – Faculdade de Engenharia Mecânica da Universidade Estadual de Campinas.

SANTOS, Cleber Borges dos. **Desigualdades escolares: as diferenças de rendimento escolar dos alunos amparados e concursados no Colégio Militar de Fortaleza.** 2011. Dissertação – Universidade Federal do Ceará.

SANTOS, Raimunda Delfino dos. **A genealogia dos regimentos internos do Colégio da Polícia Militar de Goiânia.** 2010. Dissertação – Universidade Federal de Goiás.

SILVA, Aguinaldo Salomão. **A prática pedagógica da educação ambiental: um estudo de caso sobre o Colégio Militar de Brasília.** 2008. Dissertação – Universidade de Brasília.

SILVA, Copérnico Mota da. **Gestão estratégica da educação no Colégio da Polícia Militar da Bahia: realidades e perspectivas.** 2008. Dissertação – Universidade Federal de Alagoas.

SILVA, Cristina Rodrigues da Silva. **A casa e o quartel: uma análise antropológica sobre o Exército e a Academia Militar dos Agulhas Negras.** 2010. Dissertação – Universidade Federal de São Carlos.

SILVA, Denise Rampazzo da. **Do discurso à prática pedagógica: formas de resistência no Colégio da Polícia Militar**. 2008. Dissertação – Universidade de São Paulo.

SILVA, Fernando Monteiro. **ANÁLISE DO PERFIL DOS COLÉGIOS MILITARES BASEADO EM DADOS DE RENDIMENTO DE ENSINO**. 2005. Dissertação – Universidade Federal de Santa Maria.

SIMÕES, Robson Fonseca. **Escritas à deriva: testemunhos efêmeros sobre os tempos da escola nas comunidades do Orkut**. 2012. Tese – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

SOUZA, Sirley Aparecida. **VIOLÊNCIAS E SILENCIAMENTOS: A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO FENÔMENO BULLYING, ENTRE JOVENS DE UMA ESCOLA MILITAR EM GOIÂNIA**. 2012. Dissertação - Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

VILLAMIZAR SAYAGO, Doris Aleida. **O infernato: a reprodução de um grupo no Colégio Militar de Brasília**. 1994. 114, [31] f., il. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 1994.